

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

***“SOLDADOS DE CRISTO REY”: REPRESENTAÇÕES DA
CRISTERA ENTRE A HISTORIOGRAFIA E A LITERATURA
(MÉXICO, 1930-2000)***

Caio Pedrosa da Silva

Dissertação de Mestrado

Área: História Cultural

Linha de pesquisa: Narrativas e Representações

Orientador: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto (IFCH/Unicamp)

Julho / 2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387**

C38s **Silva, Caio Pedrosa**
**Soldados de Cristo Rey: representações da Cristera entre a
historiografia e a literatura (México, 1930-2000) / Caio Pedrosa
Silva. - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.**

Orientador: José Alves de Freitas Neto.
**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Rebelião Cristera, 1926-1929. 2. Literatura mexicana.
3. México – História, 1930-2000. 4. México – História – Revolução,
1910-1940. 5. México – Historiografia. I. Freitas Neto, José Alves
de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas. III. Título.**

**Título em inglês: Soldados de Cristo Rey: representations of Cristera between
historiography and literature (Mexico, 1930-2000)**

**Palavras chaves em inglês (keywords) : Cristero Rebellion – 1926-1929
Mexican literature
Mexico – History – 1930-2000
Mexico – History – Revolution, 1910-1940
Mexico – Historiography**

Área de Concentração: História Cultural

Titulação: Mestre em História

**Banca examinadora: José Alves de Freitas Neto, Leandro Karnal, Gabriela
Pellegrino Soares**

Data da defesa: 06-07-2009

Programa de Pós-Graduação: História

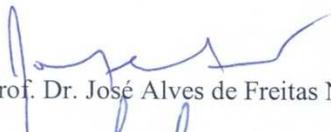
CAIO PEDROSA DA SILVA

***SOLDADOS DE CRISTO REY: REPRESENTAÇÕES DA CRISTERA
ENTRE A HISTORIOGRAFIA E A LITERATURA (MÉXICO, 1930-
2000).***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 06 / 07 / 2009

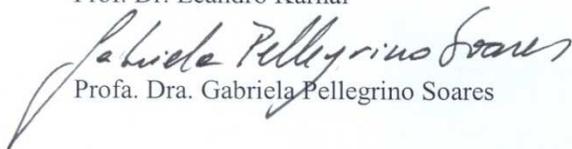
BANCA



Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto (orientador)



Prof. Dr. Leandro Karnal



Prof. Dra. Gabriela Pellegrino Soares

Prof. Dra. Eliane Moura da Silva (suplente)

Prof. Dra. Janice Theodoro da Silva (suplente)

JULHO/2009

Agradecimentos

Agradeço à minha família – minha mãe, Beth, meu pai, Hermani, tio Alejandro, tio Dindão, Anita, Érico – pelo apoio dado durante o período da pesquisa.

Aos meus amigos: Danilo, Klebão, Laura, Taís, Raquel, Leca, Gustavo e todos do bloquinho. Aos jogatineiros: Elisa, Arthur, Daniel, Jerê e Fernando.

Ao amigo, já há muito distante, Marcelo Cunita.

Não poderia deixar de mencionar Maria Granados, que muito ajudou com estadia e hospitalidade no D.F..

Agradecimentos especiais vão para Pavani e Breno, amigos que ajudaram demais desde o início dessa pesquisa.

À Mari, pelo amor, paciência e pela leitura atenta.

Agradeço a todo pessoal do Grupo de Estudos de História da América; as discussões ali iniciadas foram muito enriquecedoras.

Agradeço também aos professores Eliane Moura, Leandro Karnal, Janice Theodoro e Luiz Estevam Fernandes, cujas contribuições foram bastante valiosas para esse trabalho.

Ao orientador e amigo, José Alves, pelos momentos acadêmicos e outros nem tanto que dividimos nesses seis anos.

Agradeço, por fim, ao CNPq e à Fapesp, pelo financiamento desta pesquisa.

ÍNDICE

Agradecimentos	p. 5
Resumo	p. 9
Introdução	p. 11
Capítulo 1: Historiografia Cristera	p.25
1.1) <i>Historiografia Clássica (1960-1980)</i>	p. 25
1.2) <i>Nova Historiografia Cristera (1980-2000)</i>	p. 47
Capítulo 2: Utilizações da literatura de tema cristero	p. 71
Capítulo 3: Héctor, herói cristero	p.111
3.1) <i>Herói em formação</i>	p. 112
Considerações Finais	p. 131
Bibliografia e Fontes	p. 139

Resumo

“Cristera” é como ficou conhecida a guerra em que camponeses e organizações católicas lutaram contra as posições anticlericais do Estado mexicano, contestando assim o regime revolucionário instituído. Essa guerra (1926-1929), que só foi considerada um tema importante para os estudos historiográficos a partir da década de 1960, foi antes representada na literatura, especialmente novelas nas quais não era apenas um pano de fundo para a trama, mas o próprio motivo da escrita. Dessa maneira, alguns textos literários foram produzidos com o intuito de justificar a guerra, do ponto de vista de revolucionários ou de católicos. No presente trabalho pretende-se investigar as maneiras como se entrelaçam as representações literárias da Cristera e aquelas realizadas pelos historiadores, tendo em vista como os pesquisadores utilizaram o material literário como fonte histórica, quais desafios e temáticas a respeito da Cristera essa literatura lança para os estudos históricos, e as diferenças com que literatura e historiografia trataram o mesmo tema histórico. Para tanto, utilizaremos como material de análise textos historiográficos e de crítica literária que trataram das novelas cristeras, assim como a novela *Héctor* de Jorge Gram, que tem como um dos motivos principais da sua escrita justificar a participação dos católicos na guerra.

Palavras-chave: Rebelião Cristera; Literatura Mexicana; México – História (1930-2000); México – História – Revolução (1910-1940); México – Historiografia.

Abstract

"Cristera" is the name by which it became known the war in which peasants and Catholic organizations fought against the anticlerical statements of the Mexican State, thus challenging the established revolutionary regime. This war (1926-1929), which was considered an important issue for historiographic studies only in the 1960s, was before that represented in literature, especially in novels in which it was not merely a backdrop to the plot, but the very reason for writing. Thus, some literary texts were produced in order to justify the war, from the point of view of revolutionaries or of Catholics. This work aims to investigate the ways by which the literary representations of the Cristera and those made by historians intertwine, paying particular attention to how the researchers used the literary material as historical source, to which challenges and issues concerning the Cristero this literature casts for historical studies, and to the differences with which literature and historiography treated the same historical theme. Therefore, we will employ, as material for analysis, texts of historiography and literary criticism which deal with Cristero novels, as well as the novel *Héctor*, by Jorge Gram, which counts, as one of the main reasons to its the writing, justifying the participation of Catholics in the war.

Keywords: Cristero Rebellion (1926-1929); Mexican literature; Mexico – History (1930-2000); Mexico – History – Revolution (1910-1940); Mexico – Historiography.

Introdução

Pouco conhecida no Brasil, a Rebelião Cristera (1926-1929) foi um conflito armado cujo histórico está relacionado aos desdobramentos da Revolução Mexicana iniciada em 1910.¹ Depois de sete anos de sangrentas disputas entre variados grupos revolucionários e contra-revolucionários, a promulgação da Constituição Mexicana em 1917 teria inaugurado um novo período na vida revolucionária. Conhecido como *Revolução Institucional*, esse é um momento em que a luta armada não era mais considerada uma opção revolucionária pelo grupo dominante, que dali em diante colocaria em prática de maneira medidas institucionais, que supostamente contemplariam o ideário da Revolução vencedora.

O estabelecimento de um Estado laico com mínima influência da Igreja católica nos assuntos políticos foi definido como um dos pilares constituidores do Estado mexicano lançados em 1917. Laicizar o México era um importante objetivo do pensamento político liberal no país já durante o século XIX, e teve um grande passo dado com o intuito de atingir esse objetivo – não sem disputa contra a Igreja católica, camponeses católicos e grupos conservadores – com a Constituição de 1857. Apesar disso, o governo Porfírio Diaz (1876-1911), por meio da política conhecida como *pax porfiriana*, evitou o conflito direto frente à Igreja, buscando assim aglutinar poder e evitar qualquer agitação que pudesse

¹ Os historiadores que estudam a Cristera referem-se a ela de forma heterogênea. Alguns a classificam como uma *rebelião*, como é o caso de Nicolas Larin (LARIN, Nicolás. *La rebelión de los cristeros*. México, DF: Era, 1968); já Ramón Jrade, em alguns momentos, tendo em vista os fatores que teriam levado os católicos a se engajarem na guerra, se refere a um “fenômeno cristero” (JRADE, Ramon. “Inquiries into the Cristero Insurrection against the Mexican Revolution”. LATIN AMERICAN RESEARCH REVIEW, v. 20, n. 2, pp. 53-69, 1985. p. 66); no mesmo sentido está a utilização do termo *movimiento* (MEYER, Jean. *La Cristiada*. México, DF: Siglo XXI, 1988. v. 3. p. 43.); também é comum a expressão *Guerra Cristera* (GUERRA MANZO, Enrique. “Guerra cristera y orden público en Coalcomán, Michocán, 1927-1932”. HISTORIA MEXICANA, v. 51, n. 2, pp. 325-362, Octubre-Diciembre 2001.). Não sendo nosso intuito defini-la e enquadrá-la dentro de princípios fluidos, utilizaremos todas estas expressões ao longo desta dissertação, geralmente orientados pelos termos utilizados pelos autores.

trazer risco para seu projeto modernizador, ou seja: não perseguiu os católicos e não buscou aplicar os artigos anticlericais presentes na Constituição. Ao mesmo tempo, durante o porfiriato, especialmente a partir da encíclica *Rerum Novarum* (1891), setores da Igreja católica se voltaram fortemente para a ação social no México, criando sindicatos e outras organizações no interior da sociedade civil, de modo a ampliar a sua ação na vida pública mexicana. Com a Revolução e o fim do porfiriato, um anticlericalismo renovado e o pensamento laicizante, presentes nas idéias de diversos, mas não de todos², grupos revolucionários, lograram que na Carta de 1917 fossem incluídos artigos que buscavam restringir a participação religiosa no espaço público daquele país.³

No México, o anticlericalismo teve especial presença entre grupos políticos ilustrados, que viam a Igreja católica como representante do colonialismo espanhol e ligada ao grupo conservador que governou o país logo após a independência.⁴ Contudo, podemos dizer que existiam diversas camadas de anticlericalismo que se sobrepunham no heterogêneo grupo hegemônico que elaborou a Constituição de 1917, entre elas: a tradição liberal reformista do século XIX que buscava laicizar a sociedade mexicana; o anticlericalismo cientificista que buscava afrontar as crença e práticas católicas, e, em seus

² O exército zapatista, por exemplo, é conhecido por aliar a religião à sua busca pela justiça no campo. Durante a presidência de Francisco Madero (1911-1913) é fundado o Partido Católico Nacional (PCN), que obteve um bom resultado nas eleições de 1912, conseguindo cargos importantes nas regiões Centro e Oeste. Em Jalisco e Zacatecas, o partido conseguiu não só eleger governadores como também dominar o legislativo.

³ Os artigos da Constituição de 1917 considerados anticlericais são: o terceiro artigo, no qual não se permitia a instrução religiosa e o estabelecimento de ordens monásticas; o artigo de número 5 ao não permitir ao cidadão mexicano recusar a sua liberdade individual, e proíbe também o estabelecimento de ordens monásticas; no artigo 24 a Constituição afirma a liberdade de culto, mas restringe a sua realização a espaços privados e sob vigilância de autoridades federais, de forma que estaria a cargo dos estados da nação limitar o número de sacerdotes; o artigo 130 vetava a toda autoridade religiosa comentar qualquer fato político.

⁴ Jean Meyer afirma que o movimento de independência mexicano teve participação do clero e teve, em certa medida, um caráter religioso. Nesse momento, a elite crioula da Nova Espanha, por conta das reformas liberais ocorridas na Espanha na década de 1820 que visavam entre outras coisas a separação da Igreja e do Estado, se voltou contra os espanhóis e depois da guerra alcançaram a sua independência. Assim, embora a Independência não possa ser resumida a um movimento de religiosos, a Igreja e a religião católica tiveram uma importante participação. A primeira Constituição do México de 1824, estabelecia o catolicismo como religião oficial. MEYER, Jean. *La Cristiada*. México, DF: Siglo XXI, 1988. v.2. p. 17.

ímpetus mais radicais, pretendia banir o catolicismo do México; e a camada que disputava com os setores católicos os mesmos espaços e pretendiam atingir o mesmo público.

A década de 1920 foi marcada pela ascensão do grupo de Sonora – estado do noroeste do México –, que dominou a política mexicana nesse período. Esse grupo elegeu presidentes e estabeleceu controle por meio de um Estado centralizador focado na figura do líder: primeiro Álvaro Obregón (1920-1924), e depois Plutarco Elías Calles (1924-1928). O grupo de Sonora estivera presente na Constituinte e sua atuação fora marcada, entre outras coisas, pelo anticlericalismo. Calles deu continuidade ao programa de centralização do Estado, criando um partido político – Partido Nacional Revolucionário (PNR), que posteriormente se transformaria no PRI (Partido Revolucionário Institucional) – que buscava dar coesão aos antigos revolucionários e evitar grandes disputas nas sucessões presidenciais. Contudo, Calles abandonou a política religiosa dos governos revolucionários de Venustiano Carranza (1917-1920) e Obregón, que evitavam um confronto direto com os católicos, embora evitassem confronto também com aqueles setores mais anticlericais da política mexicana, alguns deles membros do governo, governadores de Estado etc. Diante dos avanços de Obregón na centralização do Estado, o governo Calles entendeu que aquele era o momento de colocar em prática os artigos de fundo anticlerical presentes na Constituição de 1917.

O golpe definitivo de Calles veio no decreto de 2 de julho de 1926, o qual reformava o Código Penal. O novo Código, embasado na Constituição, tipificava os crimes religiosos: padres e clérigos que criticassem as leis ou o governo teriam de um a cinco anos de prisão; atos religiosos celebrados fora das igrejas seriam punidos; ficava proibido o uso de roupa ou qualquer material que identificasse seu portador como membro da Igreja; ficava proibida também a educação confessional. Com o Código Penal a relação entre

católicos e governo federal se acirrou e levou a um impasse. Diante da estagnação das negociações, o Comitê dos bispos mexicanos, com aval do Vaticano, decidiu no dia 24 de julho pela suspensão do culto católico nas igrejas mexicanas. Sem poder frequentar a missa, camponeses católicos se uniram, agarraram suas armas, e deram início a um conflito que duraria três anos. Algumas organizações católicas urbanas, especialmente a LNDLR (Liga Nacional de Defesa da Liberdade Religiosa) – órgão criado em 1924 para conduzir a resistência católica à perseguição religiosa –, tentaram de alguma maneira organizar os exércitos cristeros, mas os guerreiros católicos se dividiam em vários exércitos, mais ou menos independentes um do outro, que ficavam conhecidos pelo nome de seu líder.

Geralmente pensada como o último suspiro das forças conservadoras, uma espécie de Vendéia mexicana, a Cristera trouxe à tona uma série de personagens que desde o fim das guerras revolucionárias estavam em um relativo silêncio. O conflito entre camponeses católicos (os *cristeros*) e soldados federais envolveu ainda camponeses beneficiados pela reforma agrária, conhecidos como agraristas, que apoiaram o governo. Dessa forma, além da questão religiosa, entra no denominador da guerra o problema agrário, cuja importância na Cristera tem despertado um debate particular registrado pela historiografia. Embora a maior parte dos exércitos cristeros fosse formada por camponeses, a movimentação armada ocorreu também nas cidades, onde as organizações católicas parecem ter tido um grande papel. O peso de camponeses e cidadãos na guerra é também questão polêmica na historiografia, que ora lança luz sobre um grupo, ora sobre outro. A hierarquia Igreja católica, por sua vez, lidou com a guerra de maneira ambígua, não apoiando nem condenando explicitamente os rebeldes, ao passo que alguns padres e bispos incentivavam ou participavam da guerra. Apesar de ter ressoado em todo território mexicano, os embates aconteceram principalmente nas regiões Central e Noroeste do México com destaque para

os estados de Jalisco, Michoacán, Durango, Guerrero, Colima, Nayarit e Zacatecas.

Em 1929, já durante a presidência de Emilio Portes Gil – na qual Calles ainda era figura poderosa –, diante do impasse gerado pela guerra, a Igreja católica e o governo federal, depois de longas negociações mediadas pelo embaixador norte-americano Dwight Whitney Morrow, assinaram os chamados *arreglos*, os acordos que restabeleceram o culto nas Igrejas mexicanas e levaram a um progressivo fim à guerra. No entanto, muitos cristeros não se desarmaram e acabaram posteriormente prolongando os conflitos, mesmo que de forma pontual, no interior do país. Logo três anos depois do acordo, tem início a segunda Cristiada, um movimento mais difuso que deve como um de seus principais inimigos o programa de educação laicizante que realizava o governo federal. A Segunda, como também ficou conhecida, atraiu um número menor de revoltosos e manteve afastados tanto a hierarquia eclesiástica como homens poderosos do campo. Contudo, nesse segundo momento o Estado Mexicano também era outro: mais centralizado depois de anos de instabilidade política, conseguiu evitar que a batalhas ganhassem espaço nos corações e mentes da população mexicana. Além disso, a intensificação da divisão de terras durante o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940) ganha simpatia de diversos camponeses que assim abandonam a luta.

Apesar dos estudos historiográficos específicos a respeito do conflito terem surgido somente a partir da década de 1960, antes disso a Cristera havia sido tema de uma série de textos literários, entre eles, novelas, testemunhos e história de vida de rebeldes – textos que flertam com a hagiografia. A literatura de tema cristero, dessa maneira, consiste em um vasto material escrito a partir do final da primeira guerra cristera em 1929. Não obstante

abarque diferentes manifestações literárias⁵, a novela⁶ foi o formato preferencialmente escolhido por autores que buscavam criar uma trama ficcional que se desenrolava no período da revolta. Contudo, algumas dessas novelas não tiveram a Cristera apenas como pano de fundo de suas histórias; em alguns casos a Cristera foi um objeto importante do texto, de modo que esses textos podem ser considerados como uma representação da Cristera e como uma tentativa de perpetuar uma memória a respeito daquele conflito. Além disso, muitos autores que escreveram novelas estiveram envolvidos de alguma maneira na Guerra Cristera, ou mesmo se sentiram impelidos a, por meio do texto ficcional, marcar uma determinada posição frente à rebelião.

Mesmo que nem sempre considerada como fonte histórica válida, a literatura não deixou de ser citada por alguns textos da historiografia cristera como um espaço de interpretação da guerra religiosa. Dessa maneira, a literatura – notadamente as novelas – foi considerada por alguns historiadores, mesmo quando rechaçadas por “falsificar” o passado, como um local no qual se buscou consolidar uma determinada leitura a respeito da Rebelião Cristera. Além disso, as novelas começaram a ser escritas logo após o fim da Cristera quando o partido que se afirmava como herdeiro e continuador da Revolução Mexicana, o PRI, era hegemônico no México e quando o discurso oficial era predominante nas leituras históricas do conflito religioso. As novelas foram nesse momento um dos poucos espaços em que se verificou um posicionamento crítico perante o discurso oficial que condenava a rebelião católica.

⁵ Alicia Olivera Bonfil, em seu trabalho a respeito da literatura de tema cristero, encontra uma grande variedade de gêneros literários: corridos, contos, versos, orações e novelas. Olivera Bonfil ressalta ainda que a novela foi o gênero predominante no período posterior ao fim da Cristera. Álvaro Ruiz Abreu amplia o leque de gêneros acrescentando o teatro e a crônica de viagem. OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *La Literatura Cristera*. México DF: INAH, 1970. p. 2. e RUIZ ABREU, Álvaro. *La Cristera: una literatura negada (1928-1992)*. México D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco, 2003.

⁶ Utilizaremos o termo *novela* no sentido hispânico do termo, por acreditarmos que sua tradução costumeira para o português – romance – parece não dar conta do sentido mais extenso que adquire na língua espanhola.

Começamos a trabalhar com a história da Rebelião Cristera em um projeto de pesquisa na graduação que resultou em uma monografia defendida no início de 2007⁷. Nessa monografia utilizamos como fonte a historiografia que tratou da Cristera, tendo em vista a maneira como cada historiador construiu a sua trama histórica, lançando luz e sombras sobre personagens, fatos e textos. Durante esse percurso as novelas cristeras nos pareceram um componente interessante na história do movimento que permanecia em um canto por demais escuro nas análises da historiografia.

Contudo, o tema das novelas cristeras tem interessado cada vez mais, tanto historiadores quanto estudiosos da literatura. No atual contexto da historiografia cristera dificilmente se procura, como acontecia nas décadas de 1960 e 1970, uma explicação totalizante da Rebelião. A Cristera hoje é estudada geralmente com um viés local, buscando, além disso, recortar no evento alguns temas, tais como a história das mulheres, ou a formação do Estado mexicano, de modo que a literatura foi procurada para tentar soltar os nós específicos de um tema, ou, às vezes, ela mesma foi vista como um nó a ser desatado. Dessa forma, pretendemos dar continuidade ao trabalho de pensar a respeito do ato historiográfico, daquilo que De Certeau chamou de “operação historiográfica”⁸, mas agora recortando o sub-tema “literatura cristera”.

Com o intuito de entender a maneira como o historiador manipulou a literatura colocamos algumas interrogações a esse *corpus* textual: que tipo de pergunta o historiador julgou que essa literatura podia responder? Que interpretações da Cristera são encontradas na literatura? Como o historiador lida com um texto ficcional como fonte histórica? O que

⁷ PEDROSA DA SILVA, Caio. *Uniformidade e especificidade nas abordagens sobre a Cristera. (1960-2000)*. Unicamp: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2007.

⁸ Segundo De Certeau, a operação histórica é fruto da relação entre um lugar – “recrutamento, um meio, uma profissão” –, um procedimento de análise – “uma disciplina” – e a construção de um texto – “uma literatura”. DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 2002. p. 66.

o discurso ficcional, tendo em vista as suas especificidades em relação ao discurso histórico, traz de questões que podem dialogar com o período em que ocorreu a Cristera?

Para tanto, além de estudarmos as análises que foram realizadas sobre a literatura ao longo do tempo, nos deteremos também sobre uma das novelas cristeras mais difundidas, *Héctor* de Jorge Gram (pseudônimo de David Ramirez).⁹ A publicação de *Héctor* ocorreu em 1930, logo depois do final da guerra, em um período no qual eram raras as interpretações a respeito da Cristera, ainda mais ao se tratar de uma interpretação que se opunha ao regime do partido revolucionário. Apesar disso, *Héctor* atingiu um relativo sucesso editorial, recebendo seguidas reedições. Ainda que o sucesso da novela seja recorrentemente lembrado por historiadores e estudiosos da literatura, isso não foi suficiente para que *Héctor* recebesse estudos mais aprofundados. Muito citada, mas pouco pensada mais profundamente, a interpretação da Cristera presente em *Héctor* ainda carece de estudos.

A escolha da novela *Héctor*, pinçada entre outras tantas novelas, se deve também ao fato desse texto ter sido eleito, por aqueles que dele se ocuparam, como uma espécie de protótipo das novelas cristeras: um texto de pretensão baixo nível literário, maniqueísta, que defende ardorosamente um dos lados envolvidos no conflito. Além disso, a constante presença de *Héctor* nas análises de novelas cristeras permite que possamos trabalhar melhor com a relação entre o discurso ficcional e o historiográfico.

Assim, ao estudar essa obra levaremos em conta que ela foi escrita dentro do gênero ficcional, de forma que a maneira como o autor da novela manuseia os recursos desse gênero torna-se fundamental para a própria elaboração de um discurso que tem como objetivo defender uma causa política. Dessa forma, tratar a novela como uma obra ficcional

⁹ GRAM, Jorge.(Dr. David Ramirez). *Hector: novela histórica cristera*. Jus: México, DF, 1966.

não significa necessariamente esvaziá-la de seu conteúdo político. *Héctor*, através da ficção, defende uma determinada causa política e um enfoque perante a história mexicana, de modo que enlaça a história da Cristera com a fita da ficção.

Estamos a par das dificuldades que emergem assim que são encadeadas as palavras história e ficção. Mas, ao mesmo tempo, estamos cientes da necessidade de enfrentar a questão, ainda que reconheçamos a impossibilidade de, pelo menos no presente texto, se fornecer respostas categóricas. A idéia de que o trabalho histórico produz necessariamente uma narrativa como resultado da sua elaboração, premissa do nosso trabalho, levou a um embaralhamento das idéias de história e ficção, de modo que, mesmo entre aqueles que têm claro para si que esses dois tipos de discurso não são coincidentes, pouco esforço de teorização foi feito no sentido de encontrar os limites de um e de outro.

Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pasavento, na apresentação do livro organizado por ambos, *Discurso Histórico e Narrativa Literária*¹⁰, procuram fornecer alguns elementos para o debate em torno das relações entre história e literatura ficcional. Eles afirmam que "Tanto a história como a literatura reconfiguram um tempo passado na composição narrativa." Mas, segundo eles, o que diferencia o discurso histórico do literário é a "modalidade de leitura". Enquanto o texto histórico inclui alguma distância entre o leitor e o discurso do historiador, o ficcional é dominado pela categoria da empatia e sua autoridade "se constrói a partir da proximidade que o leitor pode sentir com relação aos fatos distantes." A história, segundo os autores, trabalha em uma modalidade mais autoritária: "O historiador, de certa forma, aprisiona e tutela o tempo, na medida em que a tendência a

¹⁰ LEENHARDT, Jacques & PASAVENTO, Santra Jatahy. *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

afirmar a sua versão da passeidade, fixando o passado: o que 'poderia ter sido' se apresenta como 'o que foi'.¹¹

O teórico e crítico literário Luiz Costa Lima escreveu um ensaio, *História, Ficção, Literatura*¹², no qual é também possível encontrar algumas idéias que nos auxiliam nos debates a respeito das relações entre ficção e história. Costa Lima, ainda no princípio de seu texto, debate com as proposições do teórico Kenneth A. Dover e encontra nas idéias desse autor alguns passos para a diferenciação dos discursos histórico e ficcional: “(...) a preocupação com a linguagem do historiador, com suas estratégias expressivas, não tem como precondição negá-lo como autor de um discurso específico e distinto do ficcional.”¹³ Dessa forma, ainda que o texto do historiador não se esgote na realidade que descreve – nos “fatos” –, a sua aporia – procurar dar conta do que houve – não pode ser tão logo descartada. E, ao mesmo tempo, é preciso evitar que a aporia da história redunde na idéia de que o historiador descreve verdades inquestionáveis, afinal seu trabalho é sempre marcado pelo tempo e lugar social no qual é produzido.

A ficção, por sua vez, não lida com a aporia da verdade. Ainda que a ficção trabalhe de alguma maneira com as idéias de realidade/verdadeiro, ela não tem o anseio de contê-las por meio do seu texto:

[a pretensão da história] é dizer como em um tempo preciso, segundo a ótica do *lugar* que o historiador ocupa, instituições e ações se motivaram. Por aí sua diferença quanto à ficcionalidade permanece decisiva. A verdade da história sempre mantém um lado escuro, não indagado. A ficção, suspendendo a indagação da verdade, se isenta de mentir. Mas não suspende sua indagação da verdade. Mas a verdade agora não se pode entender como ‘concordância’. A ficção procura a verdade de modo oblíquo, i.e, sem respeitar o que, para o historiador, se distingue como claro ou escuro.¹⁴

¹¹ LEENHARDT, Jacques & PASAVENTO, Santra Jatahy. Op. Cit. p. 13.

¹² COSTA LIMA, Luiz. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹³ COSTA LIMA, Luiz. Op. Cit. p. 37.

¹⁴ COSTA LIMA, Luiz. Op. Cit. p. 156.

Dessa maneira, ao pensarmos nas novelas cristeras, que difundem uma explicação de uma realidade histórica, é preciso lembrar que, por mais que procurem conter um determinado momento histórico e criar uma *tese* a respeito desse momento, o ato de ficcionalizar essa realidade histórica limita o acesso à verdade – a verdade é vista de modo oblíquo – que esse tipo de texto pode atingir. Tal idéia é útil por mostrar as diferenças entre discurso ficcional e discurso histórico; no entanto, como veremos, é preciso sublinhar a importância que textos ficcionais assumem, assim como o discurso histórico, no debate político.

Antes de nos dedicarmos ao estudo dos textos que trataram da literatura cristera, é preciso olhar para a historiografia da Rebelião Cristera de um ponto de vista mais amplo, já que muitas das questões que surgem nos estudos a respeito da literatura cristera estão presentes nos debates historiográficos anteriores. Assim, o primeiro capítulo desta dissertação é destinado ao estudo da historiografia publicada a partir da década de 1960. Esse capítulo divide-se em duas partes: a primeira é dedicada à historiografia que procurou fazer grandes interpretações da Cristera, resgatando-a como tema acadêmico, de modo que destacamos nesse primeiro momento o trabalho de Jean Meyer, que produziu uma obra bastante influente, e também bastante criticada – o que confirma a sua importância. Já na segunda parte enfocaremos a produção historiográfica mais recente, que questionou a historiografia anterior por meio do estudo local e de problemas encontrados no estudo mais detido sobre questões específicas dentro do universo da Cristera. Essa renovação historiográfica foi principalmente encontrada em periódicos mexicanos e norte-americanos, que publicaram trabalhos nos quais a Cristera recebe diferentes enfoques. Lembramos que não se pretende abarcar todas as interpretações e publicações a respeito da Cristera, de

modo que recortaremos aquelas que dialogam mais intensamente com os debates trazidos pela literatura cristera.

No segundo capítulo, entraremos nos debates que envolveram as novelas cristeras na historiografia e nos estudos da literatura. Como afirmamos anteriormente, a literatura cristera foi durante longo período desconsiderada como uma representação histórica válida e também como textos importantes para a literatura mexicana do século XX, não tendo recebido estudos específicos. Mas, de qualquer maneira, mesmo que citada rapidamente, as novelas cristeras se mostram presentes, especialmente em textos que refletiram a respeito da literatura da Revolução Mexicana. Além disso, a produção a respeito especificamente das novelas cristeras tem vivido um crescimento nos últimos anos, de forma que essa produção mais recente também será estudada nesse segundo capítulo.

O capítulo seguinte será dedicado à análise da novela *Héctor*. Nesse terceiro capítulo debateremos essa novela tendo em vista algumas temáticas selecionadas a partir do contraste entre *Héctor* e os estudos sobre novelas cristeras analisados no segundo capítulo. Ao contrário de muitos dos estudiosos da obra que a rejeitaram por conta de sua baixa qualidade literária, não entraremos no mérito artístico da novela. Também não temos como objetivo verificar a veracidade da Rebelião Cristera criada pelo autor, afinal, apresentar a história tal e qual aconteceu sequer é objetivo de Jorge Gram, que escolheu escrever um texto ficcional. Para além da discussão se *Héctor* é uma obra bem escrita ou não, ou se ali visualizamos a “verdadeira” Cristera, é possível encontrar nessa novela uma importante interpretação do conflito religioso, na qual nos deparamos com personagens católicos que discordam quanto à maneira como deve se dar a resistência perante o exército callista.

Mesmo já tendo oferecido algumas pistas sobre o recorte temporal desta dissertação, consideramos importante esclarecer que separamos dois segmentos cronológicos: um

referente à literatura, que tem como marco a novela Héctor de Jorge Gram, publicada em 1930, e outro a respeito da historiografia (1960-2000), aqui incluídas também as análises a respeito da literatura. Assim, o salto da cronologia justifica-se porque nosso objetivo é, por um lado, analisar a literatura mais próxima da época da revolta, quando ainda não havia uma reflexão sistemática sobre o assunto, especialmente nos meios acadêmicos; e, por outro, temos em vista, também, pensar como essa literatura e o próprio fenômeno cristero como um todo foi analisado quando foi objeto de uma reflexão histórica sistemática, a partir da década de 1960.

Capítulo 1. Historiografia sobre a Rebelião Cristera

1.1) *Historiografia Clássica (1960-1980)*

Gustavo Guevara ao estudar a historiografia acerca do conflito religioso mexicano divide a historiografia da Revolução Mexicana em três correntes predominantes, seguindo as idéias de Allan Knight e Adolfo Gilly.¹⁵ A primeira, consolidada na década de 1950, apresenta uma “imagem mítica” da Revolução. Ligada aos interesses do Estado mexicano, forneceria legitimação ao regime comandado pelo PRI (Partido Revolucionário Institucional). Dentro dessa interpretação, a Cristera não passaria de mais um conflito no caminho da vitoriosa revolução. A segunda vertente historiográfica, nascida no final da década de 1960 e que adquiriu grande força na década seguinte, de acordo com Guevara, é a “história social crítica”, que seguindo os preceitos da historiografia acadêmica se dedicou ao trabalho com fontes revolucionárias e “contra-revolucionárias”, afastando-se assim do alinhamento ao Estado mexicano. Podemos dizer que essa vertente está na esteira da crise de legitimidade passada por um Estado que se afirmava filho e continuador do processo revolucionário. Dessa forma, não apenas segue essa tendência crítica como a aprofunda, pois questiona o principal pilar sustentador do regime dirigido pelo PRI. Nesse período a Cristera surge como um assunto interessante ao historiador, já que aqueles grupos católicos questionaram as diretrizes do recém criado Partido Revolucionário Nacional (PRN), que posteriormente mudaria de nome para PRI. O terceiro momento historiográfico, gestado na década de 1980 e que continua com força na seguinte, se define pelo aprofundamento da crítica das leituras que enaltecem os feitos da Revolução. Dessa forma, há um

¹⁵ GUEVARA, Gustavo. *La revolución mexicana: el conflicto religioso*. Avellaneda: Manuel Suárez, 2005. p. 19.

questionamento da Revolução Mexicana como uma ruptura popular, agrária, progressista, igualitária e nacionalista, até então características colocadas em xeque no que se referia à formação do Estado mexicano e não do processo desencadeado a partir de 1910.¹⁶ A variedade de visões, o questionamento dos paradigmas colocados anteriormente, a ausência de um ponto de vista paradigmático novo e amplamente aceito, os novos aportes teóricos como a micro-história, caracterizam essa nova vertente, que Guevara não deixa de criticar. Apontado pelo autor como uma visão “caleidoscópica”, essa tradição historiográfica estaria ligada à corrente pós-moderna o que, segundo Guevara, poderia levar o estudioso a seguir interpretações pouco lógicas.¹⁷

Embora tais abordagens não sejam seguidas como escolas pelos historiadores é interessante relacionar essas características gerais com a historiografia cristera produzida ao longo do tempo. Nesse sentido, buscaremos analisar também a posição que a Cristera assume com relação à Revolução Mexicana na narrativa historiográfica.

Os estudos acadêmicos especificamente a respeito da Cristera só começaram a aparecer em meados da década de 1960, momento que Guevara define como o da revisão da historiografia sobre a Revolução Mexicana. Uma das razões para o relativo silenciamento que dominou a historiografia diante do fenômeno cristero talvez seja o tratamento e o enfoque dado ao estudo da Revolução Mexicana. Parte considerável da

¹⁶ Essa divisão de fato não é dura. A segunda e terceira vertentes, conforme a definição de Guevara, encaixam-se naquilo que outros estudiosos chamaram de *revisionismo*. KNIGHT, Alan. “Revisionism and Revolution: Mexico compared to England and France”. *Past and Present*, Nº134, 1992, pp.159-199. A questão do revisionismo será aprofundada mais adiante.

¹⁷ Guevara acredita que a fragmentação da história é uma consequência da influência que as idéias pós-modernas tiveram na história. Segundo o autor, a falta de lógica nos trabalhos sobre a Cristera tende a ocorrer quando os autores radicalizam suas posições pós-modernas. No entanto, o autor não define o que entende por pós-modernismo. A falta de lógica em seu texto está relacionada ao caráter fragmentário dessa historiografia, que não produziu uma representação “unanimemente aceita”. Dessa forma, para Guevara o discurso historiográfico deve ser coeso, caminhar em um direção, e não se disseminar em diferentes veredas. GUEVARA, Gustavo. *Op. Cit.* p. 21.

historiografia referente à Revolução se mostrou simpática aos revoltosos¹⁸, não se dedicando ao estudo mais aprofundado dos grupos cristeros, que, por lutarem contra o governo que aplicava algumas das reformas exigidas pelos revolucionários na década anterior, foram caracterizados como contra-revolucionários. Ao mesmo tempo, é preciso levar em conta que na década de 1960 houve um aumento no número de trabalhos publicados em torno de temas da Revolução Mexicana.¹⁹ David Bailey afirma, ainda, que houve no México um desenvolvimento da história que se firmava como disciplina acadêmica: “*Revolutionary investigation received a major impetus in the 1960s with the inauguration of the Centro de Estudios de Historia de Mexico at the Fundación Cultural de Condamex in Mexico City.*”²⁰

O segundo momento historiográfico, quando a Cristera surge como tema de estudos específicos, teve também uma importante participação de historiadores estrangeiros. John Womack Jr. afirma que o advento da Revolução Cubana de 1959 trouxe à tona para os estudiosos norte-americanos as temáticas ligadas aos movimentos sociais no Hemisfério Sul.²¹ No momento da Guerra-Fria, as revoluções socialistas, ou simpáticas ao socialismo, eram um grande perigo para os EUA, ainda mais quando se tratavam de movimentos ocorridos na América Latina. E ainda, quando se tratavam de movimentos “democráticos”, ou seja, sem a ajuda direta dos soviéticos, essas Revoluções adicionavam um tempero de

¹⁸ WOMACK Jr., JOHN. “La Revolución Mexicana, 1910-1920”. In: BETHELL, Leslie (ed.). *Historia de America Latina* (trad. Jordi Beltran e Maria Escudero). Barcelona: Editorial Crítica, 1992. v.9. p. 78.

¹⁹ MERCHANT, Luis Anaya. Op. Cit. p.529

²⁰ BAILEY, David C. “*Revisionism and the Recent Historiography of the Mexican Revolution*”. *Hispanic American Historical Review*. Vol. 58, Nº1, 1978. pp.62-79. p.63.

²¹ WOMACK JR., John. “Mexican political Hitoriography”. In: *INVESTIGACIONES contemporáneas sobre Historia de México: Memórias de la tercera reunión de historiadoresmexicanos y norteamericanos*. Universidade Nacional Autónoma de México. México D. F.: El Colegio de México, The University of Texas at Austin, 1971. p. 479. Enrique Florescano afirma que a Revolução Cubana forneceu combustível para o estudo da Revolução Mexicana também no México. FLORESCANO, Enrique. *El nuevo pasado mexicano*. Citado por MERCHANT, Luis Anaya. “La construcción de la memoria y la revisión de la Revolución”. *HISTORIA MEXICANA*. v. 44, n. 4, pp. 525-536, Abril-Junho, 1995. p. 527.

medo ao *establishment* norte-americano, segundo Womack. A fim de evitar um evento semelhante ao da Revolução Cubana, parecia, para os norte-americanos, imprescindível entender historicamente as Revoluções e os movimentos sociais latino-americanos o que incluía a Revolução Mexicana. Dessa forma, a temática da Revolução Mexicana ganha força na academia norte-americana, embora seja preciso lembrar que os trabalhos de pesquisadores norte-americanos não estão necessariamente impregnados do discurso oficial, apresentando colorações variadas. Womack é um dos historiadores norte-americanos que aproveitou esse espaço aberto na academia norte-americana para produzir sua obra sobre o zapatismo, *Zapata e a Revolução Mexicana*²², publicada em 1970.²³

Apesar de até meados da década de 1960 as interpretações sobre o fenômeno Cristero terem se mantido praticamente fora do mundo acadêmico, pode-se mesmo afirmar que a guerra Cristera não terminou em 1929. Logo após o término dos conflitos armados muitos buscaram interpretar o conflito, alguns defendendo o Estado, outros os cristeros e a Igreja. O número de crônicas, descrições e interpretações do movimento Cristero por aqueles que ou fizeram parte, ou que se associaram a um dos lados, é muito grande²⁴, o que indica que a questão colocada nessa revolta ainda não estava resolvida, a batalha apenas passou para o campo ideológico. Como afirma Álvaro Matute:

Con una fuerte dosis de nacionalismo, la “revolución hecha gobierno” dará su interpretación de la historia de México con un fin muy claro: modelar las nuevas conciencias. Como reactivo, los católicos, durante y después de la experiencia cristera, también harán su historia su historia pragmática nacionalista, pero con su propia interpretación de la historia, de *propaganda fides*. Los grandes conflictos entre Iglesia y Estado tuvieron una repercusión abundante en el campo

²² WOMACK JR., John. *Zapata e a Revolução Mexicana*. Lisboa: Edições 70, 1980.

²³ No caso dos estudos a respeito da Cristera podemos citar dois historiadores norte-americanos que deram a sua contribuição à historiografia. David Bailey (BAILEY, David. *Viva Cristo Rey: the cristero rebellion and the Church-State Conclit in Mexico*. Austin: University of Texas Press, 1974.); e Robert Quirk (QUIRK, Robert. *The Mexican Revolution and the Catholic Church 1910-29*. Bloomington: Indiana University Press, 1973).

²⁴ BAILEY, David. *Viva Cristo Rey: the cristero rebellion and the Church-State Conclit in Mexico*. Austin: University of Texas Press, 1974. p. 320.

historiográfico. El resultado fue el establecimiento de la visión maniquea de la historia de México. El futuro de este tipo de historiografía estaba hipotecado.²⁵

Dessa maneira, a Cristera depois de 1929 foi um tema sobre o qual ocorreu uma série de debates e choques entre diferentes interpretações da história mexicana. Como aponta Matute, essas interpretações acabaram se dividindo entre o discurso oficial alinhado ao Estado, que entendia os rebeldes cristeros como contra-revolucionários derrotados, e o discurso católico que acentuava a grandeza dos cristeros, o valor de sua luta, a opressão do Estado e seu martírio. A história produzida em meio acadêmico a respeito do conflito religioso surgida na década de 1960 estava contraposta a esse discurso histórico afirmativamente alinhado a um dos lados do conflito.²⁶ Embora tenha se colocado em oposição àquela história “maniquea”, a historiografia acadêmica acabou em muitos casos defendendo um lado, heroificando, ou tornando vilões, seus personagens.²⁷

Apesar de na década de 1960 a historiografia mexicanista ter sido acrescida de vários trabalhos de pesquisadores norte-americanos por conta, em parte, da Guerra-Fria, um dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre a Cristera encontrado foi de um historiador soviético, *La Rebelión de los cristeros*²⁸. Com seu livro escrito em 1965, com edição em espanhol três anos depois²⁹, Nicolas Larin foi um dos primeiros estudiosos a levar a temática cristera para o âmbito acadêmico. O Instituto América Ibérica, fundado em 1961 na URSS deu um forte incentivo à produção historiográfica referente à Revolução Mexicana. O fim do stalinismo e o XX Congresso do Partido Comunista da URSS

²⁵ MATUTE, Alvaro. *La teoría de la historia en México (1940-1973)*. México D.F. : Septentas, 1974. p. 13.

²⁶ No âmbito geral da historiografia em torno de temas da Revolução Mexicana, na década de 1960 houve um considerável aumento no número de trabalhos publicados. MERCHANT, Luis Anaya. *Op. Cit.* p. 529.

²⁷ Ao se falar em um desenvolvimento da história acadêmica em contraponto às vinculações do Estado mexicano e da tradição católica, Matute não parte do pressuposto que esta é a corrente com a “interpretação correta”, mas apenas realça uma maior liberdade de produção e ligação com fontes e questionamentos próprios ao ofício do historiador.

²⁸ LARIN, Nicolás. *La rebelión de los cristeros*. México, DF: Era, 1968.

²⁹ LARIN. *Op. Cit.*

forneceram um novo incentivo às pesquisas que tivessem suas bases nas teorias de Marx e Lênin. Desse modo, formou-se um grupo de estudiosos soviéticos especialistas na Revolução Mexicana – Moisei Alperovich, Nikolai Lavrov, Boris Rudenko – do qual Larin também fazia parte.³⁰ Coube a esse autor o exame da rebelião católica da década 1920.

Larin inicia seu texto com um capítulo a respeito do conflito entre Igreja e Estado ao longo da história do México independente. Segundo o autor, esse período é marcado por choques numerosos e sangrentos que em muitos momentos desembocaram em “*sangrientas guerras civiles*”³¹. A causa dessa luta contínua é o próprio destino do desenvolvimento histórico global. O poder da Igreja vinha sendo confrontado desde fins do período medieval quando houve a ascensão da burguesia, de maneira que, cada país se viu diante do confronto entre Igreja e Estado de maneiras diferentes: na Inglaterra, o advento da Igreja Anglicana deixou a religião sob controle da burguesia; na Espanha, o conflito não deixou de ocorrer, sendo encontrado no momento da Constituição de Cádiz; a própria Reforma Protestante de Lutero e de Calvino é entendida como um passo nesse sentido, a vitória da burguesia sobre as forças feudais. Assim, Igreja e Estado são pensados como instituições naturalmente opostas, de modo que, no final, o Estado burguês irá conseguir sobrepujar o catolicismo. A história é entendida por Larin como uma via de mão única, ou seja, como um grande modelo que é seguido em todos os lugares do mundo.

O texto de Larin analisa a revolta dos católicos no México através de uma concepção de história “etapista”. Nesse modelo marxista, hoje bastante criticado, o trem da história segue um trilho saindo da estação feudal, o México pré-revolução, parando na estação revolução burguesa, papel, segundo Larin exercido pela Revolução Mexicana, e,

³⁰ GUEVARA. *Op. Cit.* p. 26.

³¹ LARIN. *Op. Cit.* p. 30.

por fim, depois do máximo desenvolvimento da economia capitalista, o trem chega à revolução proletária, para qual o México ainda não está preparado. Nesse sentido, o movimento cristero representa uma última tomada de fôlego das forças feudais, tendo uma importância chave para o fortalecimento da burguesia mexicana, que depois de derrotar os cristeros criou um partido político que, segundo o autor, foi o responsável pela consolidação da burguesia mexicana no poder, o que não ocorreu em outros países da América Latina³². A Igreja e os cristeros não passam de um obstáculo que a burguesia deve ultrapassar a fim de chegar a um grau mais alto da formação democrático-burguesa. A burguesia, segundo o autor, ainda não havia perdido completamente o seu ímpeto revolucionário, de forma que ao agregar as forças de camponeses e operários conseguiu fazer a Revolução vencedora ao derrotar a aliança de latifundiários, Igreja e monopólio internacional.³³ Os católicos, portanto, não lutavam somente contra as leis anticlericais, ou contra os artigos da Constituição, mas sim contra todo o programa revolucionário, que incluía exigências camponesas e operárias. A Cristera fica caracterizada como um movimento contra-revolucionário. Um dos problemas dessa conclusão é que os cristeros eram em sua grande maioria camponeses, alguns deles, inclusive, lutaram ao lado de zapatistas na década anterior.³⁴ Tendo em vista o modelo de Larín, aquele camponês que antes lutara pela Revolução agora luta contra ela, o que torna seu papel bastante complexo. Na análise do autor, o camponês cristero fica alienado da sua própria luta. Na verdade, por tentar interpretar a Cristera sem olhar para os interesses dos camponeses que a protagonizaram, Larín deixa de lado as especificidades desse movimento e questões que

³² LARIN. *Op. Cit.* p. 250.

³³ LARIN. *Op. Cit.* p. 246

³⁴ BARTRA, Armando. *Los herederos de Zapata: movimientos campesinos posrevolucionarios en México*. México: Era, 1986. p. 45.

levariam ao limite seu modelo de análise. Assim, nesse trabalho, os cristeros ou não têm interesses específicos na guerra, ou esses são pouco relevantes, pois sua luta se dá por conta de forças externas a ele.

No que se refere às fontes, Larin utiliza memórias, documentação oficial e periódicos, dos quais destaca o *El Manchete*, publicado pelo Partido Comunista Mexicano (PCM). A idéia de evolução histórica presente na obra de Larin é bastante semelhante à que está presente nos próprios textos do *El Manchete* citados pelo autor. Assim, Larin não faz nenhum tipo de crítica às fontes que emprega em seu trabalho, usando-as como uma janela para a realidade do período, sendo que a realidade colocada pelo jornal, nos trechos destacados pelo autor, é análogo àquele do modelo utilizado por Larin já que ambos compartilham os mesmos referenciais para o entendimento do desenvolvimento histórico.

Com relação ao esquema proposto por Guevara, a posição de Larin pode ser considerada ambígua, apesar desse autor colocá-lo no segundo grupo, o da história social crítica.³⁵ Além de ter sido publicado em meados em meados da década de 1960, a utilização de variadas fontes, como memórias e periódicos, reforçam a conclusão que Larin compartilha dos pressupostos do segundo momento historiográfico. No entanto, se nos detivermos com mais atenção nas suas conclusões, perceberemos que seu discurso em muito se aproxima daquele defendido pelo Estado mexicano: a Revolução Mexicana é entendida como um movimento popular, resultado da aliança dos setores urbanos (burgueses) com os camponeses e operários, que derrotou as forças reacionárias, resultado da aliança entre latifundiários e a Igreja. Embora, por outro lado, Larin considere a Revolução um movimento que levou a burguesia, ou seja, parte da elite, ao poder no México.

³⁵ GUEVARA, Gustavo. *Op. Cit.* pp. 25-27.

Assim como Larin, outros historiadores destacaram a importância da Cristera na formação e na estabilidade do Estado mexicano.³⁶ Apesar de fazer uso de esquemas *a priori*, podemos dizer que a interpretação proposta por Larin apresenta traços que voltaram a aparecer na historiografia cristera em outros momentos.

O trabalho de Alicia Olivera Sedano³⁷, lançado em 1966, é, segundo David Bailey, o primeiro estudo “desapaixonado” da rebelião *Cristera*³⁸. Olivera Sedano faz um trabalho com as fontes que pode ser considerado pioneiro, foi a primeira pesquisadora a utilizar o arquivo da LNDLR (Liga Nacional de Defesa da Liberdade Religiosa), sendo exatamente a descrição da organização da liga o ponto alto do seu trabalho. Embora se aprofunde na pesquisa de fontes, sua análise de maneira geral não sai da superfície. Excessivamente laudatório e descritivo, seu livro acaba tocando apenas de leve nas questões referentes à especificidade dos rebeldes e de sua crença. A autora, aliás, explica a participação camponesa quase que totalmente pela necessidade de terras³⁹. Se no caso dos camponeses a religião exerceria um papel pequeno, o mesmo não acontece com a elite católica, essa sim luta pela sua religião. Em seu livro, os cristeros ficam em segundo plano, quase que completamente encobertos pela ação das lideranças católicas, que, como a autora coloca, pouco participaram da luta armada.

Olivera Sedano inclui o fenômeno Cristero na longa-duração. A rebelião ocorrida no

³⁶ É o caso de Guerra Manzo, que apesar de abordar o tema de forma bastante diferente também se refere à Cristera como importante para o estabelecimento da ordem, no caso, de uma região do México. GUERRA MANZO, Enrique. “Guerra cristera y orden público en Coalcomán, Michocán, 1927-1932”. HISTORIA MEXICANA, v. 51, n. 2, pp. 325-362, Octubre-Diciembre 2001.

³⁷ OLIVEIRA SEDANO, Alicia. *Aspectos del conflicto religioso de 1926 a 1929*. México, DF: Instituto Nacional de Antropología, 1966.

³⁸ BAILEY, David. “Revisionism and the Recent Historiography of the Mexican Revolution”. THE HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW, vol. 58, nº1, February 1978, p. 75. Curiosamente nesse artigo não há nenhuma referência à obra de Larin, pode-se pensar que Bailey considere *Rebelión de los cristeros* um trabalho por demais “apaixonado”.

³⁹ OLIVEIRA SEDANO, Alicia. *Op. Cit.* p. 258.

final da década de 1920 é caracterizada como mais um dos conflitos envolvendo tradicionalistas e progressistas, que, segundo a autora, marcam a história mexicana, especialmente a partir da independência⁴⁰. Por essa razão, a autora busca rastrear os antecedentes do conflito religioso, embora se detenha mais no período pós-1910. Olivera Sedano define ainda um antecedente mais próximo que, segundo ela, explica em muito a eclosão do conflito, o apoio do braço político católico ao governo de Huerta. Antes desse fato as relações entre católicos e revolucionários eram amistosas, sendo esse o acontecimento que proporcionou uma reviravolta e o acirramento da disputa entre Igreja e Estado.⁴¹

Nesse sentido, a autora torna o grupo revolucionário homogêneo, sendo que, aparentemente na sua interpretação o programa e objetivos das forças “progressistas” não teriam mudado ao longo da Revolução, ou que não haveria diferença entre as concepções do que era revolucionário no interior desse grupo. Nessa análise, carrancistas e sonorenses compartilham dos mesmos interesses e do mesmo projeto para o México no que concerne à religião. Mais que isso, a Cristera aparece como resultado de um conflito que ocorria quase que da mesma maneira ao longo de toda história do México. O anticlericalismo de setores revolucionários não é considerado uma agressão aos grupos católicos, ao passo que o apoio dos católicos a Huerta, este sim se caracteriza em agressão, configurando uma justificativa para a hostilidade dos constitucionalistas⁴². Em parte do discurso historiográfico – e podemos dizer que mesmo em parte dos textos que criticam a Revolução Mexicana – Huerta é um dos maiores “vilões” da história recente mexicana, de maneira que a

⁴⁰ OLIVEIRA SEDANO, Alicia. *Op. Cit.* p. 273.

⁴¹ OLIVEIRA SEDANO, Alicia. *Op. Cit.* pp. 59-60.

⁴² “Lo que nos parece más plausible es que se produjera una reacción lógica de los revolucionarios en contra de la preponderancia política que les parecía que había tomado la Iglesia durante los gobiernos de Porfirio Díaz y de Victoriano Huerta (...).” OLIVEIRA SEDANO, Alicia. *Op. Cit.* p. 60.

Revolução constitucionalista é legitimada pela historiografia, pois conseguiu derrubar os usurpadores Diaz e Huerta.⁴³ No trabalho de Olivera Sedano, os motivos de um possível apoio dos católicos à Huerta ficam em segundo plano diante de qualquer possibilidade de alinhamento com o “usurpador”. Ainda que o apoio dos católicos não seja explícito, como Olivera Sedano admite ⁴⁴, existiram contatos entre parte da elite católica e o “regime ilegal” de Huerta, o que explica a ação violenta dos carrancistas. ⁴⁵

O trabalho de Olivera Sedano é um estudo do conflito religioso entre a Igreja e o Estado mexicano mais que um estudo sobre os rebeldes cristeros. Aqui não aparecem os cristeros, nem seus opositores agraristas – o que também não ocorre no trabalho de Larin. Larin considera a Cristera como um conflito entre instituições, o Estado – burguês – contra a Igreja – feudal, os camponeses cristeros são representados apenas como aqueles que pegaram as armas para lutar pelo setor reacionário. Não fica claro se Larin considera os próprios camponeses reacionários, questão que o autor não coloca. Dessa maneira, os camponeses não são os grandes agentes da guerra, a luta se dá entre a burguesia – que *ainda* não perdeu seu ímpeto revolucionário – e a Igreja.⁴⁶ Parece interessante que, para Larin, os camponeses cristeros são manipulados pelo clero, enquanto os camponeses que lutaram na década anterior – na revolução democrático-burguesa – estavam agindo de acordo com o devir histórico. Se a Revolução Mexicana é uma revolução análoga à

⁴³ O debate historiográfico que revisitou a Revolução Mexicana questionando os posicionamentos geralmente tomados pela historiografia, também construiu uma outra imagem de Huerta, que contrariava a imagem de vilão que ele possuía anteriormente. No entanto, Alan Knight – que se define como anti-revisionista – faz uma crítica um tanto velada desse tipo de comportamento, inserindo apenas um ponto de exclamação entre parênteses, para enfatizar o absurdo cometido pelo revisionismo. O que pensar de uma crítica baseada apenas em um ponto de exclamação? O ponto de exclamação torna óbvio o fato de Huerta ser um “usurpador”, sem levar em conta que essa é uma imagem produzida posteriormente, deixando de lado também qualquer possível pesquisa sobre o período em que Huerta governou. De certa forma, esse ponto de exclamação fecha a questão, evitando questionamentos incômodos. KNIGHT, Alan. “Revisionism and Revolution: Mexico compared to England and France”. *Past and Present*, Nº134, 1992, pp. 159-199. p. 168.

⁴⁴ OLIVEIRA SEDANO, Alicia. *Op. Cit.* p. 58.

⁴⁵ OLIVEIRA SEDANO, Alicia. *Op. Cit.* p. 59.

⁴⁶ LARIN. *Op. Cit.* p. 246.

Revolução Francesa, quem sabe Larin não esteja levando para o caso mexicano o fascínio que, segundo Michael Löwy, Marx possuía pela “revolução por excelência”⁴⁷, de modo que, a Revolução Mexicana permanece intocada no que concerne ao seu profundo valor histórico. A burguesia mexicana, nesse sentido, teria se identificado com os setores populares, um dos passos para a realização da revolução que não ocorreu, segundo Marx, na Renânia.⁴⁸ No México, assim como na França, a burguesia teria captado que a sua vitória dependia da destruição das forças feudais o que interessava também aos camponeses que se tornaram seus aliados.⁴⁹ De qualquer forma, tendo em vista a matriz marxista – na interpretação de Löwy – do pensamento de Larin, mesmo o projeto dos camponeses que lutaram na Revolução Mexicana só tem valor no sentido em que seguem a mesma direção do projeto burguês, afinal é esse que realiza e guia os destinos da Revolução.

Para Olivera Sedano também a Cristera ocorre como uma luta entre instituições, sem a participação ativa dos camponeses, esses acabam ocupando uma posição ambígua. Afinal qual seu papel na Cristera? Na terceira reunião de historiadores mexicanos e norte-americanos realizada no México em 1969, em que diversos historiadores dos dois países debatiam os destinos da historiografia sobre temas mexicanos, Womack aponta como um dos principais problemas da história política produzida a respeito da Revolução Mexicana o enfoque quase que exclusivo sobre as instituições, governos e indivíduos. Em *Zapata e a Revolução Mexicana*, Womack procurou entender a Revolução feita por aqueles que pegaram as armas e lutaram, os camponeses, no caso, os zapatistas de Morelos. Soma-se a esse primeiro problema outro colocado por Womack, a maior parte desses estudos se

⁴⁷ LÖWY, Michael. “A ‘poesia do passado’: Marx e a Revolução Francesa. In: BRESCIANI, M. Stella, SAMARA, Eni M., LEWKOWICZ, Ida. (Org.), *Jogos da Política – Imagens, Representações e Práticas*, São Paulo, ANPUH/São Paulo-Marco Zero, 1992. p. 135.

⁴⁸ LÖWY. *Op. Cit.* p. 139.

⁴⁹ LÖWY. *Op. Cit.* p. 139.

dedicavam aos anos iniciais da Revolução, de 1910 até 1920. Dessa maneira, a década de 1920 estava negligenciada pelos historiadores. Ainda assim, Womack destaca alguns trabalhos monográficos importantes sobre o período – como o de Olivera Sedano – que escapam ao problema de enfoque temporal, mas não ao problema de deixar de lado a ação coletiva de camponeses.

O historiador francês Jean Meyer, presente também no encontro que discutia os caminhos da historiografia mexicana, promoveu uma mudança nos estudos cristeros, tocando exatamente no ponto destacado por Womack como falho dentro dos estudos a respeito da Revolução Mexicana.

Publicada em 1974, *La Cristiada*⁵⁰, uma obra em 3 volumes sobre o fenômeno cristero, é uma versão um pouco modificada da tese de doutoramento de Meyer, defendida em 1971. O primeiro volume descreve o desenrolar da revolta de 1926-1929, trata-se de uma história mais factual, com descrições de batalhas, algumas lutas diplomáticas etc. Ao segundo volume cabe tratar especificamente das relações entre Estado e Igreja em um recorte mais amplo, localizando o conflito da década de vinte numa disputa mais longa. O último volume, por sua vez, busca traçar o perfil dos cristeros, tentando responder as questões: quem eram aqueles homens e por que se envolveram naquela luta. Por seu caráter seminal o trabalho de Jean Meyer serviu por um longo período como paradigma interpretativo⁵¹, no qual os cristeros aparecem como vítimas de um regime autoritário e o aspecto religioso é colocado em primeiro plano, sendo esse o fator que teria levado os

⁵⁰ MEYER, Jean. *La Cristiada*. México, DF: Siglo XXI, 1988. 3 vols.

⁵¹ Apesar das críticas que recebeu, o trabalho de Meyer segue sendo uma referência aos estudos da guerra Cristera. A interpretação de Avitia Hernandez, que será trabalhada na sessão a respeito da literatura de tema cristero, tem como um dos fundamentos principais as teses apresentadas por Meyer em seu livro *La Cristiada*. AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *La Narrativa de las Cristiadas. Novela, cuento, teatro, cine y corrido de las Rebeliones Cristeras*. UAM - Unidad Iztapalapa - División de Ciencias Sociales y Humanidades, México D.F., 2006.

camponeses à guerra. Como indica o volume de sua obra, Meyer procura entender o fenômeno na sua totalidade, e, para tanto, rastreia arquivos e procura dar voz aos cristeros colhendo entrevistas de moradores das regiões onde o movimento mais se desenvolveu.

O trabalho de Jean Meyer tem como objetivo desmistificar o que ele chama de “teoria do complô”, que percorre a historiografia que legitima o Estado mexicano como herdeiro de uma revolução popular, posicionamento presente no trabalho de Larin⁵². Segundo essa interpretação, os cristeros teriam sido apenas utilizados pelos proprietários de terra, pelo alto clero e pelo capital internacional para impedir que as medidas colocadas na constituição de 1917, principalmente as leis anti-clericais e a reforma agrária, fossem aplicadas.⁵³

Em *La Cristiada* a revolta católica tem um significado distinto:

Difícilmente podría encontrarse, como no sea en 1810 quizá, un momento comparable en la historia Mexicana: unos grupos marginados por definición, en la medida en que se definen por su participación en una historia que rechazan y de la cual son las víctimas, unos grupos que no cambian de sitio jamás sino particularmente y por motivos localmente circunscritos, participan en ese movimiento, que arrastra, como la presa cuando revienta, todas las aguas mezcladas: la Cristiada.⁵⁴

Para Meyer, a Revolução Mexicana não passa de um aprofundamento das reformas modernizantes levadas a cabo por Porfirio Diaz⁵⁵, e, portanto, o Estado que se afirmava como herdeiro da Revolução era autoritário e seus objetivos estavam pouco relacionados aos interesses das classes baixas mexicanas. Nesse sentido, há uma inversão da leitura da Cristera que anteriormente predominava, em que os guerreiros católicos estariam lutando contra reformas populares. Na verdade, como podemos notar na citação acima, a Cristera surge como movimento de contestação popular, que questiona as decisões de uma elite

⁵² LARIN. *Op. Cit.* p. 246.

⁵³ MEYER, Jean. v.3 *Op. cit.* p. 9.

⁵⁴ MEYER, Jean. *Op. cit.* p. 33.

⁵⁵ MEYER, Jean. *Op. cit.* p. 319.

política defensora de um projeto que ignora traços culturais mexicanos, como a religião católica.

No final da década de 1960 a historiografia a respeito da Revolução Mexicana passou por uma mudança de direcionamento através de um movimento historiográfico que ficou conhecido como *reversionismo*. Em linhas gerais, o revisionismo buscou questionar a imagem da Revolução geralmente aceita pela historiografia tendo em vista, em muitos sentidos, questionar o Estado mexicano dominado pelo PRI. O PRI se afirmava e se legitimava, em certa medida, na idéia de que era o herdeiro da Revolução Mexicana, ou seja, de uma Revolução de caráter popular e camponesa. O Massacre de Tlatelolco ocorrido em 1968⁵⁶ contribuiu para a crítica do partido hegemônico, e, como a origem do PRI é o PRN criado por Calles na década de 1920, procurava-se entender a história desse partido que dirigia o México de maneira pouco democrática e violenta, e também dar voz aos movimentos, como os cristeros, que contestaram o Estado pós-revolucionário. Em seu ímpeto mais radical o revisionismo intentou também questionar o próprio caráter da Revolução de 1910. Ramón Eduardo Ruiz, por exemplo, caracteriza a Revolução como uma Grande Rebelião na qual os camponeses miseráveis se sublevaram, mas que teve por consequência apenas o avanço do capitalismo no México.⁵⁷

⁵⁶ Em 2 de outubro de 1968, às vésperas da realização da Olimpíada, estudantes da Cidade do México davam continuidade aos protestos que já vinham ocorrendo contra, entre outras coisas, o autoritarismo do Estado, no mesmo ano em a juventude de diversos países foi às ruas para ser escutada. Diante do protesto estudantil, o exército mexicano foi chamado para coibir a manifestação, quando em um determinado momento abriu fogo contra os estudantes. Não se sabe ao certo, mas estima-se que morreram em torno de 300 pessoas no sangrento episódio. O evento ainda é lembrado no México como um dos momentos em que o regime controlado pelo PRI mostrou seu autoritarismo, acentuando a crise de legitimidade que passava o regime. No entanto, o PRI perdeu a hegemonia na presidência do México apenas em 2000, com a vitória de Vicente Fox nas eleições.

⁵⁷ RUIZ, Ramón Eduardo. *México: La Gran Rebelión – 1905/1924*. México - DF. Editora Era. Primeira edição em Inglês: 1980. Primeira Edição em Espanhol: 1984. Colección Problemas de México. 1984.

Assim, o trabalho de Meyer possui uma série de características que o aproximam do revisionismo.⁵⁸ Primeiramente, como já foi afirmado, Meyer defende que a Revolução Mexicana não foi um movimento de caráter popular, pelo contrário, manteve a elite no poder e continuou o projeto modernizante porfirista. Essa interpretação pensa a Revolução nos termos em que o cineasta Luchino Visconti no filme *O Leopardo*, baseado na obra homônima de Giuseppe Tomasi Di Lampedusa, define a unificação italiana: a mudança é necessária para que tudo continue igual. Nesse sentido, a Revolução deixa de ser Revolução, ou seja, uma mudança radical da configuração social, política, econômica mexicana. Mas, ao mesmo tempo, é uma definição contraditória afinal podemos depreender dessa idéia que se não houvesse a “Revolução” que mantém não haveria a mudança que já existia. Como afirma Alan Knight, no seu estudo do revisionismo da Revolução Mexicana, esse movimento historiográfico está diretamente relacionado não só aos fatos políticos internos do México no final da década de 1960, mas também ao revisionismo que vinha ocorrendo nos estudos da Revolução Francesa.⁵⁹ Nesses estudos, também ocorre o questionamento da Revolução como momento de ruptura, além de questionarem a historiografia anterior que a enaltece.⁶⁰ Tendo em vista que o trabalho de Meyer foi realizado no âmbito da academia francesa, seria plausível pensarmos que de alguma forma essa historiografia em voga na França, apesar de não ser citada pelo autor, de alguma forma pode ter influenciado o seu trabalho.

⁵⁸ O historiador Alan Knight inclui o trabalho de Meyer no revisionismo. KNIGHT, Alan. “Revisionism and Revolution: Mexico compared to England and France”. *Past and Present*, Nº134, 1992, pp.159-199. p. 134.

⁵⁹ KNIGHT, Alan. “Revisionism and Revolution: Mexico compared to England and France”. *Past and Present*, Nº134, 1992, pp. 159-199.

⁶⁰ François Furet questiona a historiografia, em especial a marxista, que enaltece o período do Terror da Revolução Francesa. KNIGHT, Alan. “Revisionism and Revolution: Mexico compared to England and France”. *Past and Present*, Nº134, 1992, pp.159-199.No caso mexicano, William Beezley trabalha exatamnete sobre a produção de uma imagem da Revolução Mexicana romantizada, povoada de heróis, vilões e mártires. BEEZLEY, William H. “The Mexican Revolution: a review”, *Latin American Research Review*, Vol. 13, Nº2, 1978. pp. 299-306.

Embora o foco do trabalho de Meyer seja a Cristera, a interpretação dada à Revolução Mexicana é fundamental para o entendimento de seu texto. Ao negar a idéia de uma Revolução popular, Meyer desloca para o movimento cristero o momento de sublevação popular. Enfatizando o caráter popular da revolta o autor busca contrariar a “teoria do complô” e deslegitimar o Estado Mexicano. No entanto, sua leitura acaba por generalizar os personagens de ambos os lados, associando automaticamente pobres com cristeros, e ricos com seus opositores:

(...) la teoría del complot de los grandes propietarios que utilizan a los cristeros, es decir a sus ‘peones’, para evitar que se repartan sus tierras, no resiste a un doble examen : el de su actitud frente a los cristeros y el de su actitud frente al gobierno. Aparece muy claramente una estratificación socioeconómica: los ricos están de lado del gobierno y los cristeros son ‘descamisados’, los ‘huarachudos’, los ‘comevacas’, los ‘muertos de hambre’.⁶¹

Meyer, na passagem acima, generaliza a caracterização dos rebeldes católicos⁶², tornando a Cristera um momento de confronto entre dois grupos monolíticos diferenciados pela sua condição socioeconômica. Contudo, a divisão socioeconômica aparece no texto não como uma das motivações dos rebeldes, mas sim para enfatizar o papel de vítima exercido pelo grupo cristero. Meyer utiliza como uma de suas fontes, relatos de homens que participaram da Cristera, sejam as entrevistas colhidas, ou os textos publicados. No entanto, o autor não questiona o discurso proferido pelos ex-rebeldes. Em um determinado momento de seu texto, Meyer cita as memórias de J. J. F. Hernandez, em que este afirma: “*Sola la gente umilde se está levantando en armas*”. Essa citação, por si só já bastante generalizante, não é questionada por Meyer, que a aceita como se fosse a verdade sobre o recrutamento de

⁶¹ MEYER, Jean. *Op. Cit.* v. 3. p. 9.

⁶² Essa generalização aparece também em outros momentos do texto, como quando Meyer fala da traição dos caciques aos cristeros. “La deserción de los caciques, el abandono de los ricos que denunciaba la Cristiada como ‘la ratería’ y a los cristeros como a ‘los descamisados’, hacen que el movimiento rompa con los caciques y no disfrute en absoluto de mandos burgueses; la lucha popular está dirigida por jefes salidos de las filas o por mandos inferiores procedentes de la propia sociedad campesina (...). (...) el movimiento cristero representa la lucha entre la élite revolucionaria y el pueblo, entre el Estado, propiedad de ciertos grupos de las clases medias, y el pueblo.” MEYER, Jean. *Op. Cit.* v. 3. p. 43.

rebeldes. Essa ausência de crítica ao discurso dos próprios católicos levou o autor a assumir narrativa que os próprios rebeldes teceram a respeito da Cristera. O texto de Meyer, portanto, ficou marcado pelo discurso de alguns ex-combatentes cristeros, segundo o qual, os católicos foram agredidos pelo Estado e se envolveram em uma luta justa da qual foram, mais do que vítimas, mártires – o que fica acentuado pela caracterização dos cristeros como pobres.

Segundo Meyer, embora a divisão entre ricos e pobres constituísse um dado marcante, a motivação dos cristeros para a guerra não foi a separação entre classes ou disputa dos camponeses por terras. O que teria levado os cristeros a se alistarem na luta contra as forças federais foi, para Meyer, a sua religião. O Estado assaltado pelas elites mexicanas que aprofundava as injustiças no México podia ser tolerado, mas não o ataque a um traço fundamental da cultura mexicana, àquilo que “*impregna la existencia diária*”, a religião católica.⁶³ Definida por Meyer como “*religión católica romana tradicional*” o catolicismo propulsor da Cristera era, além de homogêneo ao longo do território mexicano, compartilhado por todos os camponeses do país⁶⁴. Dessa maneira, os camponeses mexicanos beneficiados pela reforma agrária que lutaram ao lado do Estado mexicano contra os católicos, os agraristas, assumem, no texto de Meyer, a posição de algozes dos cristeros.

Se na narrativa desse autor os cristeros são as vítimas, os agraristas aparecem no papel dos carrascos. Ao passo que, para Meyer, as violências cometidas pelos guerreiros católicos são justificáveis por conta da sua origem e das dificuldades da guerra, além de

⁶³ MEYER, Jean. *Op. Cit.* v.3. p. 295.

⁶⁴ “*La religión de los cristeros era, salvo excepción, la religión católica romana tradicional, fuertemente enraizada en la Edad Media hispánica.*” MEYER, Jean. *Op. Cit.* v.3. p. 307. Nessa citação é possível perceber como Meyer busca criar a idéia de um catolicismo “puro”, característica importante para a idéia que o autor produz a respeito do camponês cristero.

serem coibidas e julgadas exemplarmente pelas lideranças de cada exército católico⁶⁵, as violências cometidas pelos agraristas são frutos de um individualismo vil e de uma lealdade cega ao projeto do Estado.⁶⁶ Se na narrativa do complô, alvo das críticas de Meyer, os cristeros são manipulados pelo clero ou por forças externas, não possuindo motivos próprios para lutar na guerra, no texto de Meyer os agraristas são retratados como camponeses que devem obedecer todas as ordens do Estado que lhes deu as terras. E, afinal, se o Estado era dominado pela elite herdeira de uma Revolução que não é popular, por que estaria dando terras aos camponeses? Meyer afirma que o intuito do Estado era introduzir a agricultura de mercado no campo mexicano. Desse modo, na interpretação de Meyer, os agraristas se quer merecem a terra que receberam do Estado, já que, segundo os questionários colhidos por Meyer, por serem tão católicos como os cristeros, acabaram por trair a sua religião em troca de um pedaço de terra⁶⁷, trocando um bem material pela sua identidade como mexicano. Para tentar explicar a questão da distribuição de terras e da oposição camponesa aos cristeros, Meyer recorre ao modelo marxista de formação do capitalismo, aplicando-o de maneira bastante ligeira, afirmando que “*Los campesinos serían, pues, los instrumentos y las víctimas de una versión mexicana de acumulación inicial de capital.*” Desse modo, os agraristas, de algozes dos cristeros, passam a vítimas do desenvolvimento da economia capitalista. O problema, para Meyer, é que os agraristas aceitaram de bom grado essa terra, que, na realidade, subverteria a sua pureza. Por outro lado, Meyer tem uma visão bastante positiva de Zapata e do zapatismo, talvez porque seja mais complicado afirmar que a luta dos zapatistas não tinha um caráter popular. Contudo, os zapatistas que lutavam entre outras coisas pelo direito do acesso à terra, são associados

⁶⁵ MEYER, Jean. *Op. Cit.* v.3. p. 228.

⁶⁶ MEYER, Jean. *Op. Cit.* v.3. pp. 72-73.

⁶⁷ MEYER, Jean. *Op. Cit.* v.3. p. 77.

não aos agraristas que receberam a sua terra, mas aos cristeros, afinal os zapatistas eram também católicos. O autor assinala ainda que houve recrutamento de soldados cristeros nas mesmas localidades em que Zapata formou seu exército.⁶⁸ Desse modo, Meyer cria um padrão do que seria o “bom” camponês: aquele que na década de 1910 lutou pela terra ao lado dos zapatistas e que na década seguinte não aceitou as terras distribuídas pelo Estado se alistando no exército cristero para lutar pela sua religião.

La Cristiada tem como um de seus méritos ter tratado os cristeros como sujeitos da guerra que recebeu seu nome. O foco está todo em cima desses personagens, transformados em heróis, mártires e vítimas, mas, também, guerreiros de uma luta legítima. Porém, por considerar a escolha da guerra cristera um caminho justificável do ponto de vista do próprio camponês, Meyer acaba excluindo outras possibilidades de luta, como a chamada *resistência pacífica* tema sobre o qual a historiografia a partir da década de 1990 irá se debruçar, como veremos no capítulo seguinte.

A obra de Meyer marcou profundamente a historiografia cristera posterior, colocando os rebeldes camponeses como principais atores da revolta. Contudo, mesmo depois desse trabalho, a história da Cristera realizada através somente das instituições pode ser encontrada no estudo *Viva Cristo Rey: the cristero rebellion and the Church-State Conflict in Mexico* do norte-americano David C. Bailey⁶⁹, publicado em 1974. Assim como Olivera Sedano, Bailey busca as raízes do conflito no passado mexicano, chegando até o período colonial. Também se dedica ao estudo das organizações católicas, porém sob uma perspectiva mais ampla, analisando as grandes mudanças do pensamento católico mexicano. A chave para o entendimento do conflito entre Igreja e Estado, está, segundo

⁶⁸ MEYER, Jean. *Op. Cit.* v.3. p. 33.

⁶⁹ BAILEY, David. *Viva Cristo Rey: the cristero rebellion and the Church-State Conflict in Mexico*. Austin: University of Texas Press, 1974.

esse autor, na mudança ocorrida no seio do pensamento católico a partir de fins do século XIX⁷⁰. O pensamento católico mexicano a partir de fins do século XIX, segundo Bailey, buscou inserir novamente o catolicismo no cotidiano moderno do México. Um dos motivos para isso foi a Encíclica *Rerum Novarum* que abriu espaço para a participação da Igreja nos debates sobre o mundo do trabalho. Dessa forma, a Igreja passou, nesse período, a buscar uma maior participação na política mexicana, o que culminou, já no período Madero, na fundação do Partido Católico Nacional (PCN). Como afirma Bailey:

The final years of Díaz reign and short Madero period that followed witness the appearance of new orientation in Mexican Catholicism. If practical results were still few by 1913, it was nevertheless clear that lethargy and timidity that had dominated religious life since the time of Juárez were giving way to forces committed to change. Catholic reformers were rising to positions of influence. (...). The new leaders were determined that Catholicism would again play a central role in Mexican public life, not as the defender of a discredited past but as an agent of progress.⁷¹

Na interpretação de Bailey, a Igreja busca um espaço além daquele ao qual ela deve obter. Além disso, ao afirmar que depois da Reforma liberal e no governo Juárez os católicos não estavam interessados em participar ativamente da vida pública mexicana, Bailey desconsidera as lutas dos católicos contra os artigos anticlericais da Constituição de 1857 como uma tentativa de participação ativa na política mexicana. Desse modo, em seu texto, até a mudança no pensamento dos católicos no final do XIX e início do XX, não teria havido nenhuma vontade de participação política desse grupo religioso.

Assim como no trabalho de Olivera Sedano, no texto de Bailey, os cristeros também ficam em segundo plano, já que a atenção está voltada para as elites católicas e a negociação dessas com o Estado em busca de soluções para o conflito. No entanto, ao contrário do que acontece nas análises de Olivera Sedano e Meyer, Bailey dedica um considerável espaço ao estudo da influência norte-americana no conflito, colocando-a como

⁷⁰ BAILEY. *Op. Cit.* p.19 e et allii

⁷¹ BAILEY. *Op. Cit.* p.19.

crucial para o desfecho pacífico do conflito. O Embaixador americano entra em cena como o personagem apaziguador do conflito, como aquele que indica que revolução e religião podem conviver⁷². Bailey conclui que a Cristeria foi o evento que permitiu uma mudança na concepção religiosa mexicana, já que esta fez com que o catolicismo passasse para a esfera privada, sendo o catolicismo que influi socialmente um marco do passado, o qual os mexicanos já não estão mais dispostos a defender. Para Bailey, portanto, a Cristeria não passou de uma disputa de poder entre duas instituições, o Estado e a Igreja, da qual a primeira saiu vitoriosa.

Ao contrário do que defende Meyer, Bailey afirma que a sociedade mexicana já era no período bastante secularizada.⁷³ A reclusão do catolicismo ao espaço privado trata-se, para o autor, de uma solução para o conflito que satisfaz a maior parte dos mexicanos. Essa generalização não é acompanhada de nenhum tipo de fonte. Bailey parece ter clareza do que é o melhor à maioria dos mexicanos, e, não só Bailey, mas também o embaixador norte-americano Morrow que negociou com os dois lados e encontrou a solução para o conflito. Na verdade, em certo sentido, pode-se dizer que o autor acredita que a redução da Igreja e da religião ao espaço privado faz parte de uma evolução natural da sociedade moderna.⁷⁴ Esse pensamento é análogo ao de Locke segundo o qual “o céu e a terra [são]

⁷² BAILEY. *Op. Cit.* p. 206

⁷³ BAILEY. *Op. Cit.* p. 309. O autor afirma que o catolicismo estava fora da vida pública apesar de assinalar que no México ocorriam festas e eventos públicos em torno da religião. Na verdade, podemos afirmar que na concepção de Bailey política é uma prática que se dá apenas nos meios institucionais. Nesse sentido, a Cristeria é deixada de lado como uma tentativa dos camponeses de agir politicamente.

⁷⁴ É comum nas distinções entre católicos e reformados que sejam apontados traços diferenciadores como prática religiosa coletiva (católica), na qual a comunidade tem influência na vida terrestre, ao passo que a tradição iniciada após Lutero tenha no princípio da graça individual a possibilidade de redenção divina. François Lebrun acredita que esse conflito entre uma religião pessoal e uma religião coletiva marca a história do cristianismo. Mas, segundo o autor, no século XVI com a Reforma Protestante ocorreu a emergência do foro íntimo. Lebrun afirma que “o individualismo e o foro íntimo estão no âmago da teologia reformada”. LEBRUN, François. “As Reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal”. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (orgs.), *História da vida privada*, vol. 3, São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Estes argumentos, de alguma forma, foram transpostos para a organização das sociedades coloniais da América: nas

coisas tão remotas e opostas”.⁷⁵ Dessa forma, a Cristera surge como um movimento com os olhos no passado, como uma rebelião que buscava o que não poderia mais ser atingido.

1.2) Nova Historiografia Cristera (1980-2000)

“Nova historiografia cristera” é como Mathew Butler define os estudos do fenômeno cristero escritos a partir de meados da década de 1980, e principalmente na década de 1990.⁷⁶ Esses trabalhos seguiram, entre outras, duas tendências que também são encontradas nos estudos da Revolução Mexicana desse período, e mesmo de um período anterior: a micro-história e a história regional. Jean Meyer, Alicia Olivera Sedano, David Bailey, Nicolás Larín, e os demais historiadores que trabalhamos no sessão anterior, abordaram a Cristera tendo em vista o México como um todo, apesar de geralmente ressaltarem que a rebelião católica não ocorreu em todas as regiões do país. Suas análises estão voltadas para uma interpretação mais ampla dessa revolta, e, como destacamos, com a exceção de Meyer, esses estudiosos estiveram mais preocupados com o estudo da Cristera a partir das instituições, pensando mais em um conflito do Estado contra a Igreja, do que em uma guerra de camponeses católicos. A história regional surge como abordagem no estudo da Revolução Mexicana já no final da década de 1960 com o livro *Pueblo en vilo: microhistoria de San Jose de Garcia de Luis Gonzalez y Gonzalez*.⁷⁷ Nesse primeiro momento, os historiadores da Revolução a partir de uma perspectiva local buscaram

áreas inglesas, o predomínio religioso protestante está vinculado a uma prática social de separação entre espaço público e privado que não ocorreu da mesma forma nas áreas católicas. O argumento de Bailey, ao defender a pregação de uma religiosidade na vida privada, expressa parte desta concepção, lida em determinadas tradições como expressão da tolerância e da liberdade religiosa presentes nos Estados que se modernizaram.

⁷⁵ LOCKE, John. *Op. Cit.* p.10.

⁷⁶ BUTLER, Mathew. “Cristeros y agraristas en Jalisco: una nueva aportación a la historiografia cristera”. *HISTORIA MEXICANA*, v. 52, n. 2, , pp. 493-530, octubre-diciembre 2002. p.502.

⁷⁷ GONZALEZ y GONZALEZ, Luis. *Pueblo en vilo: microhistoria de San Jose de Garcia*. México, DF: El Colegio de Mexico, 1968.

entender o que teria levado algumas regiões à Revolução e o que impediu outras de participarem, de modo a criticar a interpretação anteriormente predominante. Desse modo, a história regional em muitos sentidos confirma a tese revisionista. Ao olhar para as localidades os historiadores puderam matizar as idéias que definiam de maneira homogênea o movimento revolucionário como popular, camponês e agrarista. No caso dos estudos da Cristera a micro-história e a perspectiva local matizaram, não o caráter popular da Revolução – completamente rejeitado por Meyer –, mas as afirmações e a interpretação de *La Cristiada*. Dessa forma, os estudos cristeros a partir da década de 1980 e mais profundamente na década seguinte se utilizaram da perspectiva local e da microhistória para analisar esse fenômeno.⁷⁸ Como indica Butler, a micro-história aparece como um novo aparato metodológico importante para combater uma história das elites, ou, a história da Igreja e do Estado, em que os agentes camponeses ficam apagados.⁷⁹ Ou seja, a historiografia cristera lançou mão desses aparatos teóricos e metodológicos para modificar algumas das cores com as quais os historiadores anteriormente pintavam a Cristera, e em alguns casos, adicionar pigmentos.

Como assinala Friedrich Katz, não é a toa que a história regional apareceu no estudo da Revolução Mexicana apenas depois de muito tempo. Segundo ele, muitas das fontes necessárias para esse tipo de trabalho estavam inacessíveis ao pesquisador, em arquivos que estavam indisponíveis para historiadores. A abertura dos arquivos regionais, assim como a maior difusão dos estudos históricos no México, possibilitaram à historiografia fazer estudos mais detalhados das diversas regiões mexicanas.⁸⁰

⁷⁸ BUTLER, Mathew. Op. Cit. 502.

⁷⁹ BUTLER, Mathew. Op. Cit. 502.

⁸⁰ KATZ, Friedrich. “Prólogo”. In: BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución mexicana*. México, D.F.: FCE, Centro de Investigación y Docencia Económicas, 2004.

Em 1985, um trabalho aparece como marco de uma renovação nos estudos cristeros. Nesse ano foi publicada a obra de Armando Bartra, *Los herederos de Zapata*,⁸¹ que, embora possua apenas um capítulo sobre o tema cristero especificamente, é marcante por buscar entender tanto as motivações dos cristeros quanto de seus opositores agraristas, até então silenciados pela historiografia. Bartra encontra um corte dividindo a historiografia mexicanista: ao passo que os estudos sobre a primeira década da revolução têm como protagonistas os camponeses, a partir da década de 1920, estes praticamente desaparecem da historiografia como atores históricos, deixando esse papel principalmente para o Estado. Talvez por conta da ascensão no início da década de 1980 de organizações camponesas, que posteriormente deram origem ao movimento neozapatista em Chiapas, e também o início do processo de “revisão do revisionismo”⁸² os historiadores passaram a enxergar os cristeros não só como opositores do Estado, mas também de outros camponeses, que também tinham suas motivações para se envolver nas lutas. O fenômeno cristero no texto de Bartra – e também de outros historiadores, como Ramón Jrade⁸³ – é entendido como integrante da disputa por terras no México, sendo a Cristera muito mais um movimento de contestação das políticas agrárias impostas pelo governo mexicano, do que contra as medidas anticlericais.

Desse modo, outra importante contribuição que aparece nos trabalhos do que aqui chamamos de nova historiografia cristera é o destaque dado também para os camponeses beneficiados pela reforma agrária que lutaram contra os cristeros, os agraristas. Esses

⁸¹ BARTRA. Op. Cit.

⁸² BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución mexicana*. México, D.F.: FCE, Centro de Investigación y Docencia Económicas, 2004. p. 37. “Revisão do revisionismo” foi um termo cunhado posteriormente pela estudiosa Falcón Vega. FALCÓN VEGA, Romana. “El revisionismo revisado”. ESTUDOS SOCIOLÓGICOS. V. 5. N. 14. 1987, 341-351.

⁸³ JRADE, Ramon. “Inquiries into the Cristero Insurrection against the Mexican Revolution”. LATIN AMERICAN RESEARCH REVIEW, v. 20, n. 2, pp. 53-69, 1985.

personagens, de certa forma, herdeiros da luta camponesa por terras da década de 1910, são fundamentais para entender o caráter popular, ou sua negação, durante os governos pós-revolucionários. Também através de uma perspectiva local, alguns estudiosos tentaram entender as formas de atuação desse grupo assim como sua gênese, ou seja, a formação de uma identidade agrarista. Por outro lado, buscou-se entender as relações dos agraristas com o Estado mexicano e com os demais camponeses, entre eles, os cristeros.

Nessa sessão nos dedicaremos à análise de textos da historiografia cristera publicados em diversos periódicos mexicanos e norte-americanos a partir da década de 1980. Além de, como colocamos na sessão anterior, a historiografia norte-americana ter tido um papel fundamental nos estudos de temas ligados à Revolução Mexicana, a partir da década de 1980 os historiadores norte-americanos trouxeram o aporte teórico da nova história cultural para as análises da Revolução e também da Cristera.

Para entender os rumos da historiografia cristera a partir da década de 1980, dividiremos o texto em diferentes partes temáticas confrontando a visão dos textos mais recentes com a interpretação de Jean Meyer e dos demais historiadores que trabalhamos na sessão anterior. Primeiramente, trabalharemos com a temática das mulheres na cristera, que já aparecia no trabalho de Meyer; depois, o tema da resistência pacífica, que é atualmente um dos principais campos estudados por historiadores da Cristera. O tema dos agraristas que, como afirmamos anteriormente, é estudado de modo diferente pelos historiadores depois de 1980, também será trabalhado aqui. Junto ao tema dos agraristas aparecerão os

debates em torno das questões agrárias que envolvem o conflito. Por último, trabalharemos com a gigantesca obra de Moisés González Navarro, *Cristeros y Agraristas en Jalisco*.⁸⁴

As Mulheres Cristeras

Barbara Miller⁸⁵ realizou um trabalho sobre as mulheres católicas procurando entender sua atuação na Cristera e a sua ligação com as mudanças no papel da mulher em âmbito “mundial” – segundo a própria autora – já em curso na década de 1920. Jean Meyer não ignorou em seu estudo a participação das mulheres no conflito, trabalhando principalmente com o caso das “Brigadas Femeninas Santa Juana de Arco”, que segundo o autor tiveram uma importante participação na Cristera⁸⁶. Contudo, Miller, ao estudar as mulheres católicas, encontrou-as exercendo um papel singular que deixava vislumbrar uma mudança nas relações de gênero no México.

Miller divide as mulheres cristeras em três grupos distintos: *las señoras*, mulheres casadas de classe média e alta urbana, que protestaram de forma passiva; *las religiosas*, que são mulheres religiosas que sob perseguição buscam meios de manter a fé e os ritos católicos; e por último, *las jóvenes*, jovens revolucionárias que participaram de maneira “ativa” na Cristera. Miller se dedica apenas ao estudo dos dois primeiros grupos.

As *señoras*, segundo a autora, se organizaram em torno do grupo *Unión de Damas Católicas*, que antes do início da rebelião cristera se dedicava a ações filantrópicas. Segundo Miller, durante o período da revolta, a organização fornecia uma base para a

⁸⁴ GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Cristeros y agraristas en Jalisco*. (5 v.) México, DF: El Colegio de México, 2000-2003.

⁸⁵ MILLER, Barbara. “The Role of Women in the Mexican Cristero Rebellion: Las Senoras y las Religiosas”. *THE AMERICAS*, v. 40, n.3, pp.303-323, January 1984.

⁸⁶ MEYER, Jean. *La Cristiada*. México, DF: Siglo XXI, 1988. v. 3. p. 132. Meyer defende que as mulheres foram as primeiras a declarar guerra e os piores inimigos do exército federal.(MEYER, Jean. Op. cit.v.3 p. 24.)

guerra, dando impulso para os homens que lutavam “ativamente”. As religiosas, por sua vez, teriam sofrido a perseguição mais diretamente e conseqüentemente sofrido martírio pela sua fé. Nesse momento do texto, Miller não dispensa descrições do martírio sofrido por essas mulheres, enfatizando a dedicação que tinham à fé. Sua principal fonte são entrevistas realizadas em 1979 com mulheres que participaram do movimento, nas quais a idéia de martírio está bastante presente. Como Jean Meyer, Miller, em certo sentido, parece compartilhar dessa narrativa produzida pelos cristeros para justificar a revolta, destacando a defesa da fé genuína diante de um opressor cruel.

A autora insere a participação das mulheres na Cristera em um quadro mais amplo de emancipação da mulher, de caráter, segundo a autora, “universal”. “*Universally a break was beginning to appear in traditional structure and Mexico was, after all, a part of the universe.*”⁸⁷ Miller, nesse momento do texto, parece ter uma leitura um tanto apressada da participação feminina na Cristera, inserindo as mulheres em um caminho universal previamente traçado, deixando de lado o papel que essas mulheres exerciam no contexto mexicano antes mesmo da revolta católica na década de 1920. Dessa maneira, a autora encontra nas mulheres mexicanas características definidas *a priori* de acordo com um modelo de história das mulheres centrado na Europa e EUA. Em seu próprio texto podemos encontrar argumentos que contradizem essa idéia de emancipação da mulher mexicana. Quando define o papel da mulher como uma impulsora e sustentadora de uma revolta ativa masculina, a mulher de que fala parece pouco preocupada com seus direitos de igualdade com o homem, e mais centrada na sua própria religião⁸⁸. Essa especificidade transforma-se

⁸⁷ MILLER, Barbara. Op. Cit. p. 323.

⁸⁸ MILLER, Barbara. Op. Cit. p. 308.

em contradição ao final do texto, quando a mulher como agente histórico é homogeneizada e universalizada.

No texto de Miller a luta das mulheres na Cristera é pensada como um espaço de emancipação da mulher. No entanto, a participação feminina sempre foi presente, mas não necessariamente com um sentido emancipador. Miller não procura entender o papel que essas mulheres exerciam na Revolta levando em conta a realidade e os anseios dessas personagens. Ao contrário disso, interpreta a participação feminina como emancipação, como se qualquer ação das mulheres no espaço público tivesse sempre, por trás, um sentido libertador.

Outro importante texto que trata da presença das mulheres na Rebelião Cristera é, *Los silencios de la historia: las Cristeras*⁸⁹, escrito por Agustín Vaca e publicado em 1998. Trabalharemos mais detalhadamente com o livro de Vaca no próximo capítulo, quando examinarmos os textos que discutiram a literatura sobre a cristera. Contudo, podemos adiantar, que a interpretação de Vaca a respeito do papel das mulheres na Cristera é mais complexa que a de Miller, principalmente porque o sentido emancipador da luta das mulheres católicas existe mas aparece de maneira ambígua. Nesse sentido, as mulheres católicas presentes na análise de Vaca não lutam pela igualdade, mas por reconhecimento nos espaços nos quais conseguem interferir na vida pública, como as organizações católicas e escolas confessionais.⁹⁰

⁸⁹ VACA, Agustín. *Los silencios de la historia: las cristeras*. México, El Colegio de Jalisco, 1998.

⁹⁰ VACA, Agustín. *Op.Cit.* p. 281.

Resistência pacífica

Miller se dedica ao tema da chamada “resistência passiva”⁹¹, pouco estudado até então e que aparece em outros artigos da nova historiografia cristera. Essa abordagem possibilita outras interpretações e ampliação de temáticas referentes à Cristera.

Mathew Butler é um dos historiadores que se dedica ao estudo da “resistência pacífica”⁹², buscando entender as formas pelas quais os católicos no México resistiram às políticas anticlericais do Estado sem estarem no *front*. Segundo Butler, esse grupo foi excluído pela historiografia, principalmente por Jean Meyer, que rechaçou aqueles que permaneceram na cidade, taxando-os de traidores dos cristeros que de fato lutaram pela sua fé.⁹³ Dessa maneira, o autor questiona a homogeneização feita por Meyer, encontrando católicos que se posicionavam de maneira diversa diante do conflito, sem com isso estar trairdo a fé. Seguindo os caminhos da nova historiografia cristera, Butler enfoca em seu trabalho o estado de Michoacán.

Para contestar os argumentos de Meyer, Butler afirma que a idéia de resistir pacificamente está ligada à tradição paulina, em outras palavras, esse tipo de resistência está embasada no cânone católico, e não se trata de maneira alguma de um comportamento que trai a fé.⁹⁴ As citações de Paulo e a defesa desse tipo de resistência são encontradas por Butler nos discursos do arcebispo de Michoacán, Leopoldo Ruiz Flores. Esse tipo de

⁹¹ O termo “resistência passiva”, ou “pacífica”, engloba todo tipo de enfrentamento às políticas anti-religiosas que não passe pelo campo de batalha. Em seu texto, Meyer trabalha com o que chama de “apoio civil”, termo que parece englobar o mesmo tipo de resistência. Porém, para Meyer, a “apoio civil” forneceu apenas suporte aos cristeros em armas, tendo assim uma importância bastante reduzida se comparada àquela dada pelos trabalhos posteriores. Os estudiosos, tendo a mesma matéria-prima em mãos, moldaram-na de maneira diferente. Esse enfoque de Meyer, talvez, deva-se ao fato de que destacar demais o apoio civil traria uma centralidade para os católicos urbanos, que contraria a principal tese de Meyer. MEYER, Jean. Op. cit.v.3 pp. 109-132.

⁹² BUTLER, Mathew. “Keeping the faith in revolutionary Mexico: Clerical and Lay Resistance to Religious Persecution, East Michoacán, 1926-1929.” THE AMERICAS, v. 59, n. 1, pp. 9-32, July 2002.

⁹³ BUTLER, Mathew. Op. Cit. p. 9.

⁹⁴ BUTLER, Mathew. Op. Cit. pp. 13-14.

resistência, segundo o autor, estava bastante difundido pela sociedade michoacana, de forma que até mesmo um prefeito protestante forneceu apoio aos católicos. Dessa maneira, ao invés de enfrentar o exército federal no campo de batalha, esses católicos buscavam cultivar a fé e seus símbolos como os cerimoniais de batismos e casamentos, mesmo que estes só pudessem ser realizados de maneira secreta. A simples conservação da fé e dos ritos religiosos é entendida por Butler como uma forma de resistência poderosa, afinal eram nesses pontos que os cristeros estavam sendo atacados. O autor ressalta ainda que esse grupo católico que resistiu de maneira pacífica entrou em choque em diversos momentos com os cristeros. Butler chega a afirmar que alguns padres viam nos cristeros um inimigo, já que atraíam a atenção das tropas federais.⁹⁵ Segundo Butler:

*[Ruiz y Flores] knew that the Church had never won a military conflict with the state, but he also knew that the Church in Mexico has deeper roots and greater longevity than any regime, and should therefore stake her all in long wars not short battles.*⁹⁶

Butler traz à tona conflitos na maneira como os católicos mexicanos entendiam a sua religião, na *práxis* de resistência escolhida por cada grupo. Essa análise difere em um ponto fundamental das análises anteriores, especialmente de Meyer: para Butler os católicos foram vitoriosos. Os católicos não são mais vítimas, souberam como manter sua fé e depois de muitos anos conseguiram, por exemplo, recuperar a personalidade judicial da Igreja em 1992 na mesma Constituição Mexicana que os excluiu na década de 1920. Além dessa vitória, em 2000 o PRI sofreu sua primeira derrota, quando foi eleito Vicente Fox um presidente católico praticante, que se dizia cristero na época da eleição.⁹⁷

⁹⁵ BUTLER, Mathew. Op. Cit. p. 26.

⁹⁶ BUTLER, Mathew. Op. Cit. p. 32.

⁹⁷ BUTLER, Mathew. Op. Cit. p. 32. É importante ressaltar que muitos estudiosos da Cristera produziram seus trabalhos antes de ser possível verificar essas vitórias católicas.

Embora não trabalhe especificamente com a chamada resistência passiva, Guerra Manzo em seu artigo “Guerra cristera y orden público em Coalcomán”⁹⁸, também pensa o catolicismo como uma religião que, mesmo não sendo invencível no campo de batalha, está fortemente presente nas vivências e práticas locais mexicanas. Guerra Manzo investiga um distrito de Michoacán – Coalcomán – para tentar entender de que modo se construiu a governabilidade no período logo posterior à Cristera, e quais conseqüências a guerra trouxe para a política local. Segundo o autor, Coalcomán possui uma história bastante específica: estando em uma região isolada – montanhosa –, o desenvolvimento da região se deu à margem de qualquer estado de direito e controlada em grande parte por lideranças católicas, de forma que durante o período de guerra os cristeros declararam em Coalcomán uma zona autônoma. Guerra Manzo questiona o posicionamento de Jean Meyer, o qual afirmou que os cristeros da região eram invencíveis e o exército federal incompetente.⁹⁹ Lançando mão da correspondência de chefes cristeros, afirma que o exército católico encontrava-se em permanentes dificuldades. Sem recursos, utilizavam a guerra de guerrilha na serra, de modo a evitar um enfrentamento prolongado com as tropas federais e agraristas.¹⁰⁰ Contudo, o governo também encontrava dificuldades. Quando Cárdenas assumiu o governo do Estado se deparou com profundas dificuldades de governabilidade, buscando em diversos momentos alianças com grupos católicos para manter a ordem pública na região. Nesse sentido, depois dos acordos de 1929 e do fim da Cristera, Cárdenas indica Mendoza Barragán, um ex-chefe cristero como líder das tropas rurais.

⁹⁸ GUERRA MANZO, Enrique. “Guerra cristera y orden público en Coalcomán, Michoacán, 1927-1932”. *HISTORIA MEXICANA*, v. 51, n. 2, pp. 325-362, Octubre-Diciembre 2001.

⁹⁹ GUERRA MANZO, Enrique. *Op. Cit.* p. 336.

¹⁰⁰ GUERRA MANZO, Enrique. *Op. Cit.* p. 346.

Para Guerra Manzo, a ordem pública na região de Coalcomán está intrinsecamente ligada à negociação com as práticas locais o que inclui a negociação com lideranças católicas. Cárdenas a princípio entrou em choque com essa forma de atuação política, mas diante das profundas dificuldades de governar em constante conflito acabou negociando e cedendo em alguns pontos. Em Coalcomán, portanto, as relações de poder se davam em dois sentidos, a população rural católica também conseguia exercer pressão para que seus interesses fossem atendidos. Dessa forma, Cárdenas optou por não se chocar com as lideranças católicas na região, seguindo outros planos para tentar romper o isolamento da região, como a construção de estradas e investimentos na infra-estrutura.¹⁰¹

Em 1994 o historiador da Revolução Mexicana Alan Knight publicou seu artigo “Popular Culture and Revolutionary State in México, 1910-1940”¹⁰² que, apesar de não tratar especificamente da Cristera, traz importantes questões para a discussão acerca do conflito entre a religião e o Estado revolucionário mexicano. Nesse sentido, Knight procura entender o projeto cultural do Estado e enxerga o anticlericalismo como uma das chaves para a compreensão desse projeto. De acordo com Knight, o projeto callista tentou levar a cabo a criação de uma nova alma mexicana.¹⁰³ Essa nova alma mexicana excluía a religião, representante do passado e inimiga do progresso, dessa forma, um dos principais *fronts* da batalha foi a educação.¹⁰⁴ Assim, além de excluir a religião católica do projeto educativo, o Estado buscou secularizar as festas populares, e, na própria escola, os alunos eram

¹⁰¹ GUERRA MANZO, Enrique. Op. Cit. p. 360.

¹⁰² KNIGHT, Alan. “Popular Culture and the Revolutionary State in Mexico, 1910-1940”. THE HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW, v. 74, n. 3, pp. 393-444, August 1994.

¹⁰³ KNIGHT, Alan. Op. Cit. p. 402.

¹⁰⁴ KNIGHT, Alan. Op. Cit. p. 405.

educados a questionar a religião.¹⁰⁵ Contudo, para Knight, a população mexicana estava dividida diante desse projeto do Estado. Nesse ponto, embora não diminua a importância da religião nos conflitos do período, Knight insere a questão agrária que, segundo o autor, não pode ser desprezada, uma vez que é fundamental na definição de papéis durante a Cristera e durante as décadas que se seguiram à Revolução Mexicana. Um dos objetivos principais de Knight é investigar a maneira como a população mexicana lidou com o projeto imprimido pelo Estado revolucionário. Para o autor a população mexicana – assim como a elite mexicana – respondeu como um ator “positivo”, e não como mero recipiente, ator manipulado, ou como vítima.¹⁰⁶ A população mexicana não reproduziu simplesmente as narrativas do Estado, muitas vezes conseguindo deslocar significados e produzir uma narrativa própria, como mostra Knight ao analisar as imagens dos heróis anticlericais pintados em poses que remetiam à iconografia cristã.¹⁰⁷

Knight também traz uma importante contribuição para os estudos da Cristera ao investigar porque a maior resistência armada às leis anticlericais se deu na região Centro-Oeste do México. Os motivos que Knight aponta são variados: primeiramente, no porfiriato, a região teria passado por uma segunda conquista espiritual que fortaleceu o catolicismo na região; segundo o autor, devido à pouca penetração da Revolução Mexicana, nas décadas posteriores o regime revolucionário foi visto como um alienígena invasor na região, oferecendo algo que a população não queria.¹⁰⁸ Dessa maneira, apesar de não trabalhar com história local, o autor não ignora as diferenças históricas entre os

¹⁰⁵ A educação socialista é um dos pontos mais discutidos por Knight. E é através da interessante documentação da SEP (Secretaria de Educação Pública) que o autor procura entender qual era o projeto do Estado Mexicano, e que tipo de pessoas esse estado pretendia formar. KNIGHT, Alan. Op. Cit. p. 407.

¹⁰⁶ KNIGHT, Alan. Op. Cit. p. 426.

¹⁰⁷ KNIGHT, Alan. Op. Cit. p. 429.

¹⁰⁸ KNIGHT, Alan. Op. Cit. p. 434.

catolicismos de diferentes lugares, buscando investigar um processo histórico de maneira mais específica, evitando generalizações e padrões de catolicismo.

Os agraristas e a questão agrária

Os estudiosos dos agraristas Christopher R. Boyer¹⁰⁹ e Alicia Salmeron Castro¹¹⁰, em seus textos, analisam o papel desses personagens na história mexicana de um modo bastante diverso daquele Jean Meyer os entendeu. Em *La Cristiada* os agraristas eram principais inimigos dos cristeros e, também católicos, teriam traído sua própria religião em troca de terras.

Alicia Salmeron Castro afirma que, apesar de ser “*uno de los grupos sociales más importantes forjados al calor de la lucha de 1910*”¹¹¹, os agraristas foram pouco estudados pela historiografia. Dessa forma, a autora encontra no arquivo pessoal do general agrarista Genovevo de la O Jiménez importante fonte para a discussão da questão agrarista e seu conflito diante dos cristeros.

O general De la O era, segundo Salmeron Castro, um ex-comandante zapatista, que com a morte de Zapata se aliou a Obregón, sem perder de vista seu ideal: a realização da reforma agrária. Contudo, com a ascensão do grupo sonorenses na década de 1920 com Obregón primeiro e principalmente Calles depois, os agraristas se viram diante de um forte adversário na disputa pelo direcionamento da reforma agrária. O grupo sonorenses buscou deslocar as lideranças agraristas de suas bases, para, dessa forma, enfraquecer seu adversários na disputa pela direção das políticas agrárias no México. De la O, já com seu

¹⁰⁹ BOYER, Christopher R. “Old Loves, new loyalties: Agrarismo in Michoacán, 1920-1928”. THE HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW, vol. 78, n. 3, pp. 419-455, August 1998.

¹¹⁰ SALMERON CASTRO, Alicia. “Un general agrarista en la lucha contra los cristeros: el movimiento e Aguascalientes y las razones de Genovevo de la O”. HISTORIA MEXICANA. v. 44, n.4, pp.537-576, Abril-Junho, 1995.

¹¹¹ SALMERON CASTRO, Alicia. Op. Cit. p. 541.

exército em crise desde a morte de Zapata em 1919, partiu de Morelos, onde lutou desde a década de 1910, para Aguascalientes em 1927 e logo foi indicado como líder das tropas federais no combate aos cristeros. Em Aguascalientes, o general encontrou um ambiente bastante diferente daquele de Morelos: se de um lado a Revolução de 1910 tocou apenas superficialmente a sociedade local, de outro o movimento Cristero tinha grande força, sendo que a vida social e política da região estava bastante ligada ao catolicismo. Por outro lado, o movimento agrarista na região, embora ainda pequeno, cresceu bastante a partir de 1925 com as divisões de terras dirigidas pelo Estado. Com o início da rebelião Cristera no ano seguinte, alguns camponeses que receberam terras se encontraram diante do dilema de escolher seguir os agraristas ou os cristeros – o que teria como consequência o abandono das suas terras.¹¹² Segundo Salmeron Castro, a reação camponesa foi diversa, alguns beneficiários da reforma agrária desistiram das suas terras para seguir os rebeldes cristeros¹¹³, e outros camponeses se alistaram às forças agraristas, ou para defender a conquista das suas terras, ou por temor das ameaças cristeras¹¹⁴. Outro ponto importante ressaltado pela autora é que, mesmo lutando contra um grupo religioso, os agraristas, também católicos, não deixaram sua fé de lado, e a mantiveram mesmo no campo de batalha. Salmeron Castro afirma que a luta dos agraristas: “*contra los católicos cristeros no se contraponía con la celebración de las festividades de la virgen María.*”¹¹⁵ Em nenhum momento os agraristas entenderam que lutavam contra a religião, e sim a favor das suas terras. Dessa forma, a religião católica não era colocada em xeque pelos agraristas, que, ao

¹¹² SALMERON CASTRO, Alicia. Op. Cit. p. 550.

¹¹³ SALMERON CASTRO, Alicia. Op. Cit. p. 555.

¹¹⁴ SALMERON CASTRO, Alicia. Op. Cit. p. 560.

¹¹⁵ SALMERON CASTRO, Alicia. Op. Cit. p. 575.

seu modo, também se colocavam em oposição ao anticlericalismo do Estado, seu aliado na guerra.

O estudo de Boyer procura mostrar que a participação dos agraristas no projeto do estado Mexicano foi consciente, e constantemente negociada.¹¹⁶ O eixo da discussão sobre o papel dos agraristas mudou do binômio resistência-acomodação – como aparece em Meyer –, para o debate em torno da negociação e da apropriação. Boyer, em seu artigo sobre Michoacán, afirma que o apoio ao governador socialista Francisco Múgica, que assumiu o poder em 1920, não aconteceu de saída, e que mesmo os camponeses que ofereciam suporte ao projeto socialista algumas vezes exigiam um pagamento para realizar as tarefas requisitadas.¹¹⁷

A violência tem um papel central na formação da identidade agrarista, segundo Boyer. No início da década de 1920 os agraristas tinham que lutar para proteger a terra recebida do governo, o ejido, e, para Boyer, o governo tem pouca relação efetiva com essa luta, já que as identidades e grupos se fundam nas pequenas localidades, nos próprios vilarejos. A independência dos agraristas diante do Estado pareceu incomodar o presidente Álvaro Obregón, que demandou ao governador que buscasse breca a escalada de violência incitada pelos agraristas.¹¹⁸ No que se refere ao anticlericalismo desses camponeses, ao contrário do anticlericalismo das elites – voltado para a crítica do catolicismo de maneira mais ampla, como aquele que impedia a entrada da “luz” no México –, no caso dos camponeses agraristas o ódio direcionado contra a Igreja estava relacionado às questões locais e aos seus próprios interesses.¹¹⁹ Na crítica dos agraristas, o catolicismo aparece

¹¹⁶ BOYER, Christopher R. *Op. Cit.* p. 426.

¹¹⁷ BOYER, Christopher R. *Op. Cit.* p. 430.

¹¹⁸ BOYER, Christopher R. *Op. Cit.* p. 438.

¹¹⁹ BOYER, Christopher R. *Op. Cit.* p. 446.

sempre ligado ao latifúndio, grande inimigo dos agraristas, e não a conceitos abstratos.¹²⁰ A revolução para os agraristas era o *ejido* e foi por ele que esses camponeses lutaram no confronto com os católicos na rebelião Cristera.¹²¹

No início da década de 1980 o estudo da Cristera como uma revolta impulsionada apenas pela religião dos mexicanos passou por questionamentos. Em seu artigo publicado em 1985, “Inquiries into the Cristero Insurrection against the Mexican Revolution”¹²², Ramon Jrade define a Cristera, de saída, como opositora da Revolução Mexicana, questionando os diversos estudos que inseriram a revolta católica no histórico de conflitos entre Igreja e Estado. Segundo Jrade, os historiadores, especialmente Meyer, esqueceram o processo da Revolução Mexicana como um possível propulsor do conflito. Nesse sentido, a religião não teria a centralidade conferida por Meyer, sendo as divisões de classe, os conflitos agrários e as lutas de poder mais essenciais para o entendimento do conflito. Jrade não investiga profundamente essa questão no artigo, apenas procura enfatizar que a historiografia deixou de lado estas questões importantes.¹²³

O autor também enfatiza as deficiências das pesquisas realizadas por Meyer. Este autor recolheu questionários respondidos por ex-cristeros ou simpatizantes, fonte por meio da qual obteve as informações que utilizou para caracterizar o grupo cristero. De acordo com Jrade, dos mil questionários distribuídos por Meyer apenas 378 foram respondidos na

¹²⁰ BOYER, Christopher R. *Op. Cit.* p. 447.

¹²¹ BOYER, Christopher R. *Op. Cit.* p. 448.

¹²² JRADE, Ramon. “Inquiries into the Cristero Insurrection against the Mexican Revolution”. *LATIN AMERICAN RESEARCH REVIEW*, v. 20, n. 2, pp. 53-69, 1985.

¹²³ “My findings support the positions taken by critics of the dominant line of inquiry that the Cristero phenomenon cannot be explained solely in terms of religiosity. Groups that joined the rebel side in Jalisco cannot be distinguished on the basis of their religious commitment from the groups that supported the government(...). In brief, my study concludes that the Cristero uprisings were outcomes of class divisions and power struggles that developed in sections of the countryside following the revolution.” JRADE, Ramon. *Op. Cit.* p. 66.

sua totalidade. Além disso, os questionários foram aplicados através de uma publicação católica, chamada *David*, abrangendo apenas uma determinada fatia dos ex-soldados católicos. Esse modo de utilizar as fontes teria levado Meyer, segundo Jrade, a erigir conclusões homogeneizadoras e precipitadas a respeito do grupo cristero.¹²⁴

Contudo, por esse posicionamento e por não deixar explícita a sua posição sobre a importância da religião na Cristera, Jrade recebeu críticas. Mathew Butler, por exemplo, rechaçou a tese de Jrade afirmando que nem cristeros nem agraristas se distinguem em termos classistas.¹²⁵ Butler, como vimos anteriormente, insere o aspecto religioso como fundamental para a revolta Cristera e, para tanto, critica autores como Jrade que relegam a religião à “superestrutura”¹²⁶.

Em artigo escrito em 1983¹²⁷, dois anos antes do artigo publicado por Jrade, Moisés González Navarro relaciona a Cristera com as discussões sobre a Reforma Agrária no México. Porém, ao contrário do que defende Jrade, o clero católico e a divisão de terras não estão necessariamente em lados opostos do ringue. González Navarro, ao voltar os olhos para as vésperas da Cristera em um dos estados em que ela teve maior força – Jalisco – se depara com a preocupação das lideranças católicas com os problemas sociais e diversos congressos católicos que discutiam a participação da Igreja na sociedade mexicana. Para captar a variedade no discurso dos líderes religiosos, González Navarro utiliza os diários dos debates e escritos das lideranças religiosas que funcionam como continuação do debate. Nas discussões posteriores à Constituição de 1917 entre as autoridades eclesiásticas – incluindo um congresso católico realizado em 1919 – as posições encontradas por Gonzáles

¹²⁴ JRADE, Ramon. Op. Cit. p. 62.

¹²⁵ BUTLER. “Cristeros y agraristas en Jalisco: una nueva aportación a la historiografía cristera”. p.504

¹²⁶ BUTLER, Mathew. “Keeping the faith in revolutionary Mexico”. p.11

¹²⁷ GONZALEZ NAVARRO, Moisés. “La Iglesia y el Estado en Jalisco en vísperas de la rebelión cristera”. HISTORIA MEXICANA, v. 33, n. 2, pp. 303-317, Octubre-Diciembre 1983.

Navarro variam bastante. No que se refere à Revolução Mexicana as posições encontradas podem ser resumidas em duas: a primeira enxerga o movimento iniciado em 1910 como a ascensão liberal que, com sua falsidade, irá manter as desigualdades; a outra posição, vê na Revolução uma resposta ao estado de injustiça em que se encontrava o México de então.¹²⁸ Dessa maneira, podemos perceber que a Revolução não era inteiramente condenada pelas autoridades católicas de Jalisco, e que o próprio clero não pode ser entendido como uma categoria homogênea.

No que se refere à reforma agrária, a posição das lideranças da Igreja também variaram, porém um ponto permanecia praticamente intocado a necessidade de ressarcir o latifundiário. A propriedade privada ao mesmo tempo em que é defendida e, em muitos sentidos, pensada intocada em seu direito, é criticada em seus usos, como recomenda o arcebispo de Guadalajara Francisco Orosco y Jiménez: “*no emplearla em vícios (...)*”¹²⁹. O arcebispo também enfatiza a necessidade de uma remuneração suficiente e de boas condições de trabalho. González Navarro, ao invés de erigir grandes afirmações quanto à índole do clero mexicano, enfoca sua análise em um momento determinado que evidencia um clero com idéias variadas, havendo mesmo uma disputa no interior da elite eclesiástica a respeito dos posicionamentos da Igreja perante a Revolução e a questão agrária no México.

O já citado historiador de Michocán, Guerra Manzo, escreveu o único artigo que nos foi possível encontrar sobre a Segunda Guerra Cristera.¹³⁰ Esse segundo momento da Cristera – ocorrido ao longo dos anos trinta, não possui uma data de início e fim exata,

¹²⁸ GONZALEZ NAVARRO, Moisés. “La Iglesia y el Estado en Jalisco en vísperas de la rebelión cristera”. pp. 304-305.

¹²⁹ GONZALEZ NAVARRO, Moisés. “La Iglesia y el Estado en Jalisco en vísperas de la rebelión cristera”. pp. 309-310.

¹³⁰ GUERRA MANZO, Enrique. “El fuego sagrado: la segunda Cristera y el caso de Michoacán(1931-1938)” HISTORIA MEXICANA, v. 55, n.2, pp. 513-575, Octubre-Diciembre 2005.

variando de acordo com a região em que ocorreu –, nasceu da insatisfação de alguns grupos católicos com os acordos de 1929. Meyer definiu a Segunda como um movimento desorganizado e manipulado pelos generais¹³¹, ou seja, ao contrário da primeira guerra, não foi a erupção de um catolicismo mexicano legítimo. Guerra Manzo contesta a interpretação de Meyer, ele acredita que os cristeros da Segunda não foram “*peones del tablero político, bandidos sociales (o profesionales), rebeldes primitivos, ni un movimiento carente de programa*”¹³². Pelo contrário, segundo o autor, o cristero da Segunda procurou jogar seu próprio jogo, mantendo-se autônomo até sua derrota e extinção no final dos anos trinta.

De acordo com Guerra Manzo, para entender a Segunda e o catolicismo na década de 1930 deve-se atentar para a oposição entre um catolicismo mais agressivo perante o Estado, e outro, que buscava um *modus vivendi*. O episcopado estaria mais ligado à segunda tendência e durante a década de 1930 agiu para evitar que seus opositores utilizassem a identidade religiosa em seu favor. A Liga (LNDLR), que exerceu um importante papel na primeira Cristera, diante da pressão do episcopado que pretendia arrebatá-lhes a bandeira religiosa, perdeu o “R”.¹³³

A *Segunda* é entendida como o último suspiro de um grupo católico que defendia o uso da violência para enfrentar o Estado. Nesse sentido, em sua análise, Guerra Manzo parece apresentar a *Segunda* como a ascensão de algo que já devia ter acabado, em outras palavras, como um movimento anacrônico. Como quando fala de Saturnino Cedillo, general da *Segunda*: “*fue el último de los generales del bloque revolucionario que se rebelaron solo para descubrir que esse [violencia] camino estaba cerrado; la segunda*

¹³¹ MEYER, Jean. Op. Cit. v. 1. p. 281.

¹³² GUERRA MANZO, Enrique. Op. Cit. pp. 514-515.

¹³³ GUERRA MANZO, Enrique. Op. Cit. pp. 522-523.

Cristiada fue el último movimiento del bloque católico que experimentó lo mismo.”¹³⁴ A luta dos cristeros na *Segunda*, fadada à derrota desde seu início, torna-se a partir dessa frase uma luta que vai contra o devir da história. Por que o caminho da violência estava fechado se ainda grupos católicos estavam armados no México? Embora tal visão não seja exclusiva em seu texto, em alguns momentos parece desviar nessa direção.

Uma grande síntese?

A partir de 2000, Moisés González Navarro passou a publicar sua monumental obra chamada *Cristeros e Agraristas en Jalisco*¹³⁵. Em 2003 foi publicado o quinto e último volume da obra. Nessa obra, González Navarro procura entender a rebelião cristera no estado de Jalisco e seus variados temas contíguos como os movimentos armados precursores da *Cristera*, conflitos políticos estatais, questões trabalhistas, reformas educacionais, as migrações, o processo de modernização cultural, econômica e social na região, entre outros. O autor traça ainda um perfil de diversos personagens da revolta, além de deter-se na história militar da rebelião. Como a “nova historiografia cristera”, Gonzalez Navarro estudou uma localidade, no caso um estado, Jalisco, e dedicou-se à análise da participação dos agraristas no conflito. Quanto a isso, o próprio título desse trabalho é bastante sintomático: os agraristas dividem com os cristeros o papel central, o que também denota um enfoque que, de certa forma, privilegia a questão agrária. Nesse sentido, Gonzalez Navarro realiza um estudo a respeito da estrutura agrária do estado de Jalisco, voltando para época da colonização. González Navarro encontra em finais do século XVI a formação típica *hacienda jalisciense* na qual “*Rara vez faltaba una capilla y casi nunca la*

¹³⁴ GUERRA MANZO, Enrique. Op. Cit. p. 531.

¹³⁵ GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Cristeros y agraristas en Jalisco*. México, DF: El Colegio de México, 2000-2003. 5 vols.

tienda de raya.”¹³⁶ Um dos motivos indicados por González Navarro para a grande participação da população de Jalisco na Rebelião Cristera é a formação mestiça do estado: “*Tal vez este origen racial explique la altivez que los cohesionó tanto durante la guerra cristera, aparte del aspecto estrictamente religioso y social de esa lucha.*”¹³⁷

Mathew Butler destaca que *Cristeros y Agraristas en Jalisco* se trata de um trabalho completo¹³⁸, calcado em uma densa pesquisa em arquivos. Gustavo Guevara cobra, em meio à pulverização das explicações da “nova historiografia cristera”, uma “representação unanimemente aceita”, que recomponha os fragmentos.¹³⁹ Ainda é cedo para dizer se a interpretação de González Navarro é unanimemente aceita¹⁴⁰, mesmo porque esse trabalho não tem como objetivo criar uma interpretação unívoca a respeito da rebelião católica.

Gonzalez Navarro intenta desvendar a história da região, sua formação religiosa, participação do clero, e também a influência da Revolução no estado de Jalisco. Assim, para o autor, há uma disputa, importante para a compreensão da Cristera, entre dois projetos de organização agrária: um pensado pelo Estado e outro pela Igreja jalisciense. A Igreja, como o mesmo autor havia mostrado em artigo aqui já citado¹⁴¹, estava profundamente interessada nos problemas agrários desde os congressos católicos do início

¹³⁶ GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Op. Cit.*v. I, p.21.

¹³⁷ GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Op. Cit.*v. I, p.51.

¹³⁸ BUTLER, Mathew. “Cristeros y agraristas en Jalisco: una nueva aportación a la historiografía cristera”. p.497.

¹³⁹ GUEVARA, Gustavo. *La revolución mexicana: el conflicto religioso*. Avellaneda: Manuel Suárez, 2005. p. 21.

¹⁴⁰ A obra de González Navarro curiosamente não é citada por Luis Barrón em seu trabalho de análise da historiografia acerca da Revolução Mexicana. Esse trabalho reúne uma extensa bibliografia sobre a Cristera – assim como vários outros temas relacionados à Revolução –, mas entre os livros ali citados não aparece *Cristeros y Agraristas en Jalisco*. No entanto, outros pesquisadores pensam essa obra como um importante marco nos estudos cristeros, principalmente por “sepultar” a interpretação homogeneizadora e de Meyer. BARRÓN, Luis. *Op. Cit.* BUTLER, Mathew. “Cristeros y agraristas en Jalisco: una nueva aportación a la historiografía cristera”. *Op. Cit.*

¹⁴¹ GONZALEZ NAVARRO, Moisés. “La Iglesia y el Estado en Jalisco en vísperas de la rebelión cristera”. *Op. Cit.*

do porfiriato (1903-1909). Buscando entender esse projeto social da Igreja, González Navarro examina as bases ideológicas nas quais podem ser observadas características marcantes desse projeto. Um dos pontos destacados por González Navarro é a idéia colocada pelo clero católico segundo a qual os problemas agrários eram um risco para o país, de modo que sua solução era condição necessária para a estabilidade, para a harmonia entre as classes e para a paz no México.¹⁴² Nesse sentido, o projeto da Igreja é entendido como conservador – na medida em que busca evitar o choque social –, e paternalista, já que fica a cargo dos órgãos oficiais – a Igreja – a ajuda aos camponeses que enfrentam dificuldades. Conforme analisa Butler, o objetivo era manter a ordem social e o regime agrário existente sem os abusos que o caracterizavam (insegurança, latifundismo, e *tienda de raya*).¹⁴³ O projeto agrário do Estado é descrito como mais radical, colocado em oposição ao projeto da Igreja, sendo seu aspecto mais importante a necessidade do reparto de terras, medida prevista pela Constituição de 1917.

Dividido entre esses dois projetos, o estado de Jalisco conviveu com a disputa entre Estado e Igreja pelo apoio dos camponeses. O sul do Estado, onde a Revolução de 1910-1917 logrou maior sucesso, os camponeses acabaram recebendo terras do Estado e se alinhando a esse projeto, mesmo que ali o projeto da Igreja tenha conseguido também algum espaço. No norte de Jalisco, *Los Altos*, o “paternalismo” da Igreja acabou se difundindo mais, embora o ímpeto revolucionário não tenha ficado completamente ausente como denota a presença do revolucionário villista Pedro Zamora.¹⁴⁴ A vida social e política em *Los Altos* estava misturada com a vida religiosa, de forma que o catolicismo estava

¹⁴² GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Cristeros y agraristas en Jalisco*. V.2. pp. 137, 211-217, 237, 277-286.

¹⁴³ BUTLER, Mathew. “Cristeros y agraristas en Jalisco: una nueva aportación a la historiografía cristera”. p. 513.

¹⁴⁴ GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Cristeros y agraristas en Jalisco*. pp. 160, 169 e 174-176

próximo do *pueblo*, das localidades, o que explicaria o grande número de cristeros oriundos dessa região, assim como os poucos pedidos de terra ao programa de distribuição do Estado. Gonzalez Navarro descreve um ambiente social no qual a religião católica institucionalizada penetra em muitos espaços da vida pública e privada. Já no sul de Jalisco, a tradição liberal era mais forte e a Igreja estava afastada da vida social desde a Reforma liberal iniciada com a Constituição de 1857. A Reforma liberal do século XIX também destruiu a propriedade comunal indígena dessa região, abrindo espaço para que no século seguinte os camponeses se aliassem ao Estado – que buscava essa “clientela rústica” – para retomarem essas terras.¹⁴⁵

Nesse sentido, González Navarro não ignora a importância da religião no conflito, ainda que busque entender a questão agrária da região. Ambas variáveis são discutidas como fatores importantes como fundadores da identidade tanto de cristeros como de agraristas. Podemos afirmar que, para Gonzalez Navarro, a Cristera em Jalisco foi um conflito social, no qual a formação católica do estado – bastante ligada à Igreja oficial – surge como motivo da adesão ao conflito na medida em que está fortemente ligada à estrutura social do estado, especialmente de Los Altos. Nesse sentido, podemos afirmar que, ao contrário do que ocorre no trabalho de Meyer, para Gonzalez Navarro a religião católica não é um traço natural dos camponeses, mas se tornou ao longo do tempo, em um extenso processo de formação da sociedade de Jalisco, uma característica fundamental do ambiente social desse estado, tanto no ambiente rural como no urbano.

¹⁴⁵ BUTLER, Mathew. “Cristeros y agraristas en Jalisco: una nueva aportación a la historiografía cristera”. p. 517. GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Cristeros y agraristas en Jalisco*. p. 206.

Capítulo 2. Utilizações da literatura de tema cristero

“(…) *la verdadera Revolución Mexicana está en la literatura*”
Juan Rulfo

Logo após o término da Primeira Rebelião Cristera, Jorge Gram (pseudônimo do sacerdote David Ramirez que participou como instigador na Cristera¹⁴⁶) publicou sua novela *Héctor* (1930),¹⁴⁷ que buscava justificar a guerra. Assim como *Héctor*, muitas outras novelas foram lançadas depois do término da guerra, a maioria defendendo a causa católica, mas muitas, também, se posicionando favoravelmente ao regime pós-Revolucionário e condenando os guerreiros católicos. Desse modo, conforme afirma Avitia Hernandez, a guerra antes disputada com o fuzil, passou a ser disputada com plumas.¹⁴⁸

Em geral, entretanto, as interpretações literárias da Cristera somente foram superficialmente tematizadas pela historiografia, sendo taxadas de terem baixa qualidade literária e falta de rigor histórico devido a um maniqueísmo que seria fruto da intenção, atribuída aos autores das novelas sobre a Cristera, de sustentar um determinado projeto político. Jean Meyer, por exemplo, não usa a literatura sobre a Cristera como fonte histórica de destaque para seu trabalho, mas faz alguns comentários no final do primeiro volume de *La Cristiada* a propósito de algumas novelas. A respeito da novela *La Virgen de los Cristeros* de Fernando Robles, Meyer afirma que se trata de uma: “*Ficción muy alejada de la historia*”¹⁴⁹ No mesmo sentido vão os comentários de Meyer a respeito das novelas *Los Cristeros: Guerra Santa en los Altos* e *Los Bragados* ambas de José Guadalupe de Anda:

¹⁴⁶ Segundo Avitia Hernandez, os *Arreglos* de 1929 exigiam que o presbítero David Ramirez permanecesse fora do país. AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *La Narrativa de las Cristiadas. Novela, cuento, teatro, cine y corrido de las Rebeliones Cristeras*. UAM - Unidad Iztapalapa - División de Ciencias Sociales y Humanidades, México D.F., 2006 p. 205.

¹⁴⁷ GRAM, Jorge (David Ramirez). *Hector: novela histórica cristera*. Jus: México, DF, 1966.

¹⁴⁸ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.*.p. 833.

¹⁴⁹ MEYER, Jean. *La Cristiada*. México, DF: Siglo XXI, 1988. v. 1 p. 403.

Desgraciadamente, el autor, por prejuicio político, ha falseado el espíritu de sus personajes. (...) (...) los efectos de una pasión política que lo ciega, impide al autor llegar a la verdad de los personajes, a los cuales modela sobre la tesis que pretende demostrar.¹⁵⁰

A novela *Héctor*, de Jorge Gram, recebeu uma apreciação semelhante:

Incesantemente reeditada, *Héctor* sigue encantando a determinado público católico. (...) La tesis, favorable a la Iglesia, es igualmente falsa y deformante. El protagonista, Héctor, no es un campesino cristero, sino un hombre de la ciudad, y la ideología que ha inspirado estas páginas es la de la derecha católica de las clases medias.¹⁵¹

Na curta análise de Meyer das novelas cristeras, a única que escapa de uma sentença análoga é *Rescoldo*, novela escrita por Antonio Estrada: “(...) *único libro, obra novelesca u obra histórica, escrito sobre los cristeros.*”¹⁵²

Ainda hoje, como na interpretação de Meyer, muitas vezes as novelas a respeito da Cristera são ignoradas como fonte histórica e descartadas como uma interpretação válida do período, apesar de relativamente bem sucedidas no mercado editorial¹⁵³. Não obstante isso, é possível encontrar alguns textos que trataram da literatura Cristera de forma mais detida e aprofundada, tanto no campo da crítica literária quanto no da historiografia.

Começaremos esta seção tratando de textos da crítica literária que, ao estudarem a literatura mexicana no século XX, não puderam evitar entrar em contato com os textos que trataram da Rebelião Cristera. As análises de John Brushwood e Adalbert Dessau, por exemplo, tornaram-se importantes referências aos estudiosos da literatura mexicana do período; ambos, ao traçarem um panorama da literatura mexicana pós-Revolução, se

¹⁵⁰ MEYER, Jean. v.1 *Op. cit.* p. 404.

¹⁵¹ MEYER, Jean. v.1 *Op. cit.* p. 404.

¹⁵² MEYER, Jean. v.1 *Op. cit.* p. 404.

¹⁵³ Avitia Hernández afirma que, em um país de poucos leitores como é o caso do México, a tiragem das novelas é surpreendente: “*La suma total de ejemplares de novelas de tema cristero sacados al mercado se acerca al medio millón.*” AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* pp. 189-190.

depararam com a literatura sobre a Cristera.¹⁵⁴ Veremos não só como esses autores trataram esse material, mas como o posicionaram na história da literatura mexicana.

O estudioso norte-americano da literatura John Brushwood inicia seu texto defendendo o estudo das novelas como forma de se entender melhor uma determinada nação. Para o autor, uma novela traz à tona não só a realidade visível como também elementos que não aparecem para a vista.¹⁵⁵ O intuito do autor nesse estudo é compreender como as novelas mexicanas captam a realidade do país.

México en su novela, publicado em 1966 em inglês, tem como finalidade introduzir o leitor norte-americano às novelas mexicanas e conseqüentemente à cultura deste país.¹⁵⁶ Brushwood ressalta o pouco conhecimento que os norte-americanos têm a respeito da produção literária realizada abaixo do Rio Grande e procura com essa publicação dar subsídios para a leitura das novelas mexicanas. Dessa forma, Brushwood traça um panorama da produção literária mexicana desde a colônia até a data da escrita do texto.

No entanto, o autor inicia seu texto analisando a produção contemporânea mexicana, a partir da publicação do livro de Yáñez, *Al filo del agua*, em 1947, que segundo o autor funciona como um divisor da literatura no país. O primeiro capítulo abrange a produção novelística de *Al filo del agua* até os inícios da década de 1970, quando o autor

¹⁵⁴ O recuo até os textos da crítica literária mostrou-se importante para compreendermos que a historiografia que tratou da literatura cristera se insere em uma certa tradição de análise das novelas cristeras, ou seja, muitas vezes os historiadores tomaram emprestadas interpretações presentes na crítica literária. Ao mesmo tempo, a crítica literária, ao pensar as novelas cristeras, ainda que não utilize as novelas como fonte histórica, dialoga com o período da Cristera.

¹⁵⁵ “La Novela se presta especialmente para expresar la realidad de una nación por su capacidad de abarcar tanto la realidad visible como aquellos elementos de la realidad que no se presentan a la vista.” BRUSHWOOD, John S. *México en su Novela: una nación em busca de su identidad*. México D.F.: FCE, 1992. p. 9.

¹⁵⁶ Embora inicialmente voltada para o público norte-americano, a tradução para o espanhol editada no México amplia o público do livro. A primeira edição em espanhol data de 1973.

fez a revisão do texto para sua publicação em espanhol. A novidade trazida pelo livro de Yáñez é, segundo Brushwood, um alto grau de interiorização que não se encontrava na prosa anterior e que irá marcar a produção novelística posterior. As novelas escritas antes do livro de Yáñez estavam marcadas pela ênfase no protesto social, questão que, segundo Brushwood, Yáñez teria incorporado e superado na sua prosa.

O autor procura abarcar o máximo de novelas possível, o que o leva, em muitos casos, a restringir sua análise a comentários curtos a respeito de um determinado texto ao passo que outros textos recebem uma análise mais pormenorizada. Clássicos da literatura mexicana recente e livros considerados por Brushwood como marcantes e influentes, como *Los de Abajo* de Mariano Azuela ou *Pedro Páramo* de Juan Rulfo, mereceram uma análise mais longa; já outros textos servem como mera ilustração de um determinado movimento literário.

Uma das marcas da análise de Brushwood das novelas mexicanas é a oposição entre realidade interior e o conflito social. Para o autor, a melhor novela é aquela que trata com mais ênfase das questões humanas em um sentido mais geral. Brushwood realiza uma crítica das novelas tendo em vista muito mais seus aspectos literários do que a importância que estas assumem em seu contexto cultural e social, embora estes não sejam deixados completamente de lado. É preciso ressaltar também que essa característica da obra de Brushwood está muito mais patente no primeiro capítulo; nos demais, há uma forte preocupação com os contextos literários, políticos e culturais nos quais as novelas são elaboradas. Contudo, o rechaço do autor é bastante forte no que se refere à produção literária diretamente vinculada a uma causa política. Tal rechaço se mostra mais explícito quando Brushwood analisa autores que se definem como *de esquerda* como José Revueltas e posteriormente José Mancisidor. Em ambos os autores, o *esquerdismo* é um fator que

limita suas novelas, impedindo-as de atingir uma qualidade literária maior.¹⁵⁷ Para Brushwood, a história da literatura mexicana tem seu auge exatamente no momento em que o protesto social é levado para o campo de um drama humano mais geral:

Es patente que la preocupación por la realidad mexicana ha pasado de subrayar problemas caracterizados sociológicamente a tomar conciencia de la importancia humana, en un sentido más general, y a la indagación que tiene como objetivo comprender cómo está relacionado el acto creativo con la realidad. A veces una novela no comprometida, en la acepción social común del término, puede mostrar sutilmente una grave inconformidad con la vida contemporánea, sea ésta mexicana o universal.¹⁵⁸

Muitas das novelas sobre a Cristera, embora não tenham sido escritas por “esquerdistas”, estão diretamente vinculadas ao reclamo de uma condição social vivida na realidade mexicana; dessa forma Brushwood critica as poucas novelas de tema cristero que cita em seu trabalho. Em geral esses comentários são bastante curtos e repreendem o posicionamento unilateral do autor e a má qualidade literária dessas obras, embora Brushwood ressalte também alguns aspectos positivos dessas novelas. Quando examina a obra *Héctor* de Jorge Gram, Brushwood afirma que nessa obra qualidades artísticas são menos importantes do que a necessidade de um país explicar-se a si mesmo.¹⁵⁹ Apesar dessa afirmação, Brushwood dedica apenas um parágrafo a *Héctor*, deixando de lado qual explicação a respeito da realidade mexicana essa novela procura trazer. As demais novelas cristeras analisadas por Brushwood também não receberam uma atenção mais detida.

¹⁵⁷ “Por insistente que sea el tema del problema social en la novelística mexicana reciente, dicha clase de composición literaria ha tenido a hacer algo más que la simple descripción de semejante problema. A veces, el deseo de trascender lo inmediato deja al autor en un enredijo cuya hebra no sabe encontrar convenientemente. José Revueltas, uno de los escritores mexicanos más comprometidos y más capaces artísticamente de México, después de varios intentos no ha conseguido componer la novela que según muchos es capaz de escribir. Revueltas mantiene políticamente una vigorosa posición izquierdista; aunque esta actitud se advierte en sus novelas, desea fundarla en la condición del hombre más que en el volumen de su protesta. La impresión que nos deja una novela de Revueltas es la de que el autor extravía y no es capaz de cumplir cabalmente lo que se propuso” e “José Mancisidor, en la asonada, describió la Revolución desde el punto de vista de un participante. Su ideología izquierdista es patente, como en todas sus novelas, y tiende a inhibir su poder creador.” BRUSHWOOD, John. *Op. cit.* pp. 51 e 355, respectivamente.

¹⁵⁸ BRUSHWOOD, John. *Op. cit.* p. 129.

¹⁵⁹ BRUSHWOOD, John. *Op. cit.* p. 350.

O rechaço de Brushwood a essas novelas politizadas ou que defendem claramente uma posição em um conflito da história mexicana recente deixa de lado as motivações que levaram seus autores escreverem suas novelas dessa forma, e que essa escrita mais engajada, embora possa trazer prejuízos literários¹⁶⁰, faz parte de uma disputa pela nação mexicana no momento pós-revolução. No regime político mexicano pós-revolução, algumas opiniões políticas talvez precisassem do respaldo da ficção para serem pronunciadas sem uma arma de fogo à mão.

Quase simultaneamente à escritura de *México en su Novela*, Adalbert Dessau, crítico da Alemanha Oriental, desenvolvia seu volume que estuda especificamente as novelas da Revolução Mexicana.¹⁶¹ Podemos afirmar que o interesse pela literatura mexicana no âmbito internacional indicado pelo lançamento das obras interpretativas de Brushwood e Dessau na segunda metade da década de 1960 se deve, em certo sentido, ao *boom* mundial da literatura latino-americana passava nessa época por conta do sucesso alcançado pelo chamado “realismo mágico” ao redor do globo.

Para Dessau, a Novela da Revolução se divide em dois momentos: o primeiro vai da publicação, em 1915, de *Los de Abajo*, novela de Mariano Azuela, que é considerada a primeira novela da Revolução Mexicana, até finais da década de 1920; o segundo vai exatamente dos finais da década de 1920 quando “*se robustecen los elementos de crítica*

¹⁶⁰ É difícil dizer o que de fato é uma boa literatura; Brushwood defende um tipo de literatura mais psicológica como melhor. Utilizamos aqui o termo prejuízo literário no sentido apontado por Brushwood para tentar mostrar que mesmo dentro da lógica do trabalho desse autor, que não se detém unicamente no caráter literário das obras, as novelas de tema cristero poderiam ter tido uma atenção maior, principalmente quanto às motivações de seus autores.

¹⁶¹ DESSAU, Adalbert. *La Novela de la Revolución Mexicana*. México, DF: FCE, 1996. (Primeira edição em alemão: 1967; primeira edição em espanhol 1972).

social o de protesta”¹⁶² nas novelas até meados da década de 1940, momento em que há uma interiorização do conflito e a crítica social perde espaço. No entanto, Dessau tenta provar que são dois momentos de um mesmo fenômeno: a novelística da Revolução.

Como podemos perceber pela caracterização de Dessau, assim como no trabalho de Brushwood, a questão da crítica social é também uma temática destacada na análise das novelas da Revolução. Mas, enquanto Brushwood vê na crítica social um traço da novela mexicana a ser superado, Dessau afirma que a compreensão e a crítica da sociedade são condições necessárias para criação artística, de modo que o desenvolvimento da novela está intrinsecamente ligado aos movimentos de libertação nacional.¹⁶³

O objetivo principal do estudo de Dessau é entender os vínculos entre o desenvolvimento da Revolução Mexicana e o desenvolvimento da novela da Revolução. Dessa maneira, podemos afirmar que a literatura é entendida por esse autor como consequência e sintoma da realidade mexicana.

De acordo com Dessau, a novela da Revolução inicia seu auge a partir de 1927-28 exatamente quando a literatura é usada conscientemente como arma das lutas sociais.¹⁶⁴ Ao contrário de Brushwood, Dessau elogia justamente as novelas engajadas que Brushwood criticou, como *La Ciudad Roja* de José Mancisidor. Para Dessau, os escritores das novelas engajadas na causas operárias compreendem a história de um ponto de vista progressista, e, na verdade, o único ponto de vista correto. Apesar de classificar todos os escritores de novelas da Revolução como pequenos burgueses, alguns deles, ao contrário dos engajados, limitaram sua literatura à mera pintura edificante ou ao mero consolo.¹⁶⁵ Assim, Dessau

¹⁶² DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p. 9.

¹⁶³ DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p. 10.

¹⁶⁴ DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p. 109.

¹⁶⁵ DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p. 116.

elogia as novelas engajadas na causa proletária não por sua qualidade literária, mas por terem as idéias marxistas por ele compartilhadas. Contudo, em dado momento de seu texto Dessau chega a concordar com Brushwood, afirmando que um efeito literário maior não é atingido por essas obras justamente pelo forte engajamento político de seus autores:

Pero las novelas de tendencia proletaria, pese a la indudable labor creadora de sus autores, no alcanzan una gran profundidad literaria, y producen la impresión de dejar los conflictos sin resolver, sea porque lo que proponían exponer los autores no estuvo al alcance de sus posibilidades, o porque, en favor del mensaje, exageran en su descripción del medio y de los personajes.¹⁶⁶

Apesar desse momento de ressalva a algumas de suas posições, Dessau termina seu livro de maneira enfática em relação ao potencial de mudança social contido nas novelas mexicanas.

O ocaso das novelas de crítica social, segundo Dessau, ocorre quando a burguesia nacional se estabelece no poder, o que segundo esse autor teria acontecido durante a presidência de Lázaro Cárdenas. Em 1938 o problema do “homem interior” vem à tona e começa a ocupar espaço nas novelas que anteriormente tratavam dos problemas sociais mexicanos. Assim como Brushwood, Dessau elege a novela de Yáñez *Al filo del Agua* como marco desse momento e igualmente a elogia por suas qualidades literárias. Apesar de também destacar *Al filo del Agua* como a aurora de um novo modo de se escrever novela, Dessau a define também como o marco do movimento de “*neutralización de la novela de la Revolución*”. Nessa nova situação literária a Revolução mexicana permanece como tema, mas o aspecto social fica de fundo nesse momento, enquanto o tema da “ontologia do ser mexicano” vem à tona. Essa mudança, como dito, estaria ligada à ascensão da burguesia

¹⁶⁶ DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p.434.

nacional ao poder e ao controle que a burguesia começou a exercer sobre os movimentos de massas.¹⁶⁷

Embora não faça uma longa análise das novelas a respeito da Cristera, Dessau debruça-se sobre esse material de maneira mais detida que Brushwood trazendo informações importantes sobre essas obras. Essas novelas foram incluídas no capítulo a respeito das novelas *contra-revolucionárias*.¹⁶⁸ Dessau focaliza duas novelas de tema cristero: *Héctor* de Jorge Gram, e *La Virgen de los Cristeros* de Fernando Robles. O autor caracteriza *Héctor* como um livro maniqueísta de “*propaganda antirrevolucionaria*”, chamando-a inclusive de um “*falaz libelo*”. Do mesmo modo que Brushwood, Dessau destaca a pouca qualidade literária do texto. O julgamento da novela de Robles é mais brando, tanto no seu aspecto literário como no que se refere à sua interpretação da história. Para Dessau, Gram é cristero acima de todas as coisas, o que o leva a enxergar a história de maneira equivocada; enquanto Robles, por sua vez, pecou não por pintar um quadro por demais preto e branco da história, mas sim por dar excessivo destaque a uma história de amor. Mas de fato, para Dessau, ambas as novelas “*carecen de importância para el desarrollo de la novela moderna.*”¹⁶⁹

Ainda que teça fortes críticas à produção literária cristera, Dessau, mesmo que rapidamente, reflete sobre os objetivos dessas novelas, e chega a admitir que pelo menos parcialmente estes foram atingidos. Sobre a difusão de *Héctor*, Dessau afirma que é, com a possível exceção de *Los de Abajo*, a novela mexicana mais difundida. Apesar da novela de Robles, publicada na Argentina, ser bem menos difundida, tanto *Héctor* como *La Virgen de los Cristeros* têm o mesmo objetivo:

¹⁶⁷ DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p.467.

¹⁶⁸ DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p.290.

¹⁶⁹ DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p.293.

(...) influir intensivamente sobre un numeroso público pequeño burgués y campesino, de tendencias religiosas, mediante obras que constituyan una abierta falsificación de la verdad. Tales obras en lo artístico están en un nivel muy primitivo, pero saben explotar una ingenua credulidad en lo auténtico de los hechos narrados 'literariamente'.¹⁷⁰

Na caracterização preta e branca do texto de Dessau, as novelas cristeras são contrarrevolucionárias. Porém, ao levar em conta que essas novelas eram escritas para um público sensível à causa cristera, vislumbra que o “vil objetivo” dessa literatura era atingido.

Em 1987 é lançado outro importante texto a respeito das novelas mexicanas, o ensaio de Sara Sefchovich, *México: país de ideas, país de novelas: una sociología de la literatura mexicana*.¹⁷¹ Nesse texto, a autora estuda as novelas mexicanas a partir da independência aportando naquelas escritas na década de 1980, buscando entender o meio no qual essas novelas nasceram, como puderam surgir e porque apareceram de uma determinada forma. Dessa maneira, sua análise não está voltada para as qualidades artísticas das novelas e sim para o que elas trazem para compreensão da história mexicana.

Assim como Brushwood, Sefchovich acredita que a Revolução é fundamental para o desenvolvimento da literatura mexicana no século XX. De acordo com Sefchovich, a Revolução foi um acontecimento que envolveu todos os indivíduos de modo que, para explicar a si próprio, um autor deveria passar por ela.¹⁷² No entanto, a autora afirma que a Revolução não causou alvoroço entre os escritores, talvez por se tratar de um movimento mais de imagens do que de tramas; daí o seu maior impacto na pintura. Para Sefchovich

¹⁷⁰ DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p.293.

¹⁷¹ SEFCHOVICH, Sara. *México: país de ideas, país de novelas: una sociología de la literatura mexicana*. México, DF: Grijalbo, 1997.

¹⁷² SEFCHOVICH, Sara. *Op. cit.* p. 97.

mesmo as novelas escritas sobre a Revolução podem ser descritas mais como uma série de imagens do que de tramas.¹⁷³

Como principais características da novela da Revolução a autora destaca: o realismo que abarca a totalidade; uma essência épica; e, ao contrário da pintura muralista, a oposição ao discurso oficial.¹⁷⁴

(...) fue la única manifestación cultural absolutamente crítica del triunfalismo oficial, de la institucionalización y del alborozo, de la corrupción (...) la novelística de la Revolución se opuso a la ideología dominante (...).¹⁷⁵

Apesar de oposição ao discurso oficial, os autores das novelas a respeito da Revolução não necessariamente se colocavam contra a mudança, eles próprios em muitos casos se envolveram de alguma maneira com a Revolução. Suas novelas, segundo Sefchovich, estão numa posição ambígua entre o desejo e o temor da mudança. Para a autora, quem escreveu as novelas sobre a Revolução foi:

(...) una clase media que creyó en la Revolución y en ‘la esperanza de una vida más justa’ como decía José Rubén Romero, pero que se asustó ante la violencia y la barbarie, el desorden, y la facilidad de la muerte que no cabían en sus valores.¹⁷⁶

Na citação acima entra novamente em pauta a questão debatida por Brushwood e por Dessau a respeito do caráter de crítica social presente nas novelas mexicanas. Para Sefchovich, por ser escrita por autores envolvidos na luta e, para ela, todos mexicanos estão de alguma forma relacionados com a Revolução, a novela da Revolução não poderia se esquivar da questão social no México.

La novela de la Revolución se escribió porque un acontecimiento de esa magnitud necesariamente tenía que afectar a todas las clases, a todos los individuos. (...). Se hizo [novelas] porque los autores querían explicarse a sí mismos los hechos en que participaban, algunos con entusiasmo, otros en oposición.

¹⁷³ SEFCHOVICH, Sara. *Op. cit.* pp. 2-3.

¹⁷⁴ SEFCHOVICH, Sara. *Op. cit.* p. 87.

¹⁷⁵ SEFCHOVICH, Sara. *Op. cit.* p. 101.

¹⁷⁶ SEFCHOVICH, Sara. *Op. cit.* p. 97.

Apesar de destacar a oposição das novelas ao discurso oficial, Sefchovich não desenvolve longamente o assunto das novelas de tema cristero. As novelas cristeras selecionadas são as mesmas que as enfocadas por Dessau: *Héctor* de Jorge Gram, e *La Virgen de los Cristeros* de Fernando Robles. Assim como Dessau e Brushwood, Sefchovich ressalta o baixo nível artísticos dessas novelas e a sua visão maniqueísta do conflito. Porém, como Dessau, a autora sublinha que essas novelas atingiram seu público: “(...) *aunque su nivel artístico es primitivo, supieron llegar a las masas apelando a los sentimientos religiosos.*”¹⁷⁷

Desse modo, Sefchovich também não procura entender a novela de tema cristero como um fenômeno literário significativo. Apesar de o enfoque literário não ser o determinante na sua análise, a qualidade literária é utilizada como critério na sua apreciação das novelas que trataram da Cristera.

Em 1970, Alicia Olivera Bonfil lançou uma compilação de textos do que chama de “literatura cristera”.¹⁷⁸ A autora recolheu esse material quando realizava sua pesquisa que desembocou no livro *Aspectos do Conflito Religioso de 1926 a 1929*¹⁷⁹. Ao se deparar com um grande volume de textos literários cristeros, Olivera Bonfil decidiu publicar um volume dedicado a esse tema. Segundo a autora, a publicação desse material proporciona: “*una veta muy rica que puede ser útil para comprender mejor la idiosincrasia del grupo que participó en este movimiento*”.¹⁸⁰ O objetivo principal da autora é tornar esse material disponível para mais leitores. Nesse volume Olivera Bonfil não se dedica à análise da literatura cristera, buscando apenas organizar os diversos textos encontrados. Os textos

¹⁷⁷ SEFCHOVICH, Sara. *Op. cit.* p. 95.

¹⁷⁸ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *La Literatura Cristera*. México DF: INAH, 1970.

¹⁷⁹ OLIVEIRA SEDANO, Alicia. *Aspectos del conflicto religioso de 1926 a 1929*. México, DF: Instituto Nacional de Antropología, 1966. Olivera Bonfil é o nome que a autora assumiu depois de casar-se.

¹⁸⁰ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. cit.* p. IX.

compilados por Olivera Bonfil são todos textos curtos: orações, hinos, corridos e poesias. Para as novelas a autora reservou um capítulo à parte no qual comenta algumas delas.

Com o intuito de organizar o material encontrado, Olivera Bonfil divide a literatura cristera em três diferentes fases: antes da revolta cristera, momento marcado por versos curtos bastante jocosos; durante a guerra quando o *corrido* se destaca; e depois da Cristera quando são as novelas que preponderaram.

Os textos compilados foram obtidos pela autora em diferentes fontes: o Arquivo da Liga Nacional de Defensa de la Libertad Religiosa (LNDLR) ao qual a autora se dedicou durante a pesquisa para seu livro anterior; o periódico *David* publicado a partir da segunda metade da década de 1950 por veteranos cristeros da *Legião de Cristo Rey y Santa Maria de Guadalupe*; coletâneas de corridos mexicanos no geral; e, por fim, entrevistas colhidas com ex-rebeldes ou pessoas próximas à rebelião.

Dentre as principais características do material encontrado, a autora destaca a sua variedade:

(...) podríamos afirmar que este es tal vez el único movimiento social en México que produjo una cantidad tan variada de manifestaciones literarias, tal vez entre otras cosas por las grandes diferencias que hubo entre los grupos de católicos que participaron en él.¹⁸¹

Desse modo, Olivera Bonfil aponta uma variedade de discursos sobre a guerra que estão diretamente conectados à variedade de grupos agindo sob o nome de cristeros. Ou seja: assim como a sua manifestação literária, para Olivera Bonfil, os cristeros não formavam um grupo homogêneo.

Por conta da variedade da produção de *corridos* cristeros, Olivera Bonfil os separa em cinco tipos tendo em vista o seu tema: aqueles que descrevem heróis cristeros, que são

¹⁸¹ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. cit.* p. 3.

os *corridos* mais abundantes; *corridos* que aludem às proeza, qualidades e defeitos dos cristeros, ou seja, nesse caso, o *corrido* pode ser anticristero; *corridos* que descrevem batalhas; aqueles que falam sobre acontecimentos históricos decisivos; e os que tematizam personagens políticos proeminentes.

Segundo Olivera Bonfil, na variedade de personagens e interesses da Cristera, a questão religiosa não era o único motivo propulsor do conflito. Como colocado pela autora em seu livro *Aspectos del conflicto religioso de 1926 a 1929*, a questão de terras é também um problema central para se entender a revolta. O problema agrário vinculado à luta cristera, segundo Olivera Bonfil, pode ser encontrado em alguns *corridos*.¹⁸²

El cristero que se fue/disparando su pistola/ sabía q' no era la fe/ la que lo traiba en la bola// El cura y el sacristán/ los ricos se desmayaban/ sólo de poder pensar/ que sus tierras les quitaban// Los ricos en su cabeza pensaban en Aguilar [General Ramón Aguilar cristero de Los Altos de Jalisco] / porque era el que les quitaba/ todas sus tierras y su solar.¹⁸³

Contudo, para a autora, o *corrido* da cristera representa a decadência do corrido mexicano:

A pesar de que hay algunos corridos cristeros muy buenos, muy auténticos, que siguen los lineamientos del verdadero corrido, en su mayoría son culteranos y decadentes; como elaborados por hombres que conocían literatura y rima.¹⁸⁴

Desse modo, para a autora, o verdadeiro corrido é aquele que é fruto de uma cultura popular, e é, quando verdadeiro, uma forma de expressão legítima dessa cultura. Desse modo, nem sempre *corrido* de tema cristero é legítimo, o que, para Olivera Bonfil, o torna questionável também como fonte histórica.

Outro gênero trabalhado por Olivera Bonfil, a literatura em verso é dividida em dois grupos distintos: em primeiro lugar os versos em estilo clássico, escritos por pessoas de certa ilustração, nos quais os temas mais comuns giram em torno dos heróis cristeros e das

¹⁸² OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. cit.* p. 8.

¹⁸³ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. cit.* p. 8.

¹⁸⁴ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. cit.* p. 24.

instituições católicas. O segundo tipo definido pela a autora são os versos de tipo popular, no qual o autor não tem conhecimentos literários. No segundo tipo, em geral, os autores são anônimos e, com jocosidade e agudeza, miram contra leis e personagens de destaque do governo.

Tanto no que se refere aos *corridos* quanto à literatura em versos, a seleção de Olivera Bonfil carece de indicações sobre a origem dos textos citados. A autora não informa precisamente a data nem o local onde foram publicados, escritos ou divulgados tanto *corridos* como versos sobre a Cristera. Olivera Bonfil também não dá indicação do alcance que esses textos obtiveram, como foram distribuídos e por quem eles foram lidos ou escutados. Seu livro inclui algumas versões fac-símile dos folhetos nos quais alguns corridos, orações ou poesias eram divulgados, mas ainda assim falta mais informação para que esse material possa ser mais bem utilizado por um pesquisador, ou mesmo qualquer pessoa interessada no assunto.

Como já dito, para Olivera Bonfil as novelas de tema cristero são um fenômeno literário da época posterior à guerra. Segundo a autora, algumas novelas foram escritas durante o conflito, mas só puderam ser publicadas posteriormente. E, mesmo as novelas publicadas em datas próximas ao fim do conflito armado foram editadas no exterior.

Entre as principais características das novelas cristeras, como é comum nos comentários a respeito dessa literatura, a autora destaca a qualidade literária pouco “depurada”¹⁸⁵. No entanto, a autora não deixa de lembrar que há exceções, como é o caso de *Pensativa*, novela escrita por Jesus Goytortúa Santos, que ganhou o prêmio Lanz Duret de melhor novela.

¹⁸⁵ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. cit.* p. 104.

Assim como Dessau, Olivera Bonfil classifica as novelas de tema cristero como contra-revolucionárias:

En casi todos los libros se advierte que los cristeros veían necesidad de reformas sociales y consideraban un fracaso el resultado producido por la Revolución. Por lo mismo, pueden considerarse como contrarrevolucionarias.¹⁸⁶

A citação acima traz uma importante questão. A autora coloca que as novelas se opõem aos resultados da Revolução, afirmando inclusive que as novelas se posicionavam favoráveis às reformas sociais. Ou seja, segundo a autora, as novelas se opõem à Revolução no que se refere aos seus resultados, e não necessariamente a todo processo. Essa é uma problemática importante nos debates acerca da Cristera. Alguns autores caracterizam o movimento como contra-revolucionário, deixando vago o que significa ser revolucionário.

Olivera Bonfil defende as novelas da Cristera como uma possível fonte para o estudo do conflito:

(...) muchas de esas novelas adquieren la características de documento porque están realizadas por personas que presenciaron los acontecimientos o estuvieron a su alcance la documentación necesaria para reconstruir-los.¹⁸⁷

Porém, assim como ocorre com os *corridos* e versos, a autora não apresenta dados sobre o público e o alcance que tinham esses escritos. Tais informações enriqueceriam as novelas como fontes históricas, trazendo importantes contribuições a respeito desse objeto da história que, como afirma Olivera Bonfil, tem “*características que [lo] (...) diferencian de cualquier otro movimiento armado llevado a cabo dentro de los límites de la República Mexicana*”.¹⁸⁸

¹⁸⁶ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. cit.* p. 105.

¹⁸⁷ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. cit.* p. 110.

¹⁸⁸ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. cit.* p. 110.

Apesar do destaque dado por Olivera Bonfil às novelas cristeras como fonte para o conflito religioso, foram poucos os historiadores que trabalharam com esse tipo de fonte histórica. Um dos trabalhos significativos nesse sentido é o de Agustín Vaca, *Los silencios de la historia: las cristeras*,¹⁸⁹ que, ao buscar entender a participação feminina na Cristera, encontra nas novelas uma importante fonte.

Vaca inicia seu livro com um capítulo a respeito do contexto da Rebelião, tratando especialmente da resistência no Estado de Jalisco. Em sua narrativa ganham destaque as ações de grupos organizados católicos. A LNDR (Liga Nacional de Defesa da Liberdade Religiosa) aparece em seu texto como um organismo bastante poderoso, que consegue inclusive organizar rebeldes camponeses. Dessa forma, nesse trabalho, a Cristera é pintada como uma rebelião urbana.

Segundo Vaca, nenhum texto “*desdice la enorme importância que alcanzaron*”¹⁹⁰ as mulheres. Mas, de acordo com o autor, os historiadores:

(...) si bien afirman que la presencia femenina fue definitiva para el desarrollo de la guerra, también es notorio el contraste entre esa aseveración y la rapidez con que pasan revista a la actuación de las mujeres.¹⁹¹

Desse modo, ainda que a importância do papel feminino na Cristera seja sempre ressaltado pela historiografia, segundo Vaca, não estão claras as motivações das mulheres que de alguma maneira se engajaram na guerra. Nesse sentido, um dos objetivos do autor é entender o que teria levado tantas mulheres a participarem da guerra cristera..

Contudo, o estudo da participação feminina encontra alguns obstáculos no que se refere às fontes. O arquivo da principal organização feminina, as *Brigadas Femeninas de*

¹⁸⁹ VACA, Agustín. *Los silencios de la historia: las cristeras*. México, El Colegio de Jalisco, 1998. Matthew Butler inclui o trabalho de Vaca na “Nova historiografia Cristera”. BUTLER, Mathew. “Cristeros y agraristas en Jalisco: una nueva aportación a la historiografia cristera”. Op. Cit. p. 502.

¹⁹⁰ VACA, Agustín. *Op. cit* p. 54.

¹⁹¹ VACA, Agustín. *Op. cit* p. 66.

Santa Juana de Arco (BB), foi incinerado depois do término da guerra pelo presbítero Miguel Darío Miranda. De acordo com Vaca, nas fontes tradicionais é possível apenas vislumbrar a participação feminina, o que obriga o historiador a procurá-la em outras fontes.¹⁹² Também nos testemunhos cristeros, escritos por homens, a participação feminina aparece bastante reduzida – principalmente à atividades vinculadas à especificidade biológica da mulher.¹⁹³

Diante da escassez de fontes que tratem das mulheres cristeras, Vaca recorre às novelas, material que, segundo o autor, foi considerado como fonte histórica inválida por alguns historiadores da Cristera, principalmente Jean Meyer.¹⁹⁴ Ao contrário das demais fontes, nas novelas as mulheres aparecem com maior destaque, assumindo por diversas vezes o papel de protagonistas.¹⁹⁵ Segundo Vaca, os critérios utilizados pelos historiadores para rechaçar as novelas são as qualidades artísticas desse material, assim como a pouca fidelidade dos fatos narrados aos fatos históricos.¹⁹⁶ No entanto, as sucessivas reimpressões das novelas, e a tiragem das mesmas denotam um interesse do público, de modo que se trata de um material socialmente significativo para a compreensão da Cristera. Para Vaca, o sucesso dessas novelas perante o público se deve ao fato desses textos produzirem um imaginário social e oferecem para o leitor figuras de identificação.

Desse modo, Vaca escolhe como objeto de análise três novelas, todas escritas por homens: *Héctor* de Jorge Gram (David Ramirez); *La Virgen de los Cristeros* de Fernando Robles; e *Pensativa* de Jesús Goytortúa Santos. A escolha desses três textos se deve ao fato

¹⁹² VACA, Agustín. *Op. cit* p. 55.

¹⁹³ VACA, Agustín. *Op. cit* p. 64.

¹⁹⁴ VACA, Agustín. *Op. cit* p. 81.

¹⁹⁵ VACA, Agustín. *Op. cit* pp. 23-24.

¹⁹⁶ VACA, Agustín. *Op. cit* p. 81.

de neles as personagens femininas serem protagonistas e, além disso, pelo discurso sobre as mulheres terem um mesmo sentido nas três novelas.

Nessas novelas, se, por um lado, os homens são personagens sem caracterização física marcada, por outro, as mulheres possuem uma imagem marcante: são belas, brancas¹⁹⁷, educadas, e ameaçadoras.¹⁹⁸ Para Vaca, essas personagens encontram-se em uma situação atípica para as mulheres do período, porque além de uma posição social de destaque, são solteiras e por conta de uma história familiar trágica, também não estão submetidas aos pais.

Vaca, assim como Olivera Bonfil, caracteriza a Cristera como um movimento reacionário que pretendia re-implantar o regime que prevaleceu no México na primeira metade do século XIX, ou seja, no período anterior à Reforma Liberal. E, de acordo com Vaca, as mulheres são, nas novelas examinadas, os emissores desse discurso oficial católico conservador, exatamente o discurso que é defendido pelos autores das obras. Assim, as personagens femininas assumem o papel de acabar com as indecisões masculinas, convencendo os homens a ingressar na resistência às leis anticlericais. Contudo, para o autor, esse papel preponderante das mulheres na novela é justificado devido a essas personagens estarem numa situação anômala:

(...) los tres autores coinciden en la admiración que les causa la participación de las mujeres en la Cristiada, pero desde el momento en que las colocan en la categoría de mujeres excepcionales, las ubican en una situación anómala con respecto de las reglas tradicionales que rigen las relaciones entre hombres y mujeres.¹⁹⁹

¹⁹⁷ Segundo Vaca os autores dessas novelas “*segúan aferrados el prejuicio colonial de considerar, por lo menos en las mujeres, la blancura de la piel como el único indicio visible y seguro de superioridad social, económica y moral.*” VACA, Agustín. *Op. cit* p. 104.

¹⁹⁸ VACA, Agustín. *Op. cit* p. 99.

¹⁹⁹ VACA, Agustín. *Op. Cit.* p. 124.

Desse modo, essa situação anômala explicaria, de acordo com Vaca, dentro de uma lógica católica moralmente conservadora, porque as mulheres nessas novelas assumem posições de comando.

Além das novelas, Vaca utiliza como fonte histórica entrevistas realizadas com mulheres cristeras nas décadas de 1970 e 1980.²⁰⁰ Dessa forma, o autor tenta confrontar duas visões sobre as mulheres e as práticas femininas no conflito religioso. Enquanto as novelas representariam uma visão masculina idealizada a respeito da participação das mulheres na Cristera, as entrevistas trariam uma visão das mulheres de carne e osso que participaram da rebelião.

As cinco mulheres entrevistadas por Vaca estavam envolvidas em organizações católicas femininas antes do início da Rebelião Cristera. Segundo Vaca, essas associações católicas foram importantes para a incorporação das mulheres na vida social. Vaca argumenta que houve um crescimento dessas organizações católicas quando a Constituinte de 1917 negou ceder o voto feminino, de modo que, segundo o autor, muitas mulheres entraram nesses grupos com objetivos não apenas religiosos, mas também com o interesse de participar da vida política do país.²⁰¹

Assim como as mulheres que Vaca encontrou nas novelas, as entrevistadas conheceram a resistência católica nas cidades.²⁰² Ao contrário do que ocorre na historiografia principalmente a partir do trabalho de Jean Meyer, a Cristera do trabalho de Vaca surge como um movimento urbano e com grande controle das organizações católicas. Se, no trabalho de Meyer, as organizações cidadinas estão distantes da maioria dos

²⁰⁰ Uma dessas entrevistas foi base para mais um livro publicado por Vaca (*Hasta el Cuello en la Cristería: Antonia Castillo platica con Agustín Vaca*. Zapopan, Jal. El Colegio de Jalisco/ INAH, 2003), no qual o autor transcreve o testemunho que lhe forneceu uma mulher atuante nas linhas cristeras, Antonia Castillo.

²⁰¹ VACA, Agustín. *Op. Cit.* p. 206.

²⁰² Além disso, é interessante notar que, como acontece com as personagens das novelas, algumas entrevistadas eram solteiras no período em que se engajaram na luta cristera.

guerreiros camponeses, que, para esse autor, são os verdadeiros cristeros e estão dispersos em diversos grupos, no texto de Vaca, a resistência tem uma centralidade maior, já que as organizações católicas têm grande peso no comando dos exércitos cristeros.

No que se refere às novelas, Vaca leva em conta a variável de gênero dos autores, considerando o discurso a respeito das mulheres presente nesses textos em muitos sentidos produto de uma idealização de homens sobre as mulheres. Contudo, Vaca pareceu não julgar relevante a variável campo-cidade, ou seja, o fato de que esses autores eram homens que viviam nas cidades e experimentaram ou tiveram conhecimento da resistência às leis anti-clericais nesse ambiente. Essa segunda variável parece especialmente importante quando comparamos as novelas com parte da historiografia. Em parte da historiografia, especialmente na obra de Jean Meyer, há uma tentativa de separar os atores urbanos e camponeses, dividindo os revoltosos católicos em dois grupos, de modo que as novelas, escritas por cidadãos, são descartadas como uma interpretação válida da Cristera. Podemos pensar que a “nova historiografia cristera”, da qual, segundo Butler, Vaca é um dos representantes²⁰³, torna o espaço urbano também relevante para a compreensão da rebelião cristera. Nesse sentido, ao mesmo tempo os trabalhos sobre resistência pacífica – pouco enfocados por Meyer – deixam entrever uma participação importante de grupos organizados cidadãos.

Nas entrevistas, Vaca encontra na religião a motivação das mulheres para aderirem à resistência cristera.²⁰⁴ Mas o autor conclui que, ao mesmo tempo, essas mulheres tinham em mente alcançar alguns direitos políticos, como, por exemplo, o voto feminino. Além disso, de acordo com Vaca, as leis anti-clericais atacavam três redutos essencialmente

²⁰³ BUTLER, Mathew. “Cristeros y agraristas en Jalisco: una nueva aportación a la historiografia cristera”. *HISTORIA MEXICANA*, v. 52, n. 2, pp. 493-530, octubre-diciembre 2002. p. 502.

²⁰⁴ VACA, Agustín. *Op. Cit.*, p. 252.

femininos: o lar, a escola e a Igreja. As cinco entrevistadas tiveram de alguma maneira envolvimento com a educação confessional, cuja proibição foi um golpe não só contra suas convicções, mas contra espaços nos quais elas podiam exercer certa autoridade, levar a cabo atividades distintas das domésticas e, até mesmo, onde obtinham sua fonte de renda.²⁰⁵ Dessa maneira, e aqui nos encontramos com a principal tese defendida por Vaca, as mulheres teriam motivos próprios, vinculados às práticas que na época eram reservadas ao gênero feminino, para aderirem à resistência.

Porém, ao definir a participação feminina na Cristera como a busca por direitos políticos, Vaca entra em choque com a sua caracterização inicial da rebelião, a de que se tratava de uma guerra essencialmente conservadora que gostaria de trazer de volta o México pré-Reforma. Nesse sentido, para desatar esse nó, ou pensamos a participação feminina como pequena demais para caracterizar toda a guerra, o que entraria em contradição com outras idéias de Vaca, ou devemos tornar menos taxativa a caracterização inicial do autor. Na verdade, acreditamos, é possível entender o evento da Cristera como uma guerra que guarda a contradição de ser ao mesmo tempo contra-revolucionária em algumas vertentes e que traz à tona anseios de uma mudança política. Ao que parece, caracterizar a guerra cristera como contra-revolucionária, mais do que necessário para o entendimento desse evento histórico, é uma tentativa de preservar como revolucionário o governo mexicano da década de 1920. Além disso, por mais que Vaca não coloque sua tese a respeito da participação feminina de maneira taxativa e leve em consideração diversos elementos específicos da vida dessas mulheres, pode-se afirmar que na história das mulheres feita por esse autor há uma busca pela participação feminina no seu sentido contestador da sua posição subordinada. Ou seja, mesmo fazendo parte de um grupo

²⁰⁵ VACA, Agustín. *Op. cit.* p. 220.

qualificado como conservador por Vaca, as ações e palavras das mulheres são entendidas como parte de um trajeto cuja chegada deve ser sempre a emancipação.

O crítico da literatura Álvaro Ruiz Abreu dedicou sua obra, *La Cristera: una literatura negada*²⁰⁶, publicada em 2003, somente ao estudo da literatura sobre a Cristera. O texto de Ruiz Abreu expande os limites do que geralmente é considerado como a literatura sobre a Cristera, utilizando mais e diferentes textos daqueles geralmente analisados pelos estudiosos da literatura cristera aqui citados. Segundo esse autor, apesar de existir uma grande variedade de textos literários produzidos sobre o tema, e a Cristera permanecer na memória coletiva, o estudo dessa literatura é uma página em branco na cultura mexicana do século XX.²⁰⁷ Desse modo, Ruiz Abreu tem como objetivo entender esse fenômeno literário que atravessou o século; daí o recorte tão extenso feito pelo autor, que trabalha com a literatura de tema cristero produzida de 1928 até 1992.

No que se refere à novela cristera, Ruiz Abreu afirma que é um gênero que, por questionar a política do Estado Mexicano, teve de ser escrita na clandestinidade. Conforme o autor, os escritores dessas obras foram muitas vezes partícipes ou testemunhas do conflito e possivelmente inimigos do governo mexicano.²⁰⁸ Segundo o autor, algumas novelas são “obras sem ficção”,²⁰⁹ o que significa que foram escritas com o intuito de apenas depositar a voz de seus autores. Como é comum nos textos que tratam desse material, Ruiz Abreu ressalta a pouca complexidade dos textos, especialmente aqueles escritos logo após a guerra.²¹⁰ As novelas cristeras, de acordo com Ruiz Abreu, foram lidas por muitas e

²⁰⁶ RUIZ ABREU, Álvaro. *La Cristera: una literatura negada (1928-1992)*. México D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco, 2003.

²⁰⁷ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. Cit.* p. 18.

²⁰⁸ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. Cit.* p. 77.

²⁰⁹ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 20.

²¹⁰ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 79.

variadas pessoas, apesar de diversas vezes terem circulado de maneira clandestina.²¹¹ Ruiz Abreu circunscreve esse amplo público em uma “*masa heterogênea que puede llamarse ‘clase media’*”.²¹²

O texto de Ruiz Abreu se aproxima mais de um ensaio sobre o tema do que de um estudo detido e focado. Porém, dado o volume da obra, mais de quatrocentas páginas, o trabalho carece de uma organização mais clara de seus objetivos e conclusões. O autor cita uma quantidade enorme de escritos, de diferentes gêneros literários, fazendo pequenas reflexões sobre eles ao longo dos capítulos. Não há no livro uma conclusão final que agrupe algumas das colocações feitas pelo autor ao longo do texto.

Contudo, é possível encontrar alguns tópicos comuns da literatura sobre a Cristera em torno dos quais Ruiz Abreu faz alguns comentários: os milagres, o martírio e a vontade de martírio, o maniqueísmo presente nas obras, o exemplo social e moral – muitas vezes por meio de personagens de destaque –, cenas idílicas e a presença marcante de personagens femininos.²¹³ Como dito, Ruiz Abreu não elabora nenhuma grande conclusão acerca desses temas, apenas destacando-os em diversos textos literários e fazendo comentários acanhados.

Além de estudar os textos daqueles autores geralmente alinhavados como escritores de literatura sobre a cristera, Ruiz Abreu também analisa uma outra gama de autores, considerados como “bons narradores” pela crítica literária. Assim, Ruiz Abreu argumenta que a presença da Cristera na literatura ultrapassa as obras que levaram para as letras a guerra travada no campo de batalha, de modo que a literatura buscou refletir sobre os significados do conflito religioso de maneiras muito variadas. Para José Revueltas, um dos

²¹¹ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 24.

²¹² RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 23.

²¹³ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* pp. 146-150.

“bons narradores” analisados, a Cristera surge como uma guerra sem sentido e como momento importante para pensar as relações entre Deus e o homem que mata em seu nome;²¹⁴ Fernando del Paso, por sua vez, se apropria desse momento histórico para fazer uma festa da linguagem²¹⁵; Elena Garro utiliza o conflito religioso para mostrar uma sociedade imersa em contradições.²¹⁶

Talvez a parte mais interessante do trabalho de Ruiz Abreu seja o capítulo em que o autor recorta a literatura a partir de um personagem histórico, o cristero Leon Toral, o homem que assassinou o presidente eleito Álvaro Obregón em 1928. Segundo Ruiz Abreu, esse é um personagem essencial da literatura mexicana que tratou do tema do assassinato de Obregón com variedade e imaginação e não com objetividade como fez a história.²¹⁷ Uma das obras analisadas é *El Juicio* de Vicente Leñero que, baseando-se nos documentos do julgamento de Leon Toral, escreveu uma peça sobre o evento. De acordo com Ruiz Abreu, a peça aponta as deficiências do sistema Judiciário, o calcanhar de Aquiles Estado mexicano.²¹⁸ *El atentado*, escrita Ibargüengoitia, é outra peça que tem como tema o atentado contra a vida de Obregón. Essa peça sofreu censura e Ruiz Abreu sustenta que tal censura deve-se ao pouco respeito com que é tratada uma figura histórica. Caracterizada por Ruiz Abreu como “farsa”, *El atentado* seria uma sátira da história pátria.²¹⁹

No último capítulo, Ruiz Abreu trabalha com dois autores ingleses, Graham Greene e D.H. Lawrence, que estiveram no México em períodos próximos à Guerra Cristera e escreveram novelas e relatos de viagens que tratam, mesmo que não como tema essencial de suas obras, o conflito religioso no país. Segundo Ruiz Abreu, subjaz nos textos desses

²¹⁴ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 241.

²¹⁵ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 262.

²¹⁶ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 279.

²¹⁷ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 341.

²¹⁸ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 341.

²¹⁹ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. cit.* p. 361.

autores uma visão colonialista a respeito do país, que estaria, no momento em que os autores desembarcaram, tomado pela violência e incapaz de governar-se.²²⁰ Além disso, os textos dos dois autores ingleses refletiriam não só a condição do México, mas também a crise que ambos passavam na sua vida pessoal.

O trabalho de Ruiz Abreu pode ser definido como uma tentativa de valorizar a literatura da Cristera e o próprio conflito como essencial para entender a história do México. Podemos afirmar que o autor logra indicar a grande variedade de textos produzidos que tiveram como foco o conflito religioso e a importância do tema para a literatura, deixando evidente também que a visão da literatura a respeito da Rebelião Cristera está longe de ser unívoca.

Para pensar como o acontecimento da Cristera é entendido pela literatura, Angel Arias Urrutia seleciona autores canônicos da literatura mexicana. Em seu livro, *Entre la cruz y la sospecha: los cristeros de Revueltas, Yáñez y Rulfo*,²²¹ lançado em 2005, Arias está interessado tanto no que a história pode aproveitar dessa literatura, quanto como textos literários se utilizam de acontecimentos históricos. Os autores escolhidos são três representantes da renovação da narrativa mexicana de meados do século XX: José Revueltas, Agustín Yáñez e Juan Rulfo. Segundo Arias, a Cristera é uma referência não só para a literatura que tem a guerra como tema central, mas também, mesmo que apareça de maneira oblíqua, para diversos textos da literatura mexicana, como em algumas novelas e contos dos três autores escolhidos. Contudo, apesar da Cristera não ser citada senão sub-repticiamente em suas obras, Revueltas, Yáñez e Rulfo viveram em zonas afetadas pela guerra e especialmente Rulfo e Yáñez tiveram suas vidas ligadas intensamente ao conflito.

²²⁰ RUIZ ABREU, Álvaro. *Op. Cit.* p. 400.

²²¹ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Entre la cruz y la sospecha: los cristeros de Revueltas, Yáñez y Rulfo*. Madrid / Frankfurt, Iberoamericana / Venvuert, 2005.

E ainda, não só os autores viveram em terras cristeras, como também as suas literaturas estiveram aí situadas. Mesmo que a Cristera não seja o objeto central das obras analisadas, Arias julga o estudo das interpretações “veladas” desse conflito religioso importante:

Considero (...) que el estudio del tratamiento de la guerra en sus textos nos permite observar, desde una nueva perspectiva, las complejas relaciones entre la ficción y la historia que se ponen en juego en la novelización de este conflicto.²²²

Revueltas

Na sua análise da novela *El luto humano* de Revueltas, Arias destaca uma característica que, como veremos adiante, é marcante na maneira dos três autores escolhidos encararem o conflito: um rompimento com o maniqueísmo existente em muitas das interpretações literárias a respeito da Cristera. No caso de Revueltas, segundo Arias, essa complexificação do conflito se dá por meio das reflexões interiores dos personagens.²²³

Resulta sorprendente si se tiene en cuenta que la mayoría de las novelas sobre la guerra cristera, más o menos contemporáneas a *El luto humano*, eligen defender a algunos bandos, al tiempo que condenan al contrario.²²⁴

Para Arias, *El luto humano*, mesmo se aproximando do tema cristero obliquamente, possui cenas de valor emblemático, de maneira que é possível afirmar que há nessa obra uma interpretação da guerra. Nesse sentido, a responsabilidade pelo levantamento é colocada no clero, que incitou, mas não se levantou.²²⁵ Nesse caso, contudo, se há novidade de interpretação perante as novelas que defenderam os cristeros, o mesmo não ocorre no que se refere à novelas anti-cristeras e à interpretações historiográficas governistas.

²²² ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. Cit.* p. 29.

²²³ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. Cit.* p. 44.

²²⁴ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. Cit.* p. 49.

²²⁵ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. Cit.* p. 57.

De acordo com Arias, a atração que Revueltas sente pelo tema cristero advém do olhar angustiado sobre o homem que caracteriza sua obra. Essa característica teria eco na Cristera principalmente na idéia presente na obra de Revueltas de um Deus portador de ódio e uma religião que leva ao fratricídio e morte. Desse modo, Revueltas sentiria-se atraído pelo lado trágico da Cristera: “(...) *por las posibilidades simbólicas que entrañaba y que permitían su inserción en ese mundo trágico, el del ‘lado moridor’*(...)”.²²⁶

Yáñez

Para tentar entender como o conflito religioso aparece na obra de Yáñez, Arias seleciona *Al filo del agua*, mesma novela destacada por Brushwood e Dessau como divisora de águas da novelística mexicana.²²⁷ Arias vê nessa obra o rompimento com o realismo documental e um ponto de referência fundamental da modernização da narrativa mexicana contemporânea.²²⁸

Al filo del Agua se passa em *Los Altos* de Jalisco, local geralmente considerado um dos principais focos da guerra cristera. Contudo, a novela se passa no momento logo anterior à Revolução Mexicana e não no período da guerra religiosa. Nesse sentido, segundo Arias, tendo como perspectiva a chegada da Revolução e de mudanças na vida de um *pueblo* de Los Altos, essa novela narra o ocaso de uma época. O título da novela refletiria essa idéia, a expressão *Al Filo del Agua* pode ser traduzida como *por um triz*. Nesse contexto de um mundo à beira da mudança, a religião tem um papel importante como representante vital do *México Viejo*, que se vê diante do abismo. A religião é o que sustenta a antiga ordem e, assim como acontece na novela de Revueltas, Deus produz angústia,

²²⁶ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 81.

²²⁷ BRUSHWOOD, John. *Op.cit.* p. 23.e DESSAU, Adalbert. *Op. cit.* p. 392.

²²⁸ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 84 e 86.

terror e medo. O sacerdote é figura essencial da trama, afinal é ele o vínculo vivo com a religião e, assim sendo, é a primeira peça do edifício a ser derrubada.²²⁹ De acordo com Arias, em *Al Filo del Agua* a mudança é tratada como algo positivo para o país, de forma que a Revolução Mexicana assume proporções míticas na trama escrita por Yáñez.²³⁰ A religiosidade do povo *alteño* é enfocada a partir das suas práticas tendo como destaque seu caráter opressivo. Contudo, segundo Arias: “*El narrador no impone un juicio negativo sobre la religiosidad que impera en esa pequeña población al modo en que lo hace el relato de Revueltas.*”²³¹

Yáñez, nascido em Guadalajara, Jalisco, é lembrado tanto por suas novelas quanto por sua participação na política mexicana. Filiado ao PRI, Yáñez assumiu importantes cargos políticos, como o governo de seu estado de nascença em 1953 e o de secretário de educação pública em 1964. Contudo, Arias relata que, apesar de silenciado tanto por biografias quanto pelo próprio Yáñez, o autor de *Al Filo del Agua* possui um passado de católico militante na década de 1920. E, além disso, esteve vinculado ao grupo de resistência União Popular que foi encabeçado pelo mártir cristero Anacleto González Flores. Mas, segundo Arias, Yáñez teria optado, assim como González Flores, pela resistência não violenta às restrições do Estado Mexicano em matéria religiosa.²³² Arias sustenta que Yáñez estava mais vinculado ao catolicismo social, um posicionamento católico mais próximo dos ideais revolucionários e, portanto, a participação de Yáñez no PRI não representaria um rompimento tão radical com o catolicismo da sua juventude. Nesse sentido, afirma o autor, Yáñez realizou na sua vida pessoal o que deveria ter ocorrido

²²⁹ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 88.

²³⁰ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 105.

²³¹ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. Cit.* pp. 102-103.

²³² ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. Cit.* p. 122.

na história da Cristera: a pacificação do conflito pelo encontro dos opositores que, na realidade, não estavam tão distantes um dos outros.

Arias parece concordar com a idéia que encontra no texto de Yáñez, e que de alguma forma também encontra nos textos de Revueltas e Rulfo, qual seja, a de que o conflito religioso foi uma tragédia evitável:

El choque entre el Estado revolucionario y la Iglesia no era inevitable. Dentro de la institución católica existían fuerzas de renovación que mantenían una sensibilidad cercana a los ideales proclamados por la revolución. Se llega al enfrentamiento final, la trágica guerra cristera, porque terminan imponiéndose las visiones más extremas de ambos os lados.²³³

O conflito no livro de Yáñez era entre Revolução e Igreja-tradição, mas será que é possível resumir o problema da Cristera a esse conflito? Deve-se levar em conta que a Cristera não foi uma resistência ocorrida no começo da Revolução, ela aconteceu uma década e meia depois do início da contenda. No período entre o início da Revolução e a Cristera, o México conviveu com uma série de conflitos entre as diversas revoluções presentes na Revolução. Arias outorga à Revolução institucionalizada, uma dessas *revoluciones*, o monopólio da Revolução Mexicana, o que Yáñez e seu partido fizeram com um claro intuito político. Não estamos aqui tentando defender a Cristera como um movimento revolucionário, mas sim tentando trazer outras variáveis desse movimento complexo que não pode ser simplesmente entendido como uma tragédia evitável na história do México. É difícil não pensar uma guerra que causou tantas mortes como algo tolo e trágico, como faz Arias. Pois pensar assim é também imputar essa tolice aos envolvidos na guerra que, seja para defender o governo, sua religião ou suas terras acreditaram que as armas eram a melhor opção. Além disso, caracterizar essa guerra como fratricida e evitável é tornar os demais conflitos legítimos. Que legitimidade há nos conflitos do início da

²³³ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. Cit.* p. 114.

Revolução Mexicana? Esse conflito também não era fratricida? A diferença de classe entre zapatistas e *hacendados* os impedem de serem irmãos? Esse conflito também não era evitável? Essas perguntas levam a labirintos nos quais é difícil saber se vale a pena se perder. Talvez a interpretação da história se beneficie mais ao respeitar seus personagens e tentar entender e questionar suas atitudes e não lamentá-las.

Em *Las vueltas del tiempo*, outra novela de Yáñez analisada por Arias, aparece uma visão mais crítica dos personagens com relação à Revolução Mexicana.²³⁴ Segundo Arias, talvez esse seja o motivo da publicação tardia da obra, escrita na década de 1950 e só lançada em 1973 quando Yáñez já havia se afastado da política.²³⁵ Contudo, embora nessa novela esteja acentuado um ponto de vista mais negativo a respeito da Revolução, *Las vueltas del tiempo* também apresenta outras visões desse evento histórico, de modo que não há uma idéia fechada a respeito da Revolução. Nesse ponto Arias sublinha mais uma vez a visão não maniqueísta da história mexicana presente na obra de Yáñez. De acordo com Arias, em *Las vueltas del tiempo*, cuja trama está mais próxima dos eventos da Cristera, o mérito de Yáñez está em conseguir entrar nos porquês da guerra sem uma visão pré-concebida. Mesmo que o autor da novela tenha opiniões claras sobre o conflito, ele as teria guardado pra si, deixando os personagens agirem mais livremente.²³⁶

Rulfo

Arias, como fez com Yáñez e Revueltas, procura escavar as marcas profundas e ao mesmo tempo silenciosas que a guerra Cristera teria deixado na obra de Rulfo. A curta obra de Rulfo, a coletânea de contos *Llano em Llamas* e a novela *Pedro Páramo*, está também

²³⁴ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. Cit.* p. 139.

²³⁵ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 125.

²³⁶ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 146.

situada em *Los Altos de Jalisco*. Porém, segundo Arias, ainda que exista uma correlação entre o espaço em que se passam os contos e a novela de Rulfo na realidade, o autor transforma essa realidade.²³⁷

Arias recorre à entrevistas com Rulfo para tentar desvendar suas novelas e contos. Nessas entrevistas Rulfo fala de forma mais aberta sobre o conflito religioso que teve um papel decisivo na trágica trajetória da sua família.²³⁸ O julgamento da Cristera que Arias extrai das entrevistas com Rulfo é bastante negativo: Rulfo afirma que, além de ser um conflito devastador para as regiões e pessoas que conviveram com a guerra, foi também uma guerra absurda.²³⁹ Porém, é digno de destaque que uma das características gerais da obra de Rulfo destacada pelo próprio Arias²⁴⁰ é exatamente o pessimismo de seus textos, nos quais dificilmente se encontra uma saída para os problemas apresentados. Desse modo, não é de se surpreender o juízo negativo que Rulfo dá à guerra, uma vez que parece ser esse o juízo do autor à própria história do México. Segundo Arias, a possível interpretação do conflito religioso que se pode extrair da obra literária de Rulfo está distante tanto visão maniqueísta presente na literatura favorável a Cristera quanto daquela que o autor apresenta em suas entrevistas. Na obra de Rulfo, o *pueblo* mexicano aparece devastado, mas seus habitantes são, em certa medida, os culpados da própria desgraça.²⁴¹ Apesar disso, no único conto centrado plenamente na Cristera, *La noche que lo dejaron solo*, Arias vê Rulfo apontando uma saída para o mundo no qual a violência impera.²⁴² Nesse conto há um

²³⁷ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 165.

²³⁸ Rulfo perdeu seus pais e irmãos de forma violenta. Embora seja difícil se certificar, é provável que a Cristera tenha ceifado a vida de algum deles.

²³⁹ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 174.

²⁴⁰ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 159.

²⁴¹ ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. cit.* p. 176.

²⁴² ARIAS URRUTIA, Ángel. *Op. Cit.* p. 194.

jovem cristero que, ao dormir no caminho para a batalha e ser deixado para trás por seus companheiros, abandona as armas e se sente leve.

A respeito da obra de Arias, podemos concluir que, embora a Cristera seja um tema volátil nos textos analisados, o autor conseguiu arrancar importantes reflexões sobre temáticas diretamente ligadas ao conflito religioso. O papel controlador da Igreja, por exemplo, aparece nos textos dos três autores analisados. Outro ponto em comum entre esses textos é o tratamento não maniqueísta do tema, algo que dificilmente ocorre na literatura que se costuma classificar como de tema cristero, e mesmo em alguns enfoques da historiografia.

É de 2006 a última obra que encontramos que trabalha com a literatura sobre a Cristera. Trata-se da tese de doutorado em história defendida por Antonio Avitia Hernandez, que procura dar conta de todas as obras narrativas escritas sobre a Guerra Cristera – tanto a primeira guerra (1926-1929), quanto a segunda (1934-1941).²⁴³ Desse modo, estão excluídas da análise de Avitia Hernandez as obras que tratam somente de temas correlatos à guerra, como a perseguição religiosa e o conflito Estado-Igreja. Avitia Hernandez tem como objetivo localizar no tempo e espaço obras narrativas de ficção que têm a Cristera como tema, assim como organizar esse material. O autor divide os capítulos de seu texto de acordo com o gênero de cada texto: novelas, contos, peças teatrais, filmes e *corridos*.

No que se refere à análise das novelas, Avitia Hernandez busca uma organização desse material classificando-as em grupos: primeiramente são separadas as novelas da

²⁴³ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *La Narrativa de las Cristiadas. Novela, cuento, teatro, cine y corrido de las Rebeliones Cristeras*. UAM - Unidad Iztapalapa - División de Ciencias Sociales y Humanidades, México D.F., 2006.

primeira e da segunda guerra e, dentro de cada um desses dois grupos, são divididas entre as novelas a favor da causa cristera, as anti-cristeras e as novelas neutras.

Como de praxe nas análises das novelas sobre o tema cristero, Avitia Hernandez encontra nesse material um espaço de divulgação de posições políticas e, mais uma vez, é destacado o caráter maniqueísta das novelas. Contudo, Avitia Hernandez, ao trabalhar com uma quantidade enorme de textos, não deixa de afirmar a heterogeneidade desse material.²⁴⁴

Diante das novelas, Avitia Hernandez procura entender o que chama de processos de ficcionalização ou falsificação da história.²⁴⁵ No entanto, o autor não apresenta nenhuma definição das diferenças entre se ficcionalizar ou falsificar a história, de forma que as pesquisas históricas que foram realizadas em um período posterior ao lançamento de muitas das novelas, especialmente o trabalho de Jean Meyer, são utilizadas para avaliar o que um determinado texto traz de ficcional ou de falsificador.

No que se refere às novelas favoráveis a causa cristera, o principal motivo de falsificação é a idéia passada nessas novelas de que a resistência católica foi protagonizada por pessoas do meio urbano. Segundo o autor, ao se focar na vida cidadina, como se aqueles que vivem nas cidades fossem os protagonistas da Rebelião, as novelas cristeras estabeleceram uma falsa idéia do que se tratou aquele evento histórico, o que teria causado uma confusão de motivos e personagens.²⁴⁶ Avitia Hernandez afirma que, ao contrário do que pode parecer ao leitor dessas novelas o comando dos exércitos cristeros foi, salvo exceções, realizada por camponeses. Desse modo, Avitia Hernandez segue a tese defendida

²⁴⁴ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 157.

²⁴⁵ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 159.

²⁴⁶ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 5.

por Jean Meyer, autor bastante citado em seu texto.²⁴⁷ Como explicitamos no capítulo anterior, nessa maneira de pensar a Cristera, se, por uma lado, os camponeses católicos lutam por uma causa legítima, os católicos do meio urbano, por outro, são representantes do pensamento conservador e direitista mexicano.

Esse posicionamento do autor fica claro quando contrastamos os comentários feitos em relação às novelas a favor da causa cristera – especialmente a novela *Héctor* de Jorge Gram – e os comentários a respeito dos *corridos*. Para Avitia Hernandez, se o engajamento político é uma característica negativa no que se refere às novelas, na análise dos *corridos*:

(...) no se puede exigir que las composiciones de la lírica narrativa histórica popular sean objetivas e imparciales, sino más bien que expresen el punto de vista del bando al que pertenece el autor.²⁴⁸

Ou seja, os *corridos*, considerados pertencentes a um gênero narrativo “folclórico”, têm a permissão do autor para “falsificar” e “ficcionalizar” a história, e o seu maniqueísmo fica justificado. Um dos possíveis motivos para o tratamento diferenciado dado aos *corridos* e às novelas é a própria concepção desses gêneros que subjaz no texto Avitia Hernandez: a novela, manifestação artística da alta cultura ocidental, deveria tratar dos conflitos humanos de maneira mais complexa; enquanto o *corrido*, cuja gênese, como afirma o autor, é folclórica, consiste em uma arte legítima do povo que deixa transbordar o próprio “jeito de ser” daqueles que a elaboraram. Como vimos, tal concepção do *corrido* como uma forma

²⁴⁷ Podemos dizer que há uma diferença no modo de enxergar o conflito religioso para esses dois autores. Ao contrário de Meyer, Avitia Hernandez não faz nenhuma condenação dos camponeses que apoiaram o exército federal, combatendo contra os cristeros. É interessante notar como Avitia Hernandez evita contrariar as idéias de Meyer. Nesse sentido, Avitia Hernandez quase não cita estudiosos que criticam as interpretações de *La Cristiada*. Meyer, aliás, estava presente na banca de defesa dessa tese, e muitas vezes tem, não só seus textos, mas palavras, que imaginamos terem sido ditas em conversas particulares, citadas como base da argumentação de Avitia Hernandez. “El Doctor Jean Meyer me hizo la aclaración de que: Em 1926 los adversários de Plutarco Elías Calles decían que éste era bolchevique.” AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 194.

²⁴⁸ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 635.

de expressão que surge naturalmente do povo aparece também no texto de Olivera Bonfil.²⁴⁹

Ao pensar o trato diferente do autor aos *corridos* e às novelas não podemos deixar de lado a ideologia que segundo Avitia Hernandez está presentes nas novelas cristeras. Segundo o autor, como já dito, os protagonistas dessas novelas são jovens citadinos. Mas, além disso, Avitia Hernandez acrescenta que esses jovens “*son los personajes prototipo de la extrema derecha mexicana*”: “*Sin llegar a ser nazis, son nacionalistas, conservadores, papistas, tradicionalistas, anticomunistas, antiagraristas, e incluso antisemitas.*”²⁵⁰ Ou seja, para Avitia Hernandez, as novelas cristeras são material de propaganda dessas idéias, das quais o autor obviamente discorda. Não seria demasiado afirmar que em passagens como a citada acima, o texto de Avitia Hernandez ganha tons maniqueístas, justamente característica negativa usada por esse autor para definir as novelas favoráveis a causa cristera.

Levando em consideração a influência do texto de Meyer sobre a obra de Avitia Hernandez, essa oposição entre católicos camponeses e católicos citadinos, pode denotar uma concepção idealizada do *povo*, especialmente daquele que vive no campo. Se, por um lado, o católico citadino luta por objetivos políticos maiores que a sua própria religião, o camponês é um personagem que não perdeu sua natureza, ou seja, possui características atávicas que explicam suas atitudes. No caso do texto de Avitia Hernandez, a religião católica é uma dessas características, daí a validade conferida aos *corridos* cristeros, que seriam manifestações autênticas do próprio ser do homem do campo. As novelas cristeras, por sua vez, foram produzidas de maneira calculada, nas cidades, ambiente no qual o

²⁴⁹ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 24.

²⁵⁰ Essa gradação de adjetivos é repetida na conclusão do texto de Avitia Hernandez. AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* pp. 170 e 816.

homem, em contato com a civilização, teria perdido suas características naturais, de modo que a religião transforma-se apenas em um dos traços de um projeto político conservador. Nesse sentido, tornam-se óbvias e legítimas as motivações dos cristeros camponeses. As novelas anti-cristeras, por sua vez, também produto do meio urbano, são condenadas por Avitia Hernandez por serem maniqueístas e apresentarem os cristeros camponeses como “*personajes fanatizados, engañados, manipulados o equivocados.*”²⁵¹ Avitia Hernandez afirma a respeito dos corridos: “*(...) a pesar de su parcialidad y ficcionalización, permitió establecer una secuencia histórica temporal y un cotejo de sus textos, más acorde con el relato de la historia científica.*”²⁵²

A “história científica” a que se refere na passagem acima é claramente uma referência à interpretação de Meyer, que segundo Avitia Hernandez constitui “*la más completa investigación sobre las guerras cristeras, tanto por el uso de una gran diversidad de fuentes, como por lo acertado de la interpretación.*”²⁵³ Dessa forma, ainda que a parcialidade seja uma característica negativa, os corridos tornam-se uma interpretação válida da Rebelião Cristera, porque foram escritos por camponeses católicos, justamente os heróis da “historiografia científica”.

Esse modo idealizado de enxergar os camponeses não é monopólio das interpretações da Cristera. No texto “As Idades Médias de Michelet”²⁵⁴, o historiador medievalista Jacques Le Goff encontra essa característica nas análises de Michelet a

²⁵¹ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 819. Os autores de novelas anti-cristeras representam, segundo Avitia Hernandez, o “*discurso controlado y divulgado del Estado, por la vía de los maestros y las maestras rurales, corresponde también a las doctrinas masónicas, consecuentes con el liberalismo jacobino de los grupos revolucionarios entronizados en el ejercicio del poder.*” É interessante notar que o adjetivo “maçônico” é usado pela elite católica cristera para acusar os anti-clericais. AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 816.

²⁵² AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 829.

²⁵³ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. cit* p. 806.

²⁵⁴ LE GOFF, Jacques. “As Idades Médias de Michelet”, em *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa, Estampa, 1981, pp.19-42.

respeito da França Medieval e a vê como um prenúncio da história medieval inovadora produzida na segunda metade do século XX. Nesse texto de Le Goff, a nação francesa está destinada a receber seu povo, que como seu território, advém da natureza. Dessa forma, assim como no texto de Avitia Hernandez e na interpretação de Meyer a respeito da Cristera, há para Le Goff e Michelet uma naturalidade nas atitudes das populações pobres e simples, especialmente as rurais, que não é possível encontrar nos homens poderosos:

A França existe, o povo vai ao seu encontro. Ergue-se uma primeira vez e dão-se as Cruzadas. Que oportunidade para Michelet de opor a generosidade, a espontaneidade, o impulso dos pequenos, aos cálculos, às tergiversações dos grandes! ‘O povo partiu sem nada esperar em troca, deixando que os príncipes deliberassem, se armassem, se multiplicassem; homens de pouca fé! Os pequenos não se preocupavam nada com isso; estavam certos de um milagre.’²⁵⁵

Como é possível perceber na citação acima, a religião do “povo” é pintada como mais sincera do que aquela dos “poderosos”, que na lógica dessa interpretação não estavam lutando pela sua religião. Se os “poderosos” têm de “tergiversar” a respeito das suas atitudes, o “povo” age naturalmente, é espontâneo e impulsivo. Desse modo, a religião é uma característica atávica dessa entidade abstrata “povo”. Ao lutar pela sua religiosidade, o “povo” defenderia a si próprio, e segundo o raciocínio de Le Goff, defenderia também a própria nação, a qual a existência do “povo” está destinada e subordinada. Assim, é possível concluir que tanto os membros do chamado “povo” quanto a sua religião e nação são entidades que não possuem historicidade, uma vez que têm uma origem natural, como se brotassem da terra. No que se refere às análises da Cristera feitas por Avitia Hernandez e Jean Meyer, as diferenciações entre os católicos urbanos e católicos camponeses parecem esbarrar em uma concepção idealizada de povo semelhante a essa de Le Goff e Michelet, de modo que, as atitudes e formas de expressão dos camponeses católicos são sempre legítimas e espontâneas, enquanto os cidadãos agem de maneira mais calculada, menos

²⁵⁵ LE GOFF, Jacques. *op. Cit.* p. 26.

sincera, guiados por ideologias ligadas à doutrinas e correntes políticas que seriam adquiridas ao longo do tempo.

Não são todas as novelas sobre a cristera que sofrem um julgamento negativo da parte de Avitia Hernandez. *Rescoldo*, de Antonio Estrada Muñoz, é um livro que recebe atenção especial do autor tanto pela sua qualidade literária quanto também por se tratar de uma “obra histórica”.²⁵⁶ Como nas análises das demais novelas, Avitia Hernandez faz primeiro uma resenha do texto, depois faz alguns comentários, em que se destacam dados sobre a biografia do autor e o sucesso editorial do livro. Segundo Avitia Hernandez, a história narrada nessa novela corresponde diretamente à vida do autor, cujo pai, Florencio Estrada foi um coronel cristero camponês. Desse modo, podemos afirmar que para Avitia Hernandez melhor é a novela quanto mais ela se aproxima dos fatos históricos ao mesmo tempo em que se desenvolve como uma narrativa com qualidades literárias. É importante notar que nunca é definido o que é uma “literatura de qualidade”, sendo que essa caracterização é justificada no texto através de citações de críticos literários, de outros literatos como Juan Rulfo e de Jean Meyer. Outra característica importante das novelas destacada por Avitia Hernandez é que a qualidade literária não guarda relação com o êxito de vendas.²⁵⁷ Essa idéia é importante também para a caracterização que Avitia Hernandez faz de *Rescoldo*, como uma novela esquecida, apesar da sua enorme qualidade.²⁵⁸

* * *

²⁵⁶ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. cit.* p. 429.

²⁵⁷ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. cit.* p. 811.

²⁵⁸ É preciso acrescentar que *Rescoldo* é a única novela de tema cristero que escapa de um julgamento negativo de Jean Meyer. MEYER, Jean. v.1 *Op. cit.* p. 404.

É possível perceber, a partir da leitura das obras que pensaram a literatura cristera, apresentadas neste capítulo, que a maior parte das análises a respeito das novelas cristeras destacaram *Héctor*, novela escrita pelo sacerdote David Ramirez sob o pseudônimo de Jorge Gram, como um livro símbolo dessa voga literária. Isso se deve em grande medida ao fato dos estudiosos terem encontrado em *Héctor* muitas das características que definem a maioria das novelas cristeras, especialmente no que se refere ao seu maniqueísmo e à sua pretensa baixa qualidade literária. No entanto, na análise de *Héctor* os estudiosos foram pouco além de afirmar essas características com que o autor retrata eventos da Rebelião Cristera. No capítulo seguinte, analisaremos essa novela tendo em vista procurar esclarecer como ela pode contribuir para pensarmos os eventos da Rebelião Cristera, relacionando-a com as temáticas levantadas a partir do estudo da historiografia sobre o tema.

Capítulo 3. Héctor, herói católico

Ao ser taxado de libelo do catolicismo direitista e contra-revolucionário, pouco se perguntou a respeito da representação da Rebelião Cristera que realiza Jorge Gram, ou seja, qual a leitura que esse autor fez desse evento histórico. Avitia Hernandez foi um dos que mais se deteve sobre *Héctor*; contudo, não se aprofundou na interpretação de Gram, por, segundo ele, se tratar de um texto falsificador da realidade histórica. Ao contrário desse estudioso, não almejamos buscar a verdade do evento; o que se pretende aqui é, por outro lado, entender como o texto de Jorge Gram cria, por meio do gênero ficcional, uma determinada representação da Cristera.

A primeira edição de *Héctor* saiu para venda em 1930, no ano seguinte ao término do conflito. O lugar de impressão dessa primeira edição aparece como o estado do Texas nos EUA; contudo, Agustín Vaca afirma que na verdade o livro foi editado no território mexicano, e que a origem da edição foi colocada no exterior pelos verdadeiros editores do livro para despistar as autoridades mexicanas que poderiam se incomodar com a publicação do texto que se opõe diretamente ao regime.²⁵⁹ Posteriormente, a obra recebeu diversas reedições no México e também no exterior: na Espanha (1934), no Chile (1942), e em El Salvador (1942).²⁶⁰ A partir do ano de 1953 até a sua última edição em 2003, a publicação de *Héctor* ficou a cargo do *Editorial Jus*, editora que mantinha laços com grupos católicos e com a direita mexicana.²⁶¹ De acordo com Avitia Hernandez, na década de 1960 o Editorial

²⁵⁹ VACA, Agustín. *Los silencios de la historia: las cristeras*. México, El Colegio de Jalisco, 1998. p. 86.

²⁶⁰ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *La Narrativa de las Cristeras. Novela, cuento, teatro, cine y corrido de las Rebeliones Cristeras*. UAM - Unidad Iztapalapa - División de Ciencias Sociales y Humanidades, México D.F., 2006 p. 203

²⁶¹ A edição que consultamos data de 1966 e, portanto, foi publicado pela editora Jus. GRAM, Jorge.(Dr. David Ramirez). *Hector: novela histórica cristera*. Jus: México, DF, 1966.

Jus foi dirigido por Salvador Abascal, antiga liderança da UNS (Unión Nacional Sinarquista) – conhecido movimento de extrema-direita que, apesar dos vínculos com o setores do catolicismo mexicano, segundo o próprio Avitia Hernandez, possuía diferenças com o movimento cristero.²⁶²

O sacerdote David G. Ramirez não era um escritor profissional, *Héctor* é seu primeiro livro, lançado, como já dito, sob pseudônimo. Segundo Avitia Hernandez, Ramirez trabalhara como ajudante pessoal do arcebispo de Durango José Maria González y Valencia atuando também como instigador intelectual da Cristera. Nascido em 1889 na cidade de Oaxaca, Ramírez estudou no Seminário Conciliar da cidade de Durango, tendo se ordenado sacerdote em 1918, um ano após a promulgação da Constituição. Estudou no Colégio Pio Latino-americano de Roma, e se doutorou na Universidade Gregoriana. Ainda de acordo com Avitia Hernandez, Ramirez trabalhou junto de organizações católicas como a ACJM (Acción Católica de la Juventud Mexicana,) e a LNDRL, tendo sido desterrado em 1927. Em seu exílio na Europa e nos EUA manteve sua atuação buscando apoio aos católicos mexicanos por onde passou. Os *arreglos* de 1929 exigiram que Ramirez permanecesse fora do país, de forma que o sacerdote só voltou para o México em 1936, data da expulsão de Calles do país durante a presidência de Lázaro Cárdenas.²⁶³

3.1) Herói em formação

A novela *Héctor* desenvolve-se em torno da história do herói católico que dá nome à obra. A trama se inicia nas vésperas da Rebelião Cristera, quando o Estado Mexicano arrefece a perseguição aos católicos e quando as organizações católicas prepararam a

²⁶² AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 432.

²⁶³ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 187.

resistência. O personagem Héctor é um jovem morador da cidade de Zacatecas ajudante de contador no armazém de um rico comerciante chamado Carlos Soberón. Héctor, referência a Heitor, herói troiano na *Ilíada*, é descrito como um homem predestinado a liderar a resistência católica. Mesmo que predestinado, Héctor é um herói em formação, que só está plenamente pronto no capítulo final, quando enfrenta seu maior desafio e espanta de vez seu receio diante da guerra.

Ao longo da jornada descrita na novela, Héctor se depara com uma forte opressão aos católicos e começa a nutrir um sentimento de revolta, mas não sabe se o embate armado é o melhor modo de direcionar esse sentimento. É somente depois de conhecer camponeses, sacerdotes e a mulher amada que o herói livra-se da dúvida e é convencido que a ação armada é um meio legítimo de luta para os católicos.

Um personagem fundamental na formação de Héctor é Consuelo Madrigal, que em alguns momentos chega a rivalizar com ele o papel de protagonista da novela. Consuelo é uma mulher carregada de adjetivos positivos: é rica, culta, forte, corajosa²⁶⁴ e convencida da necessidade dos católicos partirem para a guerra contra as forças governistas. Consuelo abandona seu noivo – o chocho Pepe Soberón, filho de Carlos Soberón – para se envolver com o herói da trama e tornar-se importante figura da resistência católica. Tendo como subtítulo “Novela Histórica Cristera” a novela *Héctor* é narrada de maneira onisciente pelo narrador que, às vezes, deixa repentinamente a trama de lado para construir um discurso a respeito da situação do México no período da Rebelião Cristera e da história dos conflitos entre a Igreja e o Estado.

²⁶⁴ Como indica Agustín Vaca, deveríamos acrescentar outro adjetivo, branca. Em Héctor, segundo Vaca, a alvura da pele de Consuelo é descrita como “*un indicio de superioridad social*”. VACA, Agustín. *Op. cit* p. 104

Segundo Ruiz Abreu, em 1953 *Héctor* “era un libro con enorme demanda de lectores”.²⁶⁵ Exatamente nesse ano saiu a sexta edição da novela, sendo que cada edição atingia cerca de três mil exemplares. Dessa maneira, podemos afirmar que durante muito tempo *Héctor* foi o escrito no qual se consolidou uma leitura sobre o período da guerra cristera à qual muitos leitores tiveram acesso. Agustín Vaca afirma:

(...) no resulta aventurado suponer que el conocimiento popular acerca del movimiento cristero está más afinado sobre estas novelas que en obras propiamente académicas con distinto enfoque que al respecto se han editado.²⁶⁶

Dessa forma, a interpretação da Cristera presente em *Héctor* se destacava em um universo de escritos em que os recentes eventos do conflito religioso eram silenciados, de modo que essa novela solidificou uma determinada memória a respeito do embate entre católicos e o Estado mexicano.

No entanto, a historiografia desconsiderou a contribuição de *Héctor* para formação de uma memória a respeito do conflito. Como é a Cristera pintada por Jorge Gram? Quais são os personagens destacados? Quais conflitos que aparecem ao longo da trama podem nos ajudar a compreender o complexo evento cristero? A historiografia passou demasiado rapidamente sobre essas questões, simplificando a novela de Gram, ela mesma importante manifestação do fenômeno cristero. Isso se deveu, em grande medida, ao fato da historiografia, que se debruçou tardiamente sobre a literatura cristera, ter lido essas obras dentro do formato da tradição historiográfica desenvolvida a partir da década de 1960. Dessa forma, são deixadas de lado as especificidades, as ambigüidades e variedades de personagens que freqüentaram a novela *Héctor*.

²⁶⁵ RUIZ ABREU, Álvaro. *La Cristera: una literatura negada (1928-1992)*. México D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco, 2003. p. 25.

²⁶⁶ VACA, Agustín. *Op. cit* p. 88.

Trabalharemos a seguir com algumas temáticas que encontramos na novela *Héctor*. Tais temáticas foram escolhidas a partir do choque entre o que a historiografia e os estudos das novelas discutidos nos capítulos anteriores ponderaram a respeito de *Héctor* e da Cristera, e aquilo que encontramos na leitura dessa novela. Dessa maneira, esperamos conseguir indicar algumas das maneiras pelas quais o discurso literário desafia o histórico estabelecido, sem perder de vista as diferenças na gênese de ambos.

Uma memória católica para a Cristera

O historiador Enrique Florescano afirma que, apesar do México ser um país plural, a historiografia mexicana está “*centrada en narrar las hazañas de los vencedores de las luchas políticas de los siglos XIX y XX*”.²⁶⁷ Dessa maneira, a historiografia teria realizado um “*registro reduccionista de la historia cuya obsesión fue exaltar el triunfo del liberalismo y su propuesta de nación*.”²⁶⁸ Segundo Florescano, o liberalismo triunfante buscava criar uma nova nação que não incluía seus setores mais antigos. A nação antiga, derrotada, era também católica.

Héctor dialoga com essa memória predominante, negando-a ao passo que confere outros traçados à história mexicana. Logo na nota preliminar da primeira edição encontramos um trecho em que o livro é definido como uma obra que se contrapõe ao que convencionalmente se encontra escrito sobre o México:

[o autor soube] producir una obra genuinamente nacional en que se retrata magistralmente el verdadero pueblo mejicano, no el estafalario y repugnante que la literatura revolucionaria y ciertos escritores de este país ofrecen al público en obras convencionales.
(...)

²⁶⁷ FLORESCANO, Enrique. *Memória Mexicana*. México D.F.: Taurus, 2001. p. 552.

²⁶⁸ FLORESCANO, Enrique. *Op. Cit.* p.556.

(...)[O Objetivo da novela é] disipar la atmósfera de calumnia que ha cubierto a Méjico durante muchos años, y que se llegue al fin a saber que Méjico no es el país criminal de los Carranzas, Villas y demás,(...).²⁶⁹

Logo de saída, Gram coloca sua novela em oposição à memória escrita pelos simpáticos à Revolução Mexicana, deixando evidente que o texto pretende entrar em um debate em torno do passado mexicano, e de qual nação mexicana deve ser perpetuada. O México que *Héctor* quer construir é na verdade *Méjico*, grafado com J, ao gosto de conservadores do XIX que buscavam despistar o passado indígena, encontrando um país que se inicia com a chegada dos espanhóis e não nos antigos *mexicas* – grafado com X. Os espanhóis, além de sua língua, trouxeram à América a religião católica, justamente a bandeira levantada por Gram.

Contudo, em *Héctor* não há simplesmente um desejo de volta total ao passado; a história está diante dos mexicanos e não detrás deles. Depois de muito estudar, o primeiro que descobre Héctor é que “*la historia de Méjico estaba aún por escribirse.*”²⁷⁰ Desse modo, não basta a Héctor o estudo do passado, que lhe mostrou as injustiças sofridas pela Igreja; esse estudo apenas se completa com a ação em defesa da religião, que encerraria o longo período de injustiças que atravessava o país.

A visão de Florescano sugere que o predomínio de escritos partidários do ideário liberal e da Revolução Mexicana levou a um apagamento de outras possíveis memórias para o passado mexicano. No entanto, isso não significa necessariamente que outras formas de narrar o passado mexicano não tenham existido, especialmente fora do campo historiográfico. A novela *Héctor* é um exemplo de um outro tipo de discurso que avalia o passado mexicano de um ponto de vista diferente do grupo dominante. Apesar de pouco

²⁶⁹ GRAM, Jorge. *Op. Cit.* p. VII. Não há indicação de quem é o autor dessa nota preliminar, que se refere ao autor da novela na terceira pessoa.

²⁷⁰ GRAM, Jorge. *Op. Cit.* p. 50.

valorizada pela historiografia, como dissemos, essa novela encontrou um público interessado na sua leitura. Desse modo, ao lado de um discurso que buscava mostrar o catolicismo como inimigo do México, se desenvolvia um outro – não à toa encontrado na literatura – que buscava pintar o passado e futuro do país com outras cores.

Justificação da guerra

O personagem Héctor é colocado pelo narrador em uma linhagem que remonta às guerras contra a Reforma no XIX, ou seja, de oposição à laicização do Estado mexicano – o avô de Héctor lutara contra os exércitos de Benito Juarez. Na trajetória da história mexicana, a Revolução é descrita como uma tragédia, que instaurou um governo de minoria anticlerical que tiraniza a grande maioria dos mexicanos que são católicos. Ainda que não seja apresentado como totalmente positivo, o curto governo de Madero não é completamente rechaçado por Gram, principalmente porque durante esse governo os católicos conseguiram espaço na vida política do país. No entanto, a partir da morte de Madero a Revolução teria se tornado abertamente socialista, aumentando sua violência e seus ataques à Igreja, o que desembocou na Constituição de 1917, descrita na novela como uma “sentença de morte.” Para Gram, o intento de Calles, generais e soldados revolucionários era aplicar essa sentença, privando os católicos dos poucos metros cúbicos de ar que ainda lhes sobrava.²⁷¹

Como apontam Olivera Bonfil²⁷² e Avitia Hernandez²⁷³, um dos objetivos de Jorge Gram é indicar a licitude da guerra; mostrar como na situação em que vivia o México na década de 1920 a única resposta possível para os católicos era o enfrentamento armado, e,

²⁷¹ GRAM, Jorge. *Op. Cit.* pp. 51-52.

²⁷² OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *La Literatura Cristera*. México DF: INAH, 1970. p. 105.

²⁷³ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 157.

desse modo, incentivar a resistência católica. Para atingir esse objetivo, Gram busca mostrar que a diferença entre católicos e revolucionários é marcada também do ponto de vista cultural: os revolucionários são descritos como ignorantes – não conhecem nem ao menos a Constituição que tentam defender²⁷⁴ –, ao passo que os católicos são apresentados muitas vezes como pessoas cultas e letradas. Héctor, por exemplo, é descrito várias vezes como um leitor voraz (como vimos, nos livros ele descobre que a história do México ainda está por ser escrita), de modo que os livros também fazem parte da formação do herói.

Dessa forma, podemos afirmar que a cultura letrada é utilizada como elemento provedor de autoridade e legitimidade para o modo de pensar cristero, ou seja, como um dado para justificar a guerra. Em um determinado momento da narrativa, Héctor se encontra em dúvida depois de conversar com Padre Martin e se deparar com a resistência do padre à opção armada. É somente quando encontra um outro Padre, Gabriel Arce, que Héctor se livra da semente de angústia que Padre Martin havia plantado em sua mente. Vejamos a descrição do quarto do Padre Arce:

Aquello era un verdadero gabinete de elaboración intelectual, un aposento de alquimia transformadora de corazones. El Padre Arce era un sabio, era un santo. Era un profeta, el profeta del fuego, que Héctor buscaba por las mustias soledades de los eriales que le rodeaban.²⁷⁵

Nesse ambiente impregnado de sabedoria, Héctor ouve palavras de incentivo do Padre Arce, que afirma seu apoio à guerra diante das portas que o governo fechou às “plumas e idéias”. Padre Arce, um sábio educado em Roma, sopra a confiança que faltava a Héctor. E quando Héctor lhe descreve sua conversa com o Padre Martin, Arce responde com

²⁷⁴ Refiro-me aqui a uma passagem cômica da novela, na qual mulheres do colégio teresiano citam um artigo da Constituição como argumento de defesa diante dos soldados federais que mostram total desconhecimento do texto. Na delegacia os soldados e seus chefes não conseguem encontrar nenhuma Constituição, de modo que são obrigados a tomá-la emprestada de um padre da vizinhança. GRAM, Jorge. *Op. Cit.* pp. 17-25.

²⁷⁵ GRAM, Jorge. *Op. Cit.* p. 179.

tranqüilidade: “[Padre Martin] *no ha tenido tiempo de pensar y de estudiar tantas cosas* (...).”²⁷⁶

Mais do que uma tentativa de justificar a guerra, *Héctor* pode ser entendida como um chamado à luta. Nesse sentido, ao mesmo tempo que há uma heroificação do personagem principal há também a caracterização de Héctor como um homem simples, sem traços grandiosos:

El [Héctor] era nada: un pobre empleado de un miserable rico. Sus ideas eran elevadas, sus anhelos grandes; pero quedaba atado a aquella vida mediocre y encerrado viviendo para si y para su casa, cuando podía vivir para su patria y para el mundo entero...²⁷⁷

Héctor é um homem comum que se torna herói na medida em que estuda a história do país, que vivencia as violências do Estado e que é iluminado pelas figuras que passam pelo seu caminho. Em sua trajetória há um sentido de predestinação, como se o personagem estivesse destinado a ser herói. Mas, ao mesmo tempo, Héctor teve que ir atrás dessa predestinação, negando sua mediocridade para lutar por idéias elevadas. No sentido de incentivar a luta, podemos dizer que essa caracterização de Héctor como um homem simples serve também como elemento de identificação do personagem com o leitor: um homem católico que leva uma vida simples, mas que na verdade, poderia – e deveria – fazer mais, deveria lutar pela sua religião e pelo seu país.

Como afirmam Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pasavento, ao contrário da historiografia, que muitas vezes se utiliza de conceitos abstratos e requer um certo distanciamento entre o leitor e o texto do historiador, a literatura ficcional busca justamente a proximidade entre o leitor e os fatos narrados no texto.²⁷⁸ A identificação do leitor com personagens, por meio, por exemplo, da simplificação das características e da heroificação

²⁷⁶ GRAM, Jorge. Op. Cit. p. 183.

²⁷⁷ GRAM, Jorge. Op. Cit. p. 87

²⁷⁸ LEENHARDT, Jacques & PASAVENTO, Santra Jatahy. *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 13.

de Héctor, funciona como um elemento de aproximação entre aquele que lê e a trama narrada no texto escrito. Héctor é um homem simples que consegue tornar-se herói e líder, de modo que há uma sugestão de que qualquer homem simples católico pode ser uma figura de destaque na luta contra as injustiças. No caso de *Héctor*, a proximidade entre texto e leitor é grande, também, porque provavelmente uma ampla parte seus leitores eram mexicanos que conviveram de alguma maneira com um Estado que levava a cabo políticas laicizantes. Tendo em vista que o objetivo de Gram era incentivar os católicos a resistirem à laicização do espaço público no México, a escolha da literatura para levar adiante suas idéias não pode ser considerada um fato irrelevante. Além de aproximar o leitor das cenas narradas mediante de elementos de empatia, o gênero literário facilita a memorização daquela trama ali narrada por meio de personagens que condensam atitudes e modos de vida claramente definidos. Héctor e Consuelo são exemplos de como devem agir homens e mulheres católicos na revolta, assim como a família Soberón, Padre Martin, e outros católicos que se posicionam contra a luta armada, sintetizam grupos equivocados em relação a *práxis* católica diante da leis anticlericais.

Cristera como uma rebelião citadina e o papel do campesinato

Jean Meyer sustenta que *Héctor* deforma a realidade histórica da rebelião porque seu protagonista é um católico de classe média que vive na cidade, e não um camponês.²⁷⁹ A trama da novela desenrola-se em grande parte na cidade de Zacatecas, onde vive Héctor. Os grupos religiosos citadinos (ACJM, LNDRL) possuem papel importante na trama como organizadores das ações católicas. O próprio Héctor é membro da ACJM, e assume posição de comando na revolta, liderando grupos camponeses. Desse modo, podemos afirmar que a

²⁷⁹ MEYER, Jean. v.1 *Op. cit.* p. 404.

Cristera em *Héctor* é mais urbana do que aquela que o trabalho de Meyer logrou mostrar. Contudo, ao invés de rechaçarmos a novela por ela não confirmar aquilo que alguns historiadores encontraram nas suas pesquisas, podemos tentar levantar algumas hipóteses que expliquem porque a construção da Cristera em *Héctor* se deu dessa maneira. Nesse sentido, devemos levar em conta que David Ramirez conheceu a rebelião e participou dela na cidade. Além disso, podemos afirmar que a maioria dos leitores potenciais do livro estava no meio urbano – onde a alfabetização era mais difundida –, ou seja, eram católicos que conheceram, ou ouviram falar da perseguição religiosa, e do Código Penal, vivendo na cidade e possivelmente convivendo com as organizações católicas. Assim, ao heroicizar o católico cidadão, Gram aproximaria seu herói de uma parcela dos seus leitores (e leitoras, já que a figura de Consuelo Madrigal também é fundamental na trama).

Avitia Hernandez, seguindo a interpretação de Meyer, acredita que os camponeses seguem Héctor de maneira por demais repentina na narrativa, criando um problema não só em termos históricos, mas também narrativos e argumentativos. Segundo o autor, essa posição subalterna do camponês advém da maneira como Gram enxerga o camponês:

(...) para la construcción narrativa de Gram, es más sencillo que alguien, por el hecho de ser ciudadano, católico, miembro de una archicofradía y criollo, pueda controlar a ese elemento que de manera prejuiciosa debe, necesariamente, ser ignorante y dócil, por su condición de campesino, por lo que, desde el punto de vista de Gram, sirve sólo como elemento escenográfico, de apoyo y apuntalamiento al protagonista (...).²⁸⁰

Embora Avitia Hernandez afirme que os camponeses estão subordinados a Héctor, eles assumem um papel que vai além do meramente cenográfico no desenvolvimento do herói e no desenrolar da novela de Gram. Em sua visita ao pueblo de Paracho, Héctor vê uma igreja queimada pelos revolucionários, e nota o sentimento de dor e revolta nos olhos e nas

²⁸⁰ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 201.

histórias que contam os moradores locais. Don Tomás Anzures, um *ranchero*²⁸¹ – dono de pequena porção de terra – de Paracho, assume um papel importante na trama: ao contar as histórias de perseguições religiosas a Héctor e ao se opor ao cura local que é contra o levante armado dos católicos, ele participa diretamente da tentativa de convencer o herói e o leitor da necessidade de se entrar em guerra para defender a Igreja. Homem corajoso, Anzures lidera o primeiro ataque militar cristero descrito no livro, logo depois da morte do mesmo sacerdote, o qual não conseguira convencer da necessidade do embate armado. Avitia Hernandez passa rapidamente pela figura de Anzures, caracterizando-o como um caudilho.²⁸² Na novela de Gram, Anzures é uma liderança da Cristera e pode ser definido como caudilho, mas é uma liderança do campo que não é descrita como ignorante e muito menos dócil. Em sua primeira aparição na novela, Anzures está com um chapéu de palha e sandália de couro *huarache*²⁸³ atirando milho às galinhas. A descrição que caberia no adjetivo dócil é rompida logo a seguir quando Héctor tem seu primeiro contato com armas de fogo, justamente na casa de Anzures. Além disso, é exatamente nesse momento que Anzures relata a Héctor as terríveis incursões revolucionárias no vilarejo e se mostra pronto para guerrear em defesa de sua religião. Nessa passagem da novela, Héctor, que nunca havia tido contato com armamento, tateia a guerra nas palavras de Anzures, de modo que esse *ranchero* fornece uma destacada contribuição para o convencimento de Héctor e, porque não, do público leitor, de que a resistência católica deveria se dar com armas.

²⁸¹ Ainda que se restrinja ao estado de Jalisco, Moisés Gonzalez Navarro descreve a formação social do campo nas zonas cristeras como essencialmente “rancheras”. GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Cristeros y agraristas en Jalisco*. (v.1) México, DF: El Colegio de México, 2000-2003. p. 32

²⁸² AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *Op. Cit.* p. 197.

²⁸³ Mais uma vez a caracterização de Anzures encontra aquela que Gonzalez Navarro faz das áreas cristeras. O couro, especialmente os *huaraches*, são destacados por esse autor como importante traço da cultura ranchera das áreas cristeras. GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Op. Cit.* p. 67. A descrição “costumbrista” de Gram mostra, ao mesmo tempo, que o autor de Héctor não era um homem do campo e que tinha algum conhecimento da vida dos camponeses das regiões cristeras mexicanas.

Talvez a figura de Anzures e de outros homens do campo que cruzam o caminho de Héctor sejam dados pequenos demais para que Avitia Hernandez e Meyer suavizem seu juízo perante a novela de Gram. De fato, a trama da novela está centrada em Zacatecas e não no pueblo de Paracho. Contudo, como buscamos demonstrar, ainda que o camponês cristero de Gram não tenha a importância daquele descrito pelos historiadores, ele está presente na novela *Héctor* de maneira significativa.

Maniqueísmo e Homogeneização dos grupos

Como afirmamos no item “Justificação da guerra”, há em *Héctor* uma forte oposição entre os personagens católicos e os revolucionários, o que acabou por levar os pesquisadores da obra a defini-la como maniqueísta. Com efeito, os soldados federais são sempre os agressores ignorantes, inescrupulosos e violentos. É possível afirmar inclusive que os soldados federais mal formam personagens na novela, eles dificilmente têm nome e nunca uma história. Apesar dos revolucionários representarem sempre uma sombra de terror e algumas vezes agirem com crueldade e frieza espantosas, *Héctor* parece não tratar, como tema essencial, do conflito entre um ideário revolucionário e outro católico, como parece ter pensado a historiografia. O rechaço à Revolução é de tal intensidade que, se seus soldados mostrassem qualquer característica positiva, a narrativa ruiria.

Contudo, embora os católicos não sejam nunca “vilões” e suas violências apareçam sempre justificadas, há uma discordância quanto à maneira pela qual as pessoas religiosas devem agir diante da perseguição sofrida. Podemos resumir essa discordância ao conflito entre aqueles católicos que defendem a guerra e outros que se opõem a uma saída violenta para contenda. Héctor encontra-se no meio dessa discordância. Ele é um herói que, em

grande parte do tempo, está angustiado.²⁸⁴ Conforme percorre seu destino, Héctor entra em contato com personagens que puxam-lhe para um ou outro lado da discórdia. Porém, deve-se notar que o número daqueles que o empurram para a guerra é um tanto maior: sua mãe, Consuelo, Anzures, Padre Arce, entre outros personagens menores. Como personagens que são contra o levantamento armado, podemos citar o Padre Martin e o cura de Paracho, além da família Soberón, comerciantes que desejam a paz simplesmente porque essa favorece seus negócios. É preciso ressaltar que entre aqueles que são contra a guerra dois são autoridades eclesiásticas. Quando Héctor visita o Padre Arce e escuta palavras de apoio ao levante armado fica surpreso e responde ao padre: “(...) *es la primera vez que oigo esa palabra de ánimo de los labios de un sacerdote.*”²⁸⁵ Desse modo, não só existe uma discordância dentro do pensamento católico, como Gram evidencia, mas também uma grande resistência ao conflito armado no interior da hierarquia eclesiástica da qual era um membro. Talvez para alguns leitores católicos de *Héctor* no período logo após a Cristera, assim como para o herói da novela, Padre Arce fosse o primeiro sacerdote católico que viram declarar apoio ao levante armado. Se o leitor está identificado com Héctor, Gram (narrador) logo se identifica com Padre Arce: uma autoridade religiosa católica culta que através das palavras, do conhecimento e da razão tenta convencer um católico em dúvida a aderir ao conflito armado.

No entanto, por discordar daquilo que defende uma grande parte dos membros da Igreja, Padre Arce recorre a estratégia de embasar sua argumentação em favor da guerra em textos da tradição religiosa, buscando mostrar que a entrada na guerra não fere os princípios católicos. Para tanto, Arce cita uma vasta bibliografia, às vezes fornecendo a citação

²⁸⁴ “*yo traigo en el alma una doble pena*” É o que diz Héctor no início da sua conversa com Padre Arce. GRAM, Jorge. Op. Cit. p.183.

²⁸⁵ GRAM, Jorge. Op. Cit. p.181.

completa de livros. Os textos citados por Arce, como o próprio afirma, são todos aceitos pela hierarquia eclesiástica, de modo que a argumentação em favor da guerra ganha um embasamento e autoridade vinculados a um cânone tradicional católico.

Não pretendemos com essa argumentação dizer que o conflito entre católicos e revolucionários é insignificante na narrativa. No sexto capítulo de *Héctor* – “Prosa Vil” – o herói ainda criança tem um flerte com idéias revolucionárias ao, em uma escola laica, entrar em contato com um colega de turma, Pedro Téllez, que se tornaria General “Pelotes”, inescrupuloso chefe revolucionário que mandou seus soldados desocuparem o Colégio Teresiano. Nessa passagem nos deparamos com a transformação de Héctor – antes uma criança de família católica, mas não um crente efusivo – em um jovem plenamente simpático à Igreja. Essa passagem também evidencia que Héctor não é construído como um personagem fanático que segue a fé às cegas. Como dito anteriormente, Héctor é um herói angustiado que, nesse curto momento, balança para o lado da Revolução. Quem o traz de volta ao caminho da fé é sua mãe que o coloca em uma escola católica, e por meio do estudo Héctor conhece a injustiça com que a Igreja foi tratada na história do México.

Contudo, não é o conflito entre idéias revolucionárias e católicas que causa a angústia de Héctor na maior parte da narrativa. Mesmo ao final da novela, quando soldados federais e católicos já estão se matando no campo de batalha, o inimigo dos cristeros parece não estar diante dos seus fuzis. Às vésperas de partirem para a guerra, os soldados cristeros se animam e, em meio aos gritos de “Viva Cristo Rei! Viva la Virgen de Guadalupe!”, escuta-se uma voz dissonante: “*Se acabaron los católicos miedosos!*”²⁸⁶ Dessa maneira, para os cristeros de *Héctor*, a luta é a vitória; quando eles se armam e estão prontos para guerra, seu inimigo já está eliminado.

²⁸⁶ GRAM, Jorge. *Op. Cit.* p.223.

O problema das divisões dentro do grupo católico aparece, como mostramos no primeiro capítulo, quando os historiadores enfocaram a resistência pacífica, ainda que o tema não seja longamente desenvolvido. Porém, ao pensarem a novela *Héctor*, os historiadores parecem ter deixado de lado esse campo de pesquisa recente na historiografia da Rebelião Cristera. Em 1970, Alicia Olivera Bonfil publicou uma entrevista com Miguel Palomar y Vizcarra, uma das lideranças da Liga – um homem da cidade –, na qual ele fala a respeito da sua visão do conflito religioso.²⁸⁷ Nessa entrevista, Palomar Vizcarra não se cansa de citar a disputa no interior do grupo católico em torno do modo como deveriam agir perante às leis anticlericais do Estado mexicano. Segundo ele, durante a Cristera, os católicos se dividiram em dois grupos, os mesmos citados por Butler²⁸⁸: um “cristero”, ou seja, a favor do uso da força na luta contra o Estado; e outro, chamado de “arreglista” por Palomar Vizcarra, o grupo que buscava o entendimento com o Estado e que tinha poderosos representantes na hierarquia da Igreja mexicana, como o arcebispo de Michoacán, Ruiz Flores. É importante notar como o grupo “arreglista” assume grande importância na narrativa de Palomar Vizcarra como verdadeiros opositores dos cristeros. O governo aparece como um inimigo enfraquecido,²⁸⁹ que poderia ser derrotado caso os católicos não estivessem divididos. Quando perguntado a respeito da falência do Plano de Los Altos – um manifesto cristero chamando os católicos para a luta – ele afirma: “*Desgraciadamente ya el movimiento ‘arreglista’ había ido avanzando mucho.*” Dessa forma, ainda que a historiografia não tenha se aprofundado, esse problema parece

²⁸⁷ OLIVERA DE BONFIL Alicia. *Miguel Palomar y Viscarra y su interpretación del Conflicto Religioso de 1926. (Entrevista)*. México, D.F.: INAH, 1970.

²⁸⁸ BUTLER, Mathew. “Keeping the faith in revolutionary Mexico: Clerical and Lay Resistance to Religious Persecution, East Michoacán, 1926-1929.” *The Americas*, v. 59, n. 1, pp. 9-32, Julho 2002.

²⁸⁹ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *Op. Cit.* p. 37.

fundamental para o entendimento do movimento cristero, que sofria fortes resistências de grupos católicos.²⁹⁰

Poder, ficção e história

É preciso tomar cuidado com a idéia de que, por ser um “*intelectual de la extrema derecha mexicana*”²⁹¹, membro da elite eclesiástica e um homem da cidade, Gram escreveria um texto de acordo com uma pretensa ideologia desse grupo. Segundo Célia Maria Marinho de Azevedo, Dominick LaCapra propõe que se recuse “a noção de um contexto externo ao texto, capaz de explicá-lo.”²⁹² Essa abordagem historiográfica, para LaCapra, redundaria no hábito “extrativista” dos historiadores, que não lêem o texto, apenas resgatam das suas fontes “preciosidades documentais”. Apesar das intenções de um texto muitas vezes escaparem ao próprio autor, não pretendemos esvaziar os dados da biografia do autor como possíveis articuladores de interpretações para o texto. Talvez Jorge Gram não tivesse claro que um dos principais adversários dos cristeros eram outros católicos, mas essa idéia aparece no texto que esse autor escreveu, e o que nós temos como fonte é, de fato, o texto.

Tampouco acreditamos que esse enfoque sobre a novela de Jorge Gram esvazie o seu caráter político, pelo contrário. Ao mirarmos o conflito entre católicos cristeros e não-cristeros, vislumbramos um outro debate no interior do conflito religioso, debate esse que causa incômodo ao próprio criador do texto, que desenvolveu um personagem que, por mais que se decida por um caminho, vive a maior parte do tempo com a angústia da dúvida.

²⁹⁰ OLIVERA DE BONFIL, Alicia. Op. Cit. p. 30.

²⁹¹ AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. Op. Cit. p. 205.

²⁹² AZEVEDO, Célia Maria Marinho. "A nova história intelectual de Dominck LaCapra e a noção de raça." In: RAGO, Margareth & GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira.(orgs) *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Ciências Humanas, 2000. p. 131.

Ainda que as posições defendidas pelo narrador estejam espelhadas nas atitudes de alguns de seus personagens, o narrador muitas vezes se ausenta de julgamento quando narra algum evento ou diálogo entre personagens, deixando emergir vozes diversas daquela que ele próprio defende. Tais vozes surgem somente para serem depois silenciadas pela trama, mas mesmo assim continuam ressoando. Dessa forma, Héctor se aproxima do leitor: é alguém a ser convencido, cuja passividade ao escutar os personagens que cruzam seu caminho se assemelha à passividade do leitor, que diante do livro também não fala nada: apenas lê o que Héctor escuta.

O fato de ser uma novela de tese não anula o dado de que a construção dessa tese se dá de maneira literária, isto é, o autor escolheu escrever a literatura ficcional para apresentar suas idéias. É preciso pensar a respeito das especificidades desse formato de texto, ainda que devamos escapar do perigo de apreendermos *Héctor* dentro de uma identidade textual que exclui outras maneiras de emitir um discurso. Dessa maneira, deve-se levar em conta o próprio subtítulo da obra, “Novela Histórica Cristera”. Ao definir o texto como “novela histórica” o autor expande os limites do que geralmente é chamado de ficção, tentando unir a um só tempo literatura ficcional e texto que possui a intenção de estabelecer uma determinada verdade sobre esse evento histórico. Essa característica não aparece apenas no subtítulo. Ao longo de seu texto, Jorge Gram mescla passagens que desenvolvem a história de seus personagens com trechos em que o narrador abandona o desenrolar da trama e constrói um discurso sobre a conjuntura do México na época da Rebelião Cristera e da história dos confrontos entre a Igreja e o Estado. Ambas as partes do livro caminham para a justificação do enfrentamento dos católicos diante das forças governistas-revolucionárias, embora o façam de maneiras diferentes. Se, por um lado, a trama se direciona para o drama de Héctor e o embate entre católicos, nas demais partes,

quando o narrador fala diretamente com o público, o que lemos é um discurso raivoso contra a Revolução e os perpetuadores da perseguição religiosa. Ao final da novela encontramos uma pequena nota que afirma:

Por exigirlo la unidad de la novela y por otros motivos que no se escapan a los lectores, varios de los hechos que figuran aquí como fondo en el desarrollo de la acción y muchos de los episodios de la misma novela no corresponden, ni por el lugar, ni por la fecha, ni por el nombre de los actores, a la verdad; pero podemos afirmar que todos o casi todos los acontecimientos que la novela relata fueron una palpitante realidad en otras fechas, otros lugares y con otros nombres de actores (...).²⁹³

Dessa maneira, o autor estava ciente das necessidades do gênero escolhido, que exige um outro discurso e um tratamento próprio da realidade. No entanto, o desejo do autor é que essa realidade seja entendida como significativa para a reflexão a respeito da Cristera, afinal, e isso não é nenhum segredo, um dos objetivos da obra é defender um dos lados do conflito. Dessa forma, não podemos ignorar a dimensão de poder que envolve as idéias propostas por Gram, que geram guerra, violência e morte. A morte de revolucionários é injustificável, assim como a de católicos e de qualquer outro ser humano envolvido no embate. Em todo caso, a Cristera foi um evento no qual homens mataram e morreram, de forma que conhecer os textos que justificam o conflito nos ajuda a dialogar com esse momento histórico.

Tendo em vista que o gênero de *Héctor* não pode ser entendido como apenas histórico ou apenas ficcional, podemos concluir que Gram busca, ao mesmo tempo, as duas maneiras de enunciar discurso. Segundo Luiz Costa Lima: “(...) o discurso do poder é necessariamente um discurso político; o do poeta mantém-se preso à sua falta de centro.”²⁹⁴ Para Costa Lima, a ficção, ao contrário do discurso histórico, não instaura poder. Dessa forma, Gram está entre a fixidez da verdade do discurso histórico, e a impossibilidade de se

²⁹³ GRAM, Jorge. *Op. Cit.* p.298.

²⁹⁴ COSTA LIMA, Luiz. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. *Op. Cit.* p.307.

estabelecer a verdade fixa, típica do ficcional. Ao mesmo tempo que quer enunciar um discurso “verdadeiro”, Gram lida com o ficcional, que exige um outro enfoque. Essa impossibilidade do ficcional engendrar poder da mesma maneira que o histórico leva o texto de *Héctor* a tomar caminhos que escapam a uma “linearidade” do discurso, criando personagens e situações que dialogam com a realidade histórica, mas não tentam representá-la tal e qual aconteceu. Por outro lado, o texto de Gram é engendrador de poder quando ele abandona a trama e enuncia discursos a respeito da história do México na qual os revolucionários são vilões terríveis.

Avitia Hernandez deixou de lado exatamente o caráter ficcional da novela de Gram, tendo interpretado a ficção em *Héctor* em pé de igualdade com o que há de discurso político, como se ambos fossem um único discurso fechado, cuja chave é a biografia do autor. Dessa forma, ao enfocarmos o que há de ficção em *Héctor*, é possível encontrar diálogos com as problemáticas da histórica mexicana, como o conflito, pouco analisado pela historiografia, entre facções da Igreja católica.

Considerações Finais

As interpretações a respeito da Cristera não tardaram a serem escritas e transitaram por diferentes caminhos ao longo do tempo. Logo após o término da revolta apareceram representações literárias que tiveram o conflito como tema central e que, geralmente, escolheram defender um dos lados da disputa. A historiografia acadêmica, por sua vez, começou a atentar para o tema somente a partir da década de 1960.

Como vimos, a representação da temática cristera na historiografia esteve profundamente ligada à representação da própria Revolução Mexicana, e à maneira pela qual a imagem que se produz da Revolução muda ao longo do tempo. As mudanças encontradas na historiografia da Revolução são em muitos casos acompanhadas por mudanças na historiografia da Cristera. A própria entrada da Cristera como tema importante para a academia está relacionada a uma diferente maneira de se enxergar a Revolução.

O início do estudo do tema cristero no âmbito acadêmico coincide com o questionamento pelo qual passava a interpretação da Revolução Mexicana como um movimento de caráter popular e camponês. Dessa maneira, o trabalho de Meyer, por exemplo, é marcado pela crítica da Revolução, pela desvalorização dos ideais da distribuição de terras e pela vitimização dos cristeros. Nesse momento de mudança na historiografia da Revolução, conhecido como revisionismo, os cristeros apareceram como um grupo importante para o questionamento da Revolução, já que eram camponeses que se colocaram em oposição ao Estado.

Como pôde ser observado no primeiro capítulo, a historiografia clássica, com a exceção de Meyer, baseou a sua análise da Cristera no estudo do conflito entre duas instituições, Estado e Igreja. Larin, Olivera Sedano e Bailey, inserem a Cristera em um processo mais longo na história mexicana. Como afirma Ortoll, a historiografia acerca do problema religioso no México direcionou seus estudos para o entendimento do conflito entre dois projetos opostos: o projeto modernizador do Estado liberal, e o projeto tradicional da Igreja.²⁹⁵ Além de deixar de lado os camponeses da Cristera, esse tipo de aporte da historiografia clássica levou muitas vezes à simplificação da ação tanto da Igreja quanto do Estado. A história mexicana e a Cristera, nesse sentido, servem apenas para confirmar a interpretação colocada *a priori*, e que possui bases na maneira como tradicionalmente foi concebida a história européia.

Contudo, alguns estudos da nova historiografia cristera buscaram matizar essa concepção homogênea dos atores Estado e Igreja. Esses estudos procuraram mostrar que na elite católica existiam divisões e disputas entre visões de como a Igreja deveria influir na vida social mexicana. Além disso, Estado e Igreja, apesar do conflito, tiveram em muitos momentos que negociar, como no caso de Michoacán, em que o então governador Cárdenas resistiu mas acabou negociando com grupos religiosos do estado, que, de certa forma, continuaram a influir politicamente no Estado.

Apesar do discurso histórico a respeito da Cristera aqui estudado ter sido bastante diverso, as fontes utilizadas por essa historiografia pouco variaram. Os historiadores geralmente se dedicaram aos arquivos da LNDLR (Liga Nacional de Defesa da Liberdade Religiosa), fundos com documentação oficial acerca da revolta, e outros fundos com

²⁹⁵ ORTOLL, Servando. “Faccionarismo episcopal em México y Revolución Cristera.”. In: DE LA ROSA, Martín & REILLY, Charles. (coords.) *Religión y política en México*. México DF: Siglo XXI, 1985.

documentação pessoal de figuras proeminentes na Cristera. Essa documentação parece riquíssima e variada, o que pode ser verificado pela abundância de visões produzidas a partir dessas fontes. Porém, apenas mais recentemente as obras literárias que trataram da Cristera começaram a servir de material de análise tanto de historiadores como de estudiosos da literatura.

Por meio da análise dos textos que estudaram a literatura sobre a cristera, foi possível encontrar algumas características comuns que seus estudiosos levantam a respeito desse material: em geral, eles são considerados maniqueístas, tendo sido escritos para defender um dos lados da contenda; muitas vezes foram escritos por pessoas que participaram da Rebelião de alguma maneira; e, por fim, não são considerados como boa literatura. Contudo, essa literatura é bastante heterogênea, de forma que essas características não abrangem todos os textos que tratam da Cristera. Mas é importante notar que os textos considerados como de boa qualidade literária são ao mesmo tempo exceções por tratarem do conflito sem um maniqueísmo, mesmo que de alguma maneira defendam um dos lados do conflito.

A historiografia muitas vezes buscou na literatura cristera uma “verdade histórica”, e se decepcionou com a procura. Essa decepção se deve em grande parte ao fato de que os autores dessas obras ficcionais, ao escreverem seus textos, tinham um objetivo diferente, como a própria historiografia logrou indicar. Dessa forma, a literatura cristera foi pouco utilizada como fonte histórica e, quando o foi, acabou condenada como falsificadora da realidade, talvez porque os estudiosos do tema tenham feito perguntas a esse material que ele não se propõe a responder.

Acreditamos que as análises da literatura obtêm mais sucesso quando pensam a respeito da origem desse material, como ele foi feito, por quem foi lido, e com que

objetivos foram escritos. Dessa forma, uma questão a respeito desses escritos foi pouco tocada pela bibliografia e continua ecoando: por que durante tanto tempo a literatura (e especialmente a novela) foi a principal forma de se interpretar a história da Cristera? Como vimos, os autores que escrevem sobre as novelas, apesar de muitas vezes cobrarem um certo rigor historiográfico a esse material, dificilmente relacionam as novelas e a literatura com a historiografia especificamente sobre a Cristera, que só começou a ser escrita na década de 1960. Nos parece fundamental refletir sobre a seguinte questão: por que as novelas foram escolhidas como campo de batalha para a “guerra das letras” travada entre os favoráveis e os opositores da causa cristera? Ou seja, ao invés de condenar essas obras por seu caráter de propaganda de um determinado projeto político, talvez seja mais proveitoso tentar entender os motivos pelos quais elas foram escritas dessa maneira.

Tendo em vista a hegemonia *priísta* no período posterior ao fim da Rebelião Cristera tanto no campo político como nas interpretações históricas, a novela, como destacado por Sefchovich²⁹⁶, foi a única manifestação cultural crítica ao discurso oficial. A partir da análise da historiografia e da novela *Héctor* podemos identificar que os autores das novelas de tema cristero encontraram na literatura, na ficção, uma liberdade para defender suas idéias e criar uma determinada memória da Cristera que dificilmente encontrariam na política oficial, na imprensa ou em qualquer outro espaço no momento político que vivia o México depois da guerra.

Nesse sentido, a novela de Jorge Gram (David Ramirez), *Héctor*, constrói uma representação do México pós-revolução oposta àquela favorável ao regime encabeçado pelo partido revolucionário. Escrita por um sacerdote católico que apoiara o movimento cristero,

²⁹⁶ SEFCHOVICH, Sara. *México: país de ideas, país de novelas: una sociología de la literatura mexicana*. México, DF: Grijalbo, 1997. p. 110.

Héctor interpreta a história mexicana recente de um ponto de vista católico e francamente opositor da Revolução. Em *Héctor* é possível encontrar um forte discurso anti-laicizante, que em muitos momentos se aproxima do tradição do pensamento conservador mexicano. Contudo, parece pouco frutífero simplesmente defini-la como um produto de uma determinada vertente de pensamento. Como buscamos indicar, *Héctor* dialoga diretamente com o período da Rebelião Cristera e com algumas problemáticas surgidas nesse período histórico. Além disso, por se tratar de um texto ficcional, abre espaço para vozes que dissoam do discurso defendido pelo próprio autor da novela.

Poucos estudiosos se aproximaram de *Héctor* e, quando o fizeram, essa aproximação, serviu apenas para marcar como a interpretação maniqueísta da Cristera ali presente distorce a realidade histórica. Por não confirmar a Cristera que os historiadores construíram através das suas pesquisas, a novela *Héctor* é desconsiderada como uma contribuição para o debate a respeito do passado mexicano. Buscamos aqui um outro enfoque da obra, no qual o texto é um espaço de diálogo com o passado, e não matéria-prima para sua reconstrução.

Partindo dessa premissa, nossa leitura encontrou uma interpretação da Cristera diferente daquela descrita pelos estudiosos da novela no que se refere ao seu maniqueísmo. A contenda entre católicos simpáticos e antipáticos à guerra tem um amplo espaço na narrativa, maior que aquele reservado a discussão entre revolucionários e católicos, exatamente porque os católicos contrários à guerra têm voz e constituem personagens importantes. Por mais que dentro da trama da novela seja apresentado como um discurso vencido, a idéia da resistência pacífica presente na voz de alguns personagens da novela, que não são vilões, mostra que os católicos não formavam um grupo tão homogêneo como o próprio narrador gostaria que fosse.

A resistência pacífica foi estudada por Mathew Butler, que encontrou justamente um conflito no interior do grupo católico, entre aqueles que eram favoráveis à guerra e aqueles que preferiam uma outra *práxis* diante das leis callistas. Matthew Butler buscou matizar a concepção homogênea dos atores Estado e Igreja, indicando que entre os católicos existiam divisões e disputas entre visões de como a Igreja deveria influir na vida social mexicana. Assim, a participação dos católicos na guerra aparece como uma questão em debate entre os católicos do período. Por meio do estudo da novela *Héctor*, podemos apontar que a identidade *cristera*, ou seja, do católico guerreiro, não advém da natureza do mexicano, ou mesmo de uma característica cultural intrínseca e imutável, como afirma Meyer, mas sim da disputa entre projetos no interior do grupo católico.²⁹⁷

Contudo, esse trabalho não ecoou entre aqueles que estudaram a novela *Héctor*, que não tocaram no tema da resistência pacífica ao trabalharem com a novela. Avitia Hernandez, cujo trabalho foi bastante influenciado por *La Cristiada* de Jean Meyer, reduz a novela de Jorge Gram a um libelo da extrema-direita mexicana que conta a história de personagens fanáticos, desconsiderando qualquer contribuição da novela para o entendimento do período da Rebelião Cristera. Essa posição parece derivar, mais que da leitura do texto, de sua trama e personagens, do fato desta novela ter sido escrita por um sacerdote que apoiara a revolta e que vivera no âmbito urbano, e não no campo, lugar do qual teriam advindo os únicos cristeros dignos de estudo. Ou seja, apesar de dedicar diversas páginas à descrição da novela, Avitia Hernandez foi pouco além de encaixar no molde historiográfico desenvolvido nas teses de Jean Meyer.

²⁹⁷ BUTLER, Mathew. “Keeping the faith in revolutionary Mexico: Clerical and Lay Resistance to Religious Persecution, East Michoacán, 1926-1929.” *The Americas*, v. 59, n. 1, pp. 9-32, Julho 2002.

No entanto, como indicamos no terceiro capítulo, o personagem principal, Héctor, não é um jovem cristero fanático, mas sim um homem que convive com a dúvida até o último instante da trama e que escolhe lutar na guerra depois de muito pensar e conversar com personagens que cruzam seu caminho. Na novela, o ato de pensar é essencial para a formação de um cristero: lembremos que Padre Martín não aderiu à guerra porque não teve tempo de pensar.

Ao invés de julgarmos *Héctor* a partir de critérios de boa ou má literatura, buscamos indicar as possibilidades que essa novela traz para o estudo da história do período da Cristera. Como vimos, o literário trouxe à tona uma variedade de personagens que escaparam dos historiadores que, embasados em um modelo histórico anterior, desconsideraram os diálogos de *Héctor* com a história mexicana.

Bibliografia e Fontes

1) Novelas

ESTRADA M., Antonio. *Rescoldo: los ultimos cristeros*. México DF: Jus, 1961.

GRAM, Jorge.(Dr. David Ramirez). *Hector: novela histórica cristera*. Jus: México, DF, 1966.

KUBLI, Ernesto. *El último Cristero o la Iglesia en llamas*. México, DF: EDAMEX, 1989.

ROBLES, Fernando. *La Virgen de los Cristeros*. México, DF: La Prensa, s/d.

2) Historiografia

ALMEIDA, Jorge(org). *Caminhos da História da América no Brasil – tendências e contornos de um campo historiográfico*. ANPHLAC, Brasília, 1998.

ARIAS URRUTIA, Ángel. *Entre la cruz y la sospecha: los cristeros de Revueltas, Yáñez y Rulfo*. Madrid / Frankfurt, Iberoamericana / Venvuert, 2005.

ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (orgs.), *História da vida privada*, vol. 3, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *La Narrativa de las Cristiadas. Novela, cuento, teatro, cine y corrido de las Rebeliones Cristeras*. UAM - Unidad Iztapalapa - División de Ciencias Sociales y Humanidades, México D.F., 2006.

BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución mexicana*. México, D.F.: FCE, Centro de Investigación y Docencia Económicas, 2004.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1989.

BARTRA, Armando. *Los herederos de Zapata: movimientos campesinos posrevolucionarios em México*. México, DF: Era, 1986.

BAILEY, David. *Viva Cristo Rey: the cristero rebellion and the Church-State Conclict in Mexico*. Austin: University of Texas Press, 1974.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique.(orgs.) *Passados Recompostos. Campos e canteiros da. História*. Rio de Janeiro: UFRJ e Getúlio Vargas, 1998.

BETHELL, Leslie(ed.). *Historia de America Latina* (trad. Jordi Beltran e Maria Escudero). Barcelona: Editorial Crítica, 1992. v.9.

BRESCIANI, M. Stella, SAMARA, Eni M., LEWKOWICZ, Ida. (Org.), *Jogos da Política – Imagens, Representações e Práticas*, São Paulo, ANPUH/São Paulo-Marco Zero, 1992.

BRUSHWOOD, John S. *México en su Novela: una nación em busca de su identidad*. México D.F.: FCE, 1992. (Primeira edição em inglês: 1966; primeira edição mexicana: 1973)

- CAMÍN, Héctor Aguillar & MEYER, Lorenzo. *À Sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.
- CAMÍN, Héctor Aguillar. *Sonora y la Revolución Mexicana*. México, DF: Siglo XXI, 1984.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*(trad. Patrícia Chittoni Ramos). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana – la formación del nuevo régimen*. México, DF: Era, 1980.
- COSTA LIMA, Luiz. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 2002.
- DESSAU, Adalbert. *La Novela de la Revolución Mexicana*. México, DF: FCE, 1996.
- FERES JUNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- FLORESCANO, Enrique. *Memória Mexicana*. México D.F.: Taurus, 2001.
- FURET, François. *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, s/d.
- GILLY, Adolfo. CÓRDOVA, Arnaldo. BARTRA, Armando. MORA, Manuel Aguilar, SEMO, Enrique. CAMÍN, Héctor Aguillar. *Interpretaciones de la revolución mexicana*. México, DF: Editorial Nueva Imagen, 1979.
- GONZALEZ NAVARRO, Moisés. *Cristeros y agraristas en Jalisco*. México, DF: El Colegio de México, 2000-2003. 5 vols.
- GUEVARA, Gustavo. *La revolución mexicana: el conflicto religioso*. Avellaneda: Manuel Suárez, 2005.
- LARIN, Nicolás. *La rebelión de los cristeros*. México, DF: Era, 1968.
- LEENHARDT, Jacques & PASAVENTO, Santra Jatahy. *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa, Estampa, 1981, pp.19-42
- _____. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LLANO IBÁÑEZ, Ramón del; LEÓN GRANADOS, Marciano de. *Cristeros bajo el cielo de Querétaro*. México DF: Plaza y Valdes/ Universidad Autónoma de Querétaro, 2007.
- MATUTE, Alvaro. *La teoría de la historia en México (1940-1973)*. México D.F. : Septentas, 1974.
- MEYER, Jean. *La cristiada*. México, DF: Siglo XXI, 1988. 3 vols.
- _____. *Pro Domo Mea: La Cristiada a la distancia*. México DF: Siglo XXI, 2004.
- OLIVERA SEDANO, Alicia. *Aspectos del conflicto religioso de 1926 a 1929*. México, DF: Instituto Nacional de Antropología, 1966.

- OLIVERA DE BONFIL, Alicia. *La Literatura Cristera*. México DF: INAH, 1970.
- _____. *Miguel Palomar y Vizcarra y su interpretación del Conflicto Religioso de 1926*. (Entrevista) . México DF: INAH, 1970. p. 30.
- PEDROSA DA SILVA, Caio. *Uniformidade e especificidade nas abordagens sobre a Cristera. (1960-2000)*. Unicamp: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2007.
- PORTES GIL, Emilio. *La Lucha entre el poder civil y el clero*. El día en libros sociedad cooperativa publicaciones, México DF, 1983. (Primeira edição: 1934)
- RAGO, Margareth & GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira.(orgs) *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Ciências Humanas, 2000.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *América Latina: história e presente*. São Paulo: Papirus, 2004.
- RUIZ ABREU, Álvaro. *La Cristera: una literatura negada (1928-1992)*. México D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco, 2003.
- SEFCHOVICH, Sara. *México: país de ideas, país de novelas: una sociología de la literatura mexicana*. México, DF: Grijalbo, 1997.
- VACA, Agustín. *Los silencios de la historia: las cristeras*. México, El Colegio de Jalisco, 1998.
- _____. *Hasta el Cuello en la Cristería: Antonia Castillo platica con Agustín Vaca*. Zapopan, Jal. El Colegio de Jalisco/ INAH, 2003.

Artigos:

- BAILEY, David. “Revisionism and the Recent Historiography of the Mexican Revolution”. *THE HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW*, v. 58, n. 1, pp. 62-79, February 1978.
- BERBUSSE, Edward J. “The Unofficial Intervention of the United States in Mexico’s Religious Crisis, 1926-1930”. *THE AMERICAS*, vol. 23, n.1, pp. 28-62, July 1966.
- BEEZLEY, William H. “The Mexican Revolution: a review”, *Latin American Research Review*, Vol. 13, Nº2, 1978. pp. 299-306.
- BOYER, Christopher R. “Old Loves, new loyalties: Agrarismo in Michoacán, 1920-1928”. *THE HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW*, vol. 78, n. 3, pp. 419-455, August 1998.
- BUTLER, Mathew. “The ‘Liberal’ cristero: Ladislao Molina and the Cristero Rebellion in Michoacán(1927-1929)” *JOURNAL OF LATIN AMERICAN STUDIES*, v. 31, Part 3,. pp. 645-672, October 1999.
- _____. “Cristeros y agraristas en Jalisco: una nueva aportación a la historiografía cristera”. *HISTORIA MEXICANA*, v. 52, n. 2, , pp. 493-530, octubre-diciembre 2002.
- _____. “Keeping the faith in revolutionary Mexico: Clerical and Lay Resistance

to Religious Persecution, East Michoacán, 1926-1929.” THE AMERICAS, v. 59, n. 1, pp. 9-32, July 2002.

CORDOBA, Arnaldo. “El jacobinismo revolucionario” In: *Así fue la Revolución Mexicana: El triunfo de la Revolución*. Tomo V. SEP – Senado de la República. México DF, 1985. (Comisión Nacional para las Celebraciones del 175° Aniversario de la Independencia Nacional y el 75° Aniversario de la Revolución Mexicana)

GUERRA MANZO, Enrique. “Católicos y agraristas zamoranos ante el Estado posrevolucionario (1929-1938)” SECUENCIA. n° 53, Mayo-agosto 2002.

GONZÁLEZ, Fernando M. “Los católicos ‘tiranocidas’ en México durante la presidencia de Plutarco Elías Calles. (1924-1928)” HISTORIA Y GRAFIA. n°14, 2000.

GONZÁLEZ Y GONZÁLEZ, Luis. “Teoría de la microhistoria”. In: *Todo es historia*. Cal y Arena: México DF, 1989.

GONZÁLEZ, Luis. “El rigor documental en la historia de Mexico”. RELACIONES. vol. IV, no. 14, Primavera 1983.

GONZALEZ NAVARRO, Moisés. “La Iglesia y el Estado en Jalisco en vísperas de la rebelión cristera”. HISTORIA MEXICANA, v. 33, n. 2, pp. 303-317, Octubre-Diciembre 1983.

GUERRA MANZO, Enrique. “Guerra cristera y orden público en Coalcomán, Michoacán, 1927-1932”. HISTORIA MEXICANA, v. 51, n. 2, pp. 325-362, Octubre-Diciembre 2001.

JRADE, Ramon. “Inquiries into the Cristero Insurrection against the Mexican Revolution”. LATIN AMERICAN RESEARCH REVIEW, v. 20, n. 2, pp. 53-69, 1985.

KNIGHT, Alan. “The Mexican Revolution: Bourgeois? Nationalist? Or just a ‘Great Rebellion?’” BULLETIN OF LATIN AMERICAN RESEARCH. v. 4, n. 02, pp.1-37, 1985.

_____. “Popular Culture and the Revolutionary State in Mexico, 1910-1940”. THE HISPANIC AMERICAN HISTORICAL REVIEW, v. 74, n. 3, pp. 393-444, August 1994.

MERCHANT, Luis Anaya. “La construcción de la memoria y la revisión de la Revolución”. HISTORIA MEXICANA. v. 44, n.4, pp.525-536, Abril-Junho, 1995.

MILLER, Barbara. “The Role of Women in the Mexican Cristero Rebellion: Las Senoras y las Religiosas”. THE AMERICAS, v. 40, n.3, pp.303-323, January 1984.